

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

LUCIANO DA ROSA DOS SANTOS

POTENCIALIDADES DO ENSINO À DISTÂNCIA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA: elaboração, validação, aplicação e
avaliação de um curso de Tênis em Escolas para professores
do ensino básico

Porto Alegre

2007

LUCIANO DA ROSA DOS SANTOS

POTENCIALIDADES DO ENSINO À DISTÂNCIA EM
EDUCAÇÃO FÍSICA: elaboração, validação, aplicação e
avaliação de um curso de Tênis em Escolas para professores
do ensino básico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Co-orientadora: Prof^a. Dra. Maria Isabel Timm

Porto Alegre

2007

LUCIANO DA ROSA DOS SANTOS

POTENCIALIDADES DO ENSINO À DISTÂNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA:
ELABORAÇÃO, VALIDAÇÃO, APLICAÇÃO E AVALIAÇÃO DE UM CURSO DE
TÊNIS EM ESCOLAS A PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO

Esta dissertação de mestrado foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano e aprovada em sua forma final pelo professor orientador e pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof^a Dra. Silvana Vilodre Goellner
Coordenadora do PPGCMH/UFRGS

Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti
Orientador (UFRGS)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho (PPGCMH/UFRGS)

Prof. Fernando Schnaid, Ph. D. (PPGEC/UFRGS)

Prof^a Dra. Marli Hatje (UFSM)

Porto Alegre, 13 de Setembro de 2007.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho desta magnitude não se faz sozinho. Muitas pessoas participaram, direta e indiretamente, da concretização desta dissertação. Gostaria de agradecer fortemente a todos os que dedicaram seu tempo, empenho, conhecimento e paciência, dentre os quais:

Minha família, formadora de toda a minha base moral e emocional;

Leka, minha companheira de toda esta jornada, fonte de inspiração, meu porto seguro (*Szeretlek!!!*);

Prof. Dr. Carlos Balbinotti, orientador, que me auxiliou a construir toda a minha vida acadêmica, desde os tempos de monitoria, durante a graduação;

Prof^a Dra. Maria Isabel Timm, co-orientadora, de vital participação neste trabalho. Portadora de uma imensa paciência, grande orientadora;

UFRGS/ESEF, por proporcionar um ambiente de qualidade para a minha formação, desde a graduação;

Drndo. Marcos Barbosa, Ms. Luciano Juchem, Ms. Carla Capozzoli, Ms. Paulo Cabral, Prof^a Patrícia de Paula, grandes amigos que tive o privilégio de conhecer durante este processo;

Drndo. Luis Otoni Ribeiro, Drndo. Raymundo Ferreira Filho, Msndo. Marcelo, Prof. Estevão, Prof^a Simone Pansera, Prof^a Ana Azevedo, de virtuosa contribuição para a qualidade deste trabalho;

Prof. Magno, Prof. João e Prof^a Sônia, meus “alunos”;

Todos os integrantes do Centro de Artes e Educação Física (CAEF), principalmente a Profª Dra. Helena de Souza Nunes (coordenadora); Msndo. Rodrigo Schramm, Felipe e Max (informática); Jean Corseuil (ilustrações);

Profª Ms. Sâmara Berger, Guilherme Bittencourt e Eduardo Pergher (Equipe “Educação Física Escolar”/CAEF), colegas de trabalho, confidentes, revolucionários, amigos!!

Todos meus amigos que, mesmo indiretamente, deram grande apoio a este trabalho.

Sem vocês, esta caminhada seria impossível.

Muitíssimo obrigado!!!

RESUMO

Esta dissertação versa sobre a elaboração, validação, aplicação e avaliação de um curso experimental à distância de Tênis em Escolas. Seu objetivo geral é avaliar a possibilidade de utilização de Educação à Distância em cursos da área de Educação Física, visando a disseminação do Tênis. Para tanto, utilizando-se as diretrizes propostas por Moore (1991, 1996), em sua Teoria da Distância Transacional, elaborou-se um curso de Tênis em Escolas, voltado a um público de professores do ensino básico que ministram a disciplina de Educação Física em turmas de 1^a a 4^a séries. Este curso, após ser validado por dois grupos de especialistas (em Tênis e em EAD), foi aplicado, experimentalmente, a professores voluntários. Mesmo com diversas limitações, os professores ficaram muito satisfeitos com o curso. Não se pode, apenas com estes resultados, tecer parecer definitivo sobre a utilização da EAD em cursos da área de Educação Física. Entretanto, aponta-se positivamente para sua utilização, em futuros trabalhos nesta área.

Palavras-chave:

Educação à Distância mediada por Computador – Tênis em Escolas –
Informática na Educação

ABSTRACT

This dissertation lays on the elaboration, validation, application and evaluation of a Tennis in Schools' experimental course, in a Distance Education format. Its objective is to evaluate the possibility of utilization of Distance Education in Physical Education courses, aiming in disseminating Tennis knowledge. For that, using the directions proposed by Moore (1991, 1996), in his Transactional Distance Theory, it has elaborated a course about Tennis in Schools, for Teachers from Basic Education classes, who teach Physical Education. This course, after being evaluated by two groups of experts (in Tennis and in Distance Education), was given, experimentally, to volunteer teachers. Even with several limitations, the teachers were very satisfied with the course. It can't, just with these results, write a statement about the utilization of Distance Education in Physical Education. However, it points affirmatively for your utilization in further studies.

Key words:

Computer-based Distance Education – Tennis in Schools – Informatics in Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Página Inicial da Validação de Conteúdo.....	53
Figura 2: Página de explicação do Processo de Validação de Conteúdo	54
Figura 3: Página de explicação dos Objetivos do Curso	54
Figura 4: Página de Validação de Conteúdo.....	55
Figura 5: OE "Linha do Tempo e Fatos do Tênis"	68
Figura 6: OE "Fundamentos Técnicos"	70
Figura 7: OE "Regras do Tênis"	72
Figura 8: OE "Progressão Pedagógica"	73
Figura 9: OE "Adaptação de Espaços e Materiais"	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Organização do Projeto Instrucional do Curso	77
Tabela 2: Validação de Conteúdo - OE Linha do Tempo	79
Tabela 3: Validação de Conteúdo - OE História (Texto)	79
Tabela 4: Validação de Conteúdo - OE Fundamentos Técnicos.....	80
Tabela 5: Validação de Conteúdo - OE Regras	80
Tabela 6: Validação de Conteúdo - OE Aspectos Teóricos	81
Tabela 7: Validação de Conteúdo - OE Progressão Pedagógica.....	81
Tabela 8: Validação de Conteúdo - OE Adaptação de Espaços e Materiais.....	82
Tabela 9: Respostas da Validação do Projeto Instrucional	82
Tabela 10: Respostas do Questionário de Satisfação com o Curso.	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O TÊNIS: DA QUADRA CENTRAL AO PÁTIO ESCOLAR	17
1.1 Uma Introdução ao Tênis.....	17
1.1.1 História do Tênis	18
1.1.2 Fundamentos Técnicos do Tênis	20
1.1.3 Benefícios da Prática do Tênis.....	21
1.2 O Tênis nas Escolas.....	22
1.2.1 Justificativas à inclusão do Tênis nas Escolas.....	22
1.2.2 Implicações da Inclusão do Tênis nas Escolas:	25
1.2.3 Adaptação de Materiais.....	27
1.2.4 Um modelo de Ensino do Tênis	27
2 EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA MEDIADA POR COMPUTADOR	29
2.1 Definições	29
2.2 Contextualização Histórica	30
2.3 As TIC na Educação	32
2.4 A Educação à Distância	34
2.4.1 Conceituação e Caracterização de EAD	35
2.4.2 Teoria da Distância Transacional (MOORE, 1991)	37
2.4.3 Modelo Sistêmico de Construção de Curso	41
2.4.4 Histórico da EAD no Mundo	43
2.4.5 Histórico da EAD no Brasil	46
2.4.6 Educação à Distância em Educação Física	48
3 ABORDAGENS METODOLÓGICAS.....	50
3.1 Participantes da Pesquisa:.....	50
3.2 Procedimentos Metodológicos:.....	51
3.2.1 Etapa de estruturação do curso	51
3.2.2 Etapa de validação com especialistas.....	52
3.2.3 Etapa de aplicação.....	57
3.2.4 Etapa de avaliação:.....	57
4 DESENVOLVIMENTO E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	60

4.1 Planejamento do Curso: identificação das fontes	60
4.1.1 Público:.....	61
4.1.2 Filosofia Educacional do CAEF	62
4.1.3 Tipo de curso:.....	62
4.1.4 Definição dos conteúdos:	63
4.2 Projeto Instrucional	64
4.2.1 Módulo de Noções em Informática	66
4.2.2 Módulo de Introdução ao Tênis	67
4.2.3 Módulo de Tênis nas Escolas.....	72
4.3 Oferta	77
4.4 Validações:	78
4.4.1 Validação de Conteúdo	78
4.4.2 Validação do Projeto Instrucional	82
4.5 Interação	83
4.5.1 Descrição do Curso:	83
4.6 Avaliação do Curso	92
4.6.1 Satisfação.....	92
4.6.2 Participação.....	93
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
5.1 Limitações.....	96
5.2 Conclusões	98
REFERÊNCIAS.....	101
ANEXOS	107
APÊNDICES	133

INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre a elaboração, validação, aplicação e avaliação de um curso experimental à distância de Tênis em Escolas. Através de meios multimídia baseados em um espaço cibernético, busca-se que professores do ensino Básico encontrem informações suficientes que lhe permitam adaptar o Tênis às capacidades e necessidades de seus alunos, contribuindo também para a diversificação do programa curricular da Educação Física Escolar.

A inclusão do Tênis em Escolas baseia-se principalmente em dois grandes pontos. Primeiramente, a popularização do esporte. Conhecido como um esporte de elite, o Tênis pode, com adaptações, ser praticado por escolares de várias classes sociais que, de outra forma, dificilmente o vivenciaríamos (STUCCI, 1993; PINTO et al., 1998; DALLA COSTA et al., 2005; DIAS et al., 2005). Com isso, diversas crianças podem se interessar, vindo a praticá-lo em clubes ou outras iniciativas de massificação do esporte. Assim, pode-se gerar um aumento no número geral de praticantes e, porque não, no aparecimento de novos tenistas profissionais.

Segundo, combater um quadro nada alentador. Alguns estudos demonstram que escolares estariam apresentando um desenvolvimento motor empobrecido, principalmente em se tratando das habilidades manipulativas e, conseqüentemente, de rebatida (VALENTINI, 2002; SURDI et al., 1999; ISAYAMA et al., 1998). Para esses autores, esse quadro deve-se, também, pela falta de oportunidades e estímulo. Ou seja, faltam atividades que promovam o desenvolvimento destas habilidades. Isto acaba gerando conseqüências para o resto da vida, uma vez que a infância é a fase mais importante para desenvolvimento motor de uma pessoa (ISAYAMA et al., 1998).

Durante aulas de Tênis Institucionalizado, esse quadro se torna claro. Nas primeiras aulas, cujo objetivo é vivenciar atividades mais simples, utilizando-se raquetes e bolinhas, os alunos demonstram grandes dificuldades. Adolescentes e

adultos que desejam aprender a jogar Tênis vêem os primeiros meses de prática como um momento cheio de obstáculos. Como resultado, uma grande parte dos iniciantes, mesmo aparentando estarem motivados à prática, acabam desistindo do esporte.

Na disciplina de Tênis de um curso de licenciatura em Educação Física, uma situação semelhante parece acontecer. Atividades como quicar uma bola com a raquete se mostram exercícios muito complexos para alguns. Isto acaba fazendo com que o aprendizado dos fundamentos técnicos fique comprometido, uma vez que o aluno não demonstra confiança em acertar a bola. Conseqüentemente, poucos se interessam em utilizar o Tênis nas suas futuras atuações profissionais, como professores. Na realidade, uma grande parcela dos graduados que optam por trabalhar nesta área são oriundos das próprias quadras (ex-jogadores ou familiares de professores). Desta forma, a comunidade tenística não agrega novos profissionais, mesmo estando em um ambiente propício para tal.

Essas duas situações estão no extremo oposto ao ambiente escolar, mas podem ser uma conseqüência direta desse. Como foi dito anteriormente, na Educação Física Escolar existe uma falta de oportunidades que desenvolvam habilidades manipulativas. Em parte, essa carência pode ser explicada pelo fato de que, durante a sua formação, o próprio professor não tenha tido a oportunidade de estudar algum esporte de raquete – e, conseqüentemente, formas de adaptar atividades de rebater. Dias e colaboradores (2002) expõem essa falta de oportunidade, mostrando que o conteúdo Tênis é trabalhado em apenas 16 cursos superiores de Educação Física¹. Além disso, muitos dos professores que ministram a disciplina de Educação Física Escolar no ensino Básico não possuem formação específica.

Uma alternativa a esta situação pode ser a qualificação dos professores, através de cursos de atualização que foquem nessa questão. Por meio desses cursos, os professores podem conhecer e/ou reciclar formas de trabalho, adaptando-

¹ Segundo os autores, de um total de 162 questionários enviados a cursos de Educação Física em todo o Brasil, 71 foram devolvidos.

as ao seu estilo e suas necessidades. Nestes ambientes de formação, podem ser estimulados conteúdos subtrabalhados – como o Tênis, por exemplo.

Entretanto, cursos voltados a um público adulto, de um modo geral, possuem um sério empecilho: a disponibilidade de horário. Muitos professores se vêem forçados a uma ampla carga horária, a fim de prover suas necessidades financeiras. Desta forma, freqüentar cursos se torna uma tarefa difícil, pela falta de tempo para esta atividade. Caso morem em uma cidade grande, os professores possivelmente perderiam um tempo considerável no deslocamento até o local do curso. Caso morem fora de centros metropolitanos (onde uma parcela razoável dos cursos é aplicada), este tempo tende a aumentar consideravelmente. Além disso, adequar-se aos horários dos cursos também gera mais um desestímulo ao envolvimento.

Como forma de se minimizar este problema, muitos cursos estão recorrendo a uma forma diferente: a utilização da Educação à Distância (EAD). Nos últimos anos, desenvolveu-se no mundo inteiro, e no Brasil, um grande interesse pela EAD, como forma de ampliar as possibilidades de acesso à educação para populações com dificuldade de se adequar a cursos presenciais – trabalhadores, mães com filhos pequenos, moradores de localidades distantes dos centros, entre outros (MOORE, 1986, 1991, 1994, 1996; KEEGAN, 1996; GURI-ROSENBLIT, 2005; GUELDENZOPH, 2003; GORSKY, 2005; DWYER, 2000; MOTAMETI, 2000; WILSON, 2001; NASCIMENTO, 2003; PIERRE, 1998). A EAD ganhou importância principalmente em função das novas tecnologias de informação e comunicação, que proporcionam uma maior interatividade do aluno tanto com o material, quanto com seus colegas/professores.

Uma amostra deste interesse é o desenvolvimento de teorias de EAD, entre elas a Teoria da Distância Transacional (MOORE, 1991). Segundo esta teoria, a transação a que denominamos Educação a Distância ocorre entre professores e alunos num ambiente que possui, como característica especial, a separação entre estes agentes. Esta separação, denominada distância transacional, possui três componentes principais – diálogo, estrutura e autonomia do aluno – sendo a relação entre estes que resulta em uma distância transacional maior ou menor.

Todavia, a utilização da EAD na área de Educação Física parece ser pouco trabalhada. No banco de teses NUTESSES (www.nuteses.ufu.br), por exemplo, existem apenas três dissertações/teses sobre o tema. Por mais que pareça controversa a idéia de se utilizar EAD em uma área eminentemente prática, Nascimento (2003) e Pierre (1998) concordam que esta combinação pode render bons resultados.

Em meio a este contexto, surgem as seguintes questões de pesquisa:

- É possível estruturar um curso à distância de Tênis em Escolas destinado a um público de professores do ensino fundamental?
- Quais as necessidades de adaptação de estrutura pedagógica e conteúdos para a criação de um curso experimental desta área?
- Como realizar uma avaliação de desempenho e de satisfação com o curso à distância de Tênis em Escolas?
- Como os resultados da implantação de um curso experimental de Tênis em Escolas podem contribuir para o uso de EAD na Educação Física, destinado ao público-alvo desta pesquisa?

Como decorrência destas questões, definiu-se o seguinte objetivo geral para este trabalho:

- Avaliar a possibilidade de utilização de EAD em cursos da área de Educação Física, visando a disseminação do Tênis.

Especificamente:

- Realizar pesquisa bibliográfica de contextualização da Educação à Distância no Brasil e no mundo, para a área de Educação Física, bem como da aplicação do Tênis em escolas;
- Elaborar um curso de Tênis em Escolas, voltado a professores do Ensino Básico;

- Pesquisar modelo didático-pedagógico que possa contribuir para a adaptação do curso de Tênis em Escolas para o ambiente de EAD;
- Adaptar o curso a uma plataforma de suporte à Educação à Distância, reestruturando material de multimídia já desenvolvido durante experiência anterior;
- Validar a proposta do curso, através da apresentação a especialistas em Tênis e em EAD;
- Aplicar o curso experimental a um grupo de professores do Ensino Básico;
- Avaliar a experiência, apontando para a eficiência ou não do modelo pedagógico proposto e do uso de EAD para educação física.

Hipoteticamente, é possível que se estimule a prática do Tênis, para escolares, através da qualificação dos professores via EAD. Com conhecimentos acerca do esporte, tais como seu histórico, suas regras, seus fundamentos técnicos, além da sua aplicação ao ambiente escolar, é provável que os professores consigam inserir o Tênis, em um nível elementar, como conteúdo de suas aulas, o que poderia inclusive aumentar a motivação das crianças na participação das aulas e outras atividades esportivas, além de favorecer seu processo de desenvolvimento motor.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: após uma breve introdução, serão expostos os pressupostos teóricos que serviram de embasamento à elaboração deste trabalho. Seguindo, apresentar-se-ão os métodos que foram adotados para a elaboração, validação, aplicação e avaliação do curso proposto. Após, à luz do referencial teórico apresentado, serão apresentadas e discutidas as etapas de planejamento e implementação do curso. Por fim, são apresentados conclusões e apontamentos para a continuidade da pesquisa.

1 O TÊNIS: DA QUADRA CENTRAL² AO PÁTIO ESCOLAR

O Tênis é conhecido como um esporte de elite, quer pela dificuldade de acesso ao seu material, quer pela falta de oportunidades de prática. Todavia, com algumas modificações, este esporte pode ser aplicado em escolas (PCN, 1998; PINTO et al., 1998; FREIRE, 2003; CRESPO, 1996; SANZ et al., 2002; ITF, 1998; DALLA COSTA, et al., 2005; DIAS, et al., 2005), fazendo com que mais pessoas possam vivenciá-lo.

Mostrar-se-á, primeiramente, uma introdução do Tênis, que objetiva descrever o esporte institucionalizado. Para tanto, far-se-á uma descrição da sua evolução, de seus fundamentos técnicos principais e dos benefícios de sua prática. Após, comentar-se-á sua inclusão no ambiente escolar, suas justificativas, a adaptabilidade dos materiais, além de sua fundamentação pedagógica. Também será realizada uma exemplificação de exercícios possíveis de serem aplicados a uma turma escolar.

1.1 Uma Introdução ao Tênis

O Tênis é um esporte de oposição, onde dois ou quatro jogadores tentam impulsionar a bola para o lado do adversário utilizando, para isto, uma raquete (BRECHBÜHL apud. LEITE, 1998). O objetivo do jogo é, basicamente, fazer com que o oponente não consiga devolver a bola apropriadamente. Para poder conhecer mais sobre o jogo, apresentar-se-á uma revisão histórica do mesmo, bem como uma análise de sua técnica e dos benefícios da sua prática.

² Referência aos torneios de Tênis, onde os jogos mais importantes, entre eles as finais, são disputados na principal quadra do clube que sedia o torneio.

1.1.1 História do Tênis

O surgimento do tênis é muito controverso. Diversas são as teorias sobre a sua gênese, especialmente sobre quais foram seus primeiros passos. Aqui, será seguida a linha proposta pela Real Federação Espanhola de Tênis (RFET, 1993), por esta parecer mais coerente, citando, sempre que verificado, suas divergências. Segundo esta teoria, para se falar do Tênis, antes é necessário tecer alguns comentários sobre a utilização da bola e da raquete como instrumentos de cultura corporal.

Os primeiros relatos da utilização de bolas remontam às civilizações egípcias, que as utilizavam em celebrações religiosas. Desta tradição, muitos séculos mais tarde, já na Grécia Antiga, surge um jogo, o primeiro que se tem notícia, a utilizar a bola: o *Sphairistike*. Este jogo é aprimorado em Roma, onde recebe regras mais elaboradas, sendo denominado de *Herpastum*. Segundo relatos, ele lembra uma espécie de voleibol, onde se jogava a bola para o oponente, utilizando-se apenas as mãos. Estes jogos podem ser considerados os primeiros antecessores dos esportes de rebater, entre os quais está o Tênis.

O próximo marco histórico importante de ser citado liga-se à Idade Média, no Século XI. Aqui surge, na França, o *Jeu de Paume*, principal precursor do Tênis atual. Era um esporte jogado com a mão, contra uma parede, e que com o passar do tempo se tornou extremamente popular, a tal ponto de ser proibido por um determinado período, pois a população deveria voltar a praticar atividades voltadas à guerra, e não ao lazer.

Durante toda a sua evolução, o *Jeu de Paume* deixou de ser jogado contra uma parede, mas sim contra adversários. Além disto, foram sendo incluídos diversos implementos, como bolas mais leves, quadras abertas e fechadas e, principalmente, raquetes, contribuição italiana do século XV. Outro ponto importante é a sua disseminação em várias partes do continente europeu, como por exemplo, na Inglaterra. Exemplos desta disseminação são textos de Erasmus de Roterdã, no

século XV, e Shakespeare, no século XVI, que descrevem passagens durante partidas de *Jeu de Paume*, inclusive descrevendo a contagem, que continua até hoje.

A questão da contagem permanece uma das mais discutidas até hoje. Tanto a RFET (1993), quanto Giffoni (1989), defendem que a criação da contagem como conhecemos hoje – 15, 30, 40 e game – provém, possivelmente, do sextante, um antigo aparelho utilizado nos estudos das estrelas, em voga nos séculos XV e XVI. O sextante, como o nome já indica, é dividido em seis partes, cada uma com 60°. Transpondo para o Tênis, teríamos o primeiro ponto sendo 15; o segundo, 30; o terceiro, 45; e o quarto 60, ou game. Como o game representaria 60°, seriam necessários seis games, a fim de se completar uma volta completa, ou 360°. Tempos mais tarde, talvez pela dificuldade de se pronunciar o 45 (em latim, *quadraginta quinque*), o terceiro ponto passou a valer 40.

Outro grupo de autores, entre eles Galliet (apud LEITÃO, 1998) vincula a contagem à posição de saque. Ao conquistar o primeiro ponto do game, o jogador se adiantava 15 pés. Ao conquistar o segundo, avançava mais 15 pés, o que totaliza 30. Ao ganhar o terceiro ponto, por já estar muito próximo da rede, só avançava 10 pés (40, no total). No quarto ponto, como já não podia avançar sem passar para a quadra adversária, ganhava-se o game, e começava-se tudo de novo.

Também vale ressaltar a adoção do nome *Tênis*. Os ingleses, ao verem os franceses jogarem, percebiam que os jogadores sempre gritavam a palavra *tenez* (em português aproximadamente *pegue!*). Ao levarem o esporte à Inglaterra, deram o nome de *Royal Tennis* ou simplesmente *Tennis*.

No século XIX, a prática do Tênis era muito apreciada. Entretanto, em cada lugarejo havia um esquema de regras diferentes. Observando este fato, em 1874, um major inglês, Walter Clopton Wingfield, criou um kit, que era constituído por raquetes, bolas, rede e, principalmente, um livreto com regras. Foi a primeira iniciativa clara de unificação das regras do jogo. Este kit (que, em sua primeira edição, levou o nome de *Sphairistike*), teve um enorme sucesso entre os ingleses, que o levaram para diversas partes do mundo, inclusive para o Brasil.

Oriundo deste sucesso, em 1877, jovens britânicos resolvem organizar um campeonato de Tênis. Para tanto, escolhem um clube de críquete, pois estes possuíam comumente um gramado bem nivelado, que facilitaria a prática do esporte. Desta forma, foi realizado, no bairro de Wimbledon, o primeiro grande torneio de Tênis, que ainda é realizado até hoje, no mesmo local.

Quanto à teoria do ingresso do Tênis no Brasil, existem duas correntes principais. A primeira diz que trabalhadores ingleses, principalmente ferroviários, trouxeram em sua bagagem o kit *Sphairistike*. Esta entrada ocorreu, principalmente, pelos estados de São Paulo e Rio de Janeiro (BRUSTOLIN, 1995). Já a segunda corrente defende a idéia de que foram os colonizadores alemães que primeiro ingressaram o Tênis no Brasil, pelo Rio Grande do Sul, cujo principal marco foi a construção do Clube Wahala, no final do século XIX (GIFFONI, 1989).

1.1.2 Fundamentos Técnicos do Tênis

A determinação de uma técnica principal, para um esporte como o Tênis – onde a técnica não conta na pontuação do jogo – tem como principal objetivo a resolução de uma determinada tarefa relacionada ao contexto esportivo (SCHONBORN, 2002). Assim sendo, ela deve maximizar o desempenho do jogador, fazendo com que este tenha o melhor resultado, com um comportamento econômico (físico e temporal) (MEINEL apud RFET, 1993). Ainda segundo a Federação Espanhola, “a técnica possui constantes invariáveis (físicas, biomecânicas, entre outras) e variáveis (características individuais), sendo que o conjunto destas acaba por formar um padrão técnico para cada jogador” (1993, p. 214).

O Tênis possui um grupo básico de fundamentos, com os quais, segundo o Comitê Olímpico Espanhol (1993), é possível jogar o Tênis. Estes fundamentos possuem quatro tipos básicos de elementos (jogo de pés, empunhadura, mecânica dos golpes e efeitos), que se combinam diferentemente para formar os golpes.

Os fundamentos são divididos entre golpes de fundo de quadra (realizados próximo à linha de base, se caracterizam principalmente pela força dos

golpes) e golpes de rede (realizados próximos da zona de saque e da rede, têm como principal característica o pouco tempo para a preparação do golpe). Como exemplos de golpes de fundo de quadra, têm-se o *Forehand* (quando o jogador bate a bola, no fundo de quadra, do lado do seu braço dominante), o *Backhand* (quando o jogador bate a bola, no fundo de quadra, no seu lado não-dominante) e o *Saque* (golpe que inicia os pontos, normalmente com o contato bola-raquete acima da altura da cabeça). Já os golpes de rede são, basicamente, os *Voleios* (quando o jogador rebate a bola antes desta ter quicado em sua quadra) e o *Overhead* (um voleio realizado acima da cabeça).

Segundo a RFET (1993), pode-se dividir os golpes, didaticamente, em quatro fases: posição inicial, ou de expectativa; preparação; transferência e contato; e terminação. Em anexo (Anexo A), pode-se encontrar uma breve descrição destes golpes básicos (todos referentes a uma pessoa destra), com o objetivo de mostrar os principais pontos de cada um. Convém ressaltar, contudo, que os golpes podem variar enormemente desta descrição, dependendo de uma série de fatores, como a altura da bola, o tipo da quadra, as condições climáticas, a tática empregada, as condições individuais de cada jogador, entre outros. Porém, todos serão adaptações deste padrão.

1.1.3 Benefícios da Prática do Tênis

Durante um jogo de Tênis, são impostas ao jogador grandes demandas cognitivas, psicológicas e coordenativas (LEITÃO, 1998) que, com a prática sistemática, acabam por ser desenvolvidas. Quanto às questões cognitivas utilizadas no esporte, existe uma alta utilização de noções de tática, principalmente quanto mais experiente for o jogador, o que não quer dizer que iniciantes não tenham um desenvolvimento cognitivo, quando submetidos às condições do jogo (McPHERSON, 1999).

Psicologicamente, o Tênis é um dos esportes mais exigentes (ATISHA, 2004; SAMULSKI, 2004). Questões como a autoconfiança, concentração e equilíbrio

mental são sempre citados, pelo senso comum, quando se fala das valências psicológicas exercitadas durante uma partida de Tênis. Sobre a concentração, Tilden (apud PINTO et al., 1998) afirma que a prática sistemática do tênis pode desenvolvê-la, a ponto de ser transportada para outras ocasiões do dia-dia do praticante.

Sobre os aspectos coordenativos utilizados no Tênis, durante o jogo existe a necessidade de se movimentar a diferentes velocidades, com mudanças bruscas de direções, parando e correndo, enquanto se mantém equilibrado para bater na bola (CHANDLER, 1995). Estes atos motores são orientados em função de uma série de variáveis externas como, por exemplo, as características cinéticas da bola (posição, direção, velocidade, altura, rotação) às quais o jogador deve reconhecer o quanto antes, para que tenha tempo hábil de formar uma resposta motora suficientemente adequada à exigência proposta. Conseqüentemente, a prática do Tênis pode trazer benefícios à coordenação óculo-manual, espaço-temporal, ao equilíbrio, à melhora do tempo de reação, entre outros (PAULA, 2005). Leitão (1998), por exemplo, demonstra estas melhorias em um trabalho com uma população de jovens, portadores de Síndrome de Down.

1.2 O Tênis nas Escolas

O Tênis nas Escolas consiste numa adaptação do jogo oficial do Tênis, onde os materiais, espaços e técnicas são adequados às necessidades do ambiente escolar. Estas adaptações dependem de diversos fatores como, por exemplo, a faixa etária com a qual se está trabalhando e os recursos de espaço/material disponíveis (ITF, 1999).

1.2.1 Justificativas à inclusão do Tênis nas Escolas

A inclusão deste esporte em escolas é argumentada por diversos autores. Stucci (1993), Pinto et al. (1998), Costa et al. (2005) e Dias et al. (2005) citam que a introdução do Tênis em ambiente escolar propicia uma popularização desse esporte, conhecido pelas suas características elitistas. Trazendo-o para a escola, pode-se

propiciar que crianças provindas de classes sociais menos favorecidas tenham uma oportunidade única de vivenciá-lo.

Freire (2003), e os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) citam o Tênis como um possível conteúdo nas aulas, colaborando para a diversificação do programa de Educação Física Escolar, normalmente centrado em um pequeno grupo de atividades. Avilés et al. [1996] também comentam sobre a possibilidade da utilização de conteúdos do Tênis vinculados a outras disciplinas, como a História e as Artes. Todo este quadro pode contribuir para o aumento do prazer pelas práticas físicas, melhorando os níveis de motivação intrínseca à prática de atividades físicas, influenciando diretamente na aderência a programas de vida mais ativos no futuro (RYAN et al., 1997).

O Tênis, praticado em escolas, pode também favorecer o desenvolvimento motor dos alunos (FREIRE, 2003). Para Isayama e Gallardo (1998), a infância é a fase mais importante desse processo. A ela, se relaciona a etapa denominada *fase das habilidades motoras fundamentais* (GALLAHUE et al., 2003) ou *habilidades básicas de movimento*, onde as experiências de movimento adquiridas servirão de base para desempenhos habilidosos no futuro. Correr, quicar, chutar e rebater são exemplos de habilidades motoras fundamentais, segundo Gallahue et al. (2003).

As habilidades motoras fundamentais podem diferenciar-se entre si e serem classificadas de acordo com as características comuns do movimento, ou seja, dentro das categorias *estabilizantes*, *locomotoras* e *manipulativas*. As habilidades motoras fundamentais estabilizantes compõem a base para o aprendizado de movimentar-se, uma vez que todo o movimento envolve um elemento de estabilidade; portanto, todas as atividades locomotoras e manipulativas são, em parte, movimentos estabilizadores. Movimentos axiais, rolamentos, desvio, apoio invertido são alguns exemplos destas habilidades de obtenção e manutenção do equilíbrio.

Por sua vez, habilidades locomotoras envolvem a projeção do corpo no espaço, alterando sua localização em relação a pontos fixos no ambiente; caminhar, correr, pular, escorregar e saltar obstáculos são exemplos destes movimentos. O desenvolvimento destes padrões locomotores é essencial, pois a partir deles o indivíduo é capaz de explorar o meio que o cerca.

Um pouco mais complexas, as habilidades motoras manipulativas envolvem a relação do indivíduo com objetos, seja aplicando ou absorvendo força. Arremessar, chutar, bater e rolar são exemplos de movimentos propulsores que lançam os objetos para longe do corpo. Interceptação e recepção são exemplos de movimentos amortecedores. Os padrões manipulativos combinam, com frequência, tanto movimentos locomotores quanto estabilizantes, derivando desta relação, seu grau de complexidade (Gallahue e Ozmun, 2003). Certas habilidades manipulativas requerem maior grau de percepção e ajuste que outras, uma vez que, além do corpo, incluem implementos para o contato com objetos. A rebatida é um exemplo legítimo, pois além de interceptar um objeto em movimento, ainda se propõe a projetá-lo no espaço incrementando-lhe força.

As habilidades motoras fundamentais maduras são indispensáveis para o desenvolvimento bem sucedido da especialização esportiva do movimento (GABBARD, 1992; HAYWOOD, GETCHELL, 2001; PAYNE, ISAACS, 2002; SEEFELDT, HAUBENSTRICKER, 1982; apud VALENTINI, TOIGO, 2004). Valentini e Toigo (2004) destacam ainda que este refinamento é dependente de instrução apropriada. Quando oportunidades para a prática e encorajamento não são propiciados, muitas crianças não chegam a adquirir os níveis necessários para avançar para níveis mais elevados de aplicação.

Dessa forma, as oportunidades de prática podem colaborar para a melhora de um quadro retratado por alguns pesquisadores: crianças de nível escolar com desempenho motor empobrecido, em especial em se tratando das habilidades de rebater (VALENTINI, 2002; SURDI, KREBS, 1999; ISAYAMA, GALLARDO, 1998). Conforme Valentini (2004, 2002), quando oportunidades de prática são propiciadas, as possibilidades de ganhos motores são otimizadas.

Para a Federação Internacional de Tênis (ITF), o Tênis, praticado nas escolas, poderia proporcionar benefícios no desenvolvimento motor, mental, emocional, social, intelectual, moral e físico dos alunos (ITF, 1998). Sanz et al. (2002) corroboram com estes pontos, dizendo que o Tênis fomenta atitudes positivas, como espírito de cooperação e ajuda mútua, inclinação para o esforço, compromisso com os objetivos e desafios, compreensão do caráter lúdico-recreativo da atividade desportiva, o jogo limpo e a conservação do patrimônio cultural. Ainda a Associação Americana de Tênis aumenta esta lista, incluindo benefícios no pensamento matemático e na capacidade de comunicação (USTA, 1996).

Além disto, a prática deste desporto, por escolares, vem se mostrando uma valiosa preparação de futuros tenistas. Isto pode ser visualizado em um estudo realizado pela ITF (CRESPO, 2005), onde países que têm por filosofia incentivar a prática do tênis em escolas, notadamente a França, formam um grande número de jogadores que figuram entre os melhores do mundo. Convém ressaltar, contudo, a necessidade de uma estrutura ampla, fora do ambiente escolar, que receba os alunos motivados pela prática escolar. Nestes locais, eles terão a oportunidade de desenvolverem-se como tenistas.

A fim de colocar em prática o Tênis Escolar, a ITF mantém um programa de Tênis em Escolas, desde o ano de 1996. Este programa auxilia tanto na distribuição de fundos e materiais (via federações nacionais), quanto na formação de professores capazes de ministrar tais aulas. Segundo Miranda (2004), este programa se mostra muito útil na massificação, promoção e formação das crianças. Com uma abrangência global, até o ano de 2005, mais de três milhões de crianças já haviam sido beneficiadas (MILEY, 2005).

1.2.2 Implicações da Inclusão do Tênis nas Escolas:

O Tênis, por ser uma atividade motriz com regras e componentes técnico-táticos bastante complexos, necessita ser adaptado para que seja aplicado com

sucesso nas aulas de Educação Física Escolar (PINTO et al., 1998; CRESPO, 1996; SANZ et al., 2002; ITF, 1998; DALLA COSTA, et al., 2005; DIAS, et al., 2005; MARCHON, 1999). O trabalho do Tênis na escola não será uma mera reprodução reduzida do Tênis institucionalizado. Deve-se realizar uma adaptação do esporte à realidade infantil, justificada, segundo o modelo francês de iniciação ao Tênis (MARCHON, 1999), no fato de que é o Tênis que deve se adaptar às crianças, e não o contrário. Adequando objetivos, exercícios e materiais, consegue-se com que exista um estímulo ao desenvolvimento da criança, dentro dos limites que ela comporta, naquele determinado momento. Isto vem ao encontro do que Forti (1992, p.26) postula como sendo um exemplo de “exigência seletiva”, onde se deve saber “combinar sutilmente estímulos precoces e variados, com momentos de espera”.

Deve existir um cuidado especial também quanto à progressão das atividades e materiais utilizados no decorrer das etapas. Na medida em que a criança vai crescendo e se desenvolvendo, tanto raquete quanto bola e quadra devem se moldar às suas capacidades. Entretanto, também as tarefas também devem ser revistas a medida em que as crianças vão desenvolvendo suas potencialidades, a fim de continuamente desafiá-las [AVILÉS et al., 1996].

Outro ponto importante de ser salientado é o foco dado às atividades. Segundo Crespo (1990), a iniciação ao tênis deve ser marcada principalmente pela descontração e alegria de se estar jogando. Desta forma, a estipulação de um clima motivacional adequado parece ser fundamental. Como estará trabalhando com crianças em um primeiro contato com o esporte, o professor deve estimular que seus alunos foquem na boa realização das atividades, sem dar tanta importância ao resultado – competitivo – da mesma.

Segundo Standage et al. (2003), esta atitude do professor seria necessária para criar um clima motivacional direcionado à maestria. Estes autores citam que nas atividades com esta conotação motivacional, os índices de aprendizagem são mais elevados. Esta abordagem também gera, nos alunos, um maior contentamento e prazer na realização da aula (CALVO, 2004), uma vez que os alunos terão que obter um desempenho ótimo (em detrimento a um desempenho máximo), onde as limitações e comparações de sua prática serão com as suas

próprias, e não com as de outros. Sendo mais prazerosa, a atividade acaba por motivar intrinsecamente os alunos, o que pode aumentar a probabilidade de adesão a esta prática (STANDAGE et al., 2003, RYAN et al., 1997).

1.2.3 Adaptação de Materiais

Um dos grandes empecilhos encontrados para a massificação do Tênis – assim como para a sua prática em ambientes escolares – está relacionado ao acesso aos materiais. Muitos dirigentes escolares argumentam que suas escolas não possuem quadras de Tênis, muito menos verbas para a aquisição de bolas e raquetes oficiais. Entretanto, este é um argumento que parece implausível (PINTO et al., 1998). Já existem raquetes, destinadas à prática do Tênis Escolar (comumente também chamado de mini-tênis), a preços muito acessíveis. Além disto, em casos onde, mesmo com um baixo custo, sua aquisição não é viável (por exemplo, na maior parte das escolas públicas brasileiras), a literatura especializada indica que os materiais podem ser facilmente adaptados, através de recursos alternativos. Pinto et. al. (1998), Avilés et. al. [1996], Stucci (1993) e ITF (1991, 1998) propõem a construção das raquetes com madeira. Também existem relatos de raquetes construídas com cabides de roupa e meias de Nylon (CAEF, 2005).

Também as quadras podem ser adaptadas em praticamente qualquer local. Basta, para isto, que seja minimamente plano, sem muitos buracos. Pinto e Cunha (1998) sugerem a utilização das demarcações da quadra de Voleibol, comumente presente nas escolas, como base ao desenho das quadras de Tênis. Os mesmos autores propõem a adaptação das redes podem ser com cadeiras, linhas de varal e toalhas. Stucci (1993) declara que, mesmo com estes materiais adaptados, os objetivos do tênis escolar podem muito bem ser alcançados.

1.2.4 Um modelo de Ensino do Tênis

Alinhada à base proposta anteriormente nesse trabalho, a Federação Internacional de Tênis (ITF, 1999) propôs que o ensino do esporte seja dividido em

três etapas: Pré-tênis, Mini-tênis, e o Tênis propriamente dito. Desses, os dois primeiros são voltados tanto para escolas quanto para clubes. Já o terceiro, por ser um estágio mais avançado, é mais indicado para clubes. Por isto, relacionaremos apenas os dois primeiros:

- Pré-Tênis:

É primeira etapa do ensino do Tênis. Neste trabalho, o objetivo é estimular, através da utilização de diversos materiais relacionáveis ao Tênis, as qualidades coordenativas que irão facilitar a aprendizagem futura do esporte. As atividades e jogos devem ter uma exigência técnica extremamente reduzida, dando à criança muita liberdade para poder criar um amplo e variado repertório motor. As tarefas devem ser, principalmente, realizadas em grupos e compostas por movimentos simples como: rolar, lançar, pegar, bater, bloquear, quicar, chutar, perseguir, equilibrar e pular. Deve-se lembrar que, aqui, a criança ainda não vai jogar o Tênis institucionalizado, assim como não joga Futebol ou Vôlei. Vai, sim, preparar sua base motora, bem como aprender a gostar da atividade, em um ambiente divertido e atraente, para que mais tarde possa vir a praticar o esporte com todas as suas exigências biomecânicas e regulamentares. Exemplos de atividades a serem realizadas nesta fase são jogos que tenham por objetivo apresentar os elementos do Tênis (quadra, bola e raquete) às crianças, bem como tarefas de equilíbrio da bola na raquete, condução, rebatida e outros.

- Mini-Tênis:

É o estágio intermediário do ensino do Tênis. Nele, as crianças terão o primeiro contato com situações reais de uma partida, como a utilização adequada dos fundamentos técnicos, por exemplo. Entretanto, todo o trabalho é realizado em um espaço reduzido em relação a uma quadra oficial, com materiais que se ajustem às características das crianças. Aqui, os alunos poderão começar a colocar em prática o repertório motor adquirido no pré-tênis, bem como combinar habilidades e aperfeiçoá-las. As atividades deste estágio se caracterizam por ter uma exigência técnica um pouco mais elevada que o estágio anterior, com exercícios um pouco mais específicos ao Tênis. Entretanto, deve-se ter cuidado com os excessos de correções de movimentos. Exemplos de atividades são jogos de passes, tênis-vôlei (equipe pode dar vários toques na bola) e outros jogos adaptados.

2 EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA MEDIADA POR COMPUTADOR

Muito se tem falado acerca das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e as suas influências na Educação à Distância contemporânea. Entretanto, são poucos os trabalhos que realizam uma definição das TIC, condição *sine qua non* para que seja realizada uma discussão clara e precisa. Com vistas a esta situação, buscar-se-á, inicialmente, definir e contextualizar o universo das TIC. Após, realizar-se-á uma revisão acerca da sua utilização em ambientes educacionais, bem como seu impacto na Educação à Distância mediada por computadores e na Educação Física.

2.1 Definições

Como tecnologia, se seguirá a linha de pensamento de autores como Harvey Brooks, Daniel Bell e Manuel Castells, que a definem como “o uso de conhecimento científico para especificar as vias de se fazer coisas de uma maneira reproduzível” (CASTELLS, 1999; p. 49). Desta forma, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) poderiam ser consideradas todas as formas de se transmitir conhecimento a terceiros, utilizando técnicas e instrumentos que possam ser reproduzidos. Assim sendo, Castells inclui, como exemplos de TIC, a microeletrônica, computação (software/hardware), telecomunicações/rádiodifusão e optoeletrônica, além da engenharia genética³ (1999; p. 49).

³ Entende-se que também existam TIC não-eletrônicas, uma vez que a informação pode ser acessada e transmitida através de outras ferramentas, que podem ser reproduzidas, se constituindo num meio fundamental de acesso à informação como instrumento de transformação e de produção de nova informação (BOLZAN, 1998).

Atualmente, as TIC referem-se a três domínios distintos, embora interligados entre si: (i) o processamento, armazenamento e pesquisa de informação; (ii) o controle e automatização de máquinas, ferramentas e processos; e (iii) a comunicação, nomeadamente a transmissão e circulação da informação (COELHO, 1986, apud PONTES, 2000).

Sob este ponto de vista, as TIC se constituem em um meio de comunicação à distância e uma ferramenta para o trabalho colaborativo. Isto porque, em vez de dispensarem a interação social entre os seres humanos, estas tecnologias possibilitam o desenvolvimento de novas formas de interação, potencializando, desse modo, a construção de novas identidades pessoais (PONTES, 2002).

2.2 Contextualização Histórica

Utilizando-se esta conceituação como ponto norteador, pode-se considerar que o uso de TIC remonta às populações ancestrais, que povoaram a Terra milhares de anos atrás. As ferramentas para deixar gravadas figuras e outros símbolos, em paredes ou pedaços de argila, podem ser consideradas formas de TIC, uma vez que comunicavam, aos que por ali passassem, fatos e feitos ocorridos por determinados grupos. Ramal (2002) traz diversos exemplos destas formas primitivas de tecnologia. A autora cita, por exemplo, que uma das primeiras utilizações destas formas de comunicação eram realizar registros contábeis de animais ou escravos, em populações do Oriente Médio, há seis mil anos atrás.

Seguindo este mesmo raciocínio, pode-se dizer que as mais importantes formas de TIC foram, sem dúvidas, a fala e a escrita (RAMAL, 2002). A fala, porque permitiu aos seres humanos que expressassem, de forma eficaz, os seus sentimentos e idéias. Com isso, abriu-se a possibilidade de se transmitir técnicas de sobrevivência, histórias e idéias a outros povos. Desta forma, o transporte da cultura de um povo para outros foi efetivamente possível.

A escrita também possui uma enorme importância no modo como vive-se hoje, pois com o seu surgimento, desenvolvimento e massificação, a humanidade teve a oportunidade de passar seus conhecimentos a um número incalculavelmente maior de pessoas, auxiliando, significativamente, a desenhar o desenvolvimento de nossa espécie. Sobre isto, Ramal (2002), no primeiro capítulo de seu livro “Educação na Cibercultura”, afirma que a escrita, uma forma de *tecnologia intelectual*, “funciona como uma nova memória, situada fora do sujeito, ilimitada” (p. 41).

Outro salto no desenvolvimento das TIC aconteceu com a invenção e o aprimoramento da transmissão de dados via cabos (telégrafos e telefone) e, posteriormente, pelo ar (rádio). Com eles, a informação começou a ter uma velocidade nunca antes alcançada, possibilitando uma ampliação do modo de comunicar-se com outras pessoas, talvez comparável apenas com aquela experimentada pelo surgimento da linguagem estruturada. Alguns teóricos, como Kranzberg e Pursell (apud CASTELLS, 1999) citam este salto no desenvolvimento como um marco da chamada *Revolução da Tecnologia da Informação*, que tem, como em outras revoluções, a característica da penetrabilidade, influenciando diretamente o modo como agimos e pensamos. É o que Castells define como técnicas “voltadas ao processo, induzindo novos produtos” (1999, p.50).

Já as novas tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), tais como televisão, vídeo, gravações de sons e, mais recentemente, com o advento das tecnologias digitais, como o computador, as redes (principalmente a Internet) e toda a gama de softwares e outras ferramentas multimídias, complementaram esta mudança de paradigma cultural, trazendo consigo todo um rol de novas atitudes, comportamentos e relações. Desta forma, as TIC abrem um novo leque de possibilidade e facilidades. Atualmente, são atividades já rotineiras realizar serviços bancários, compras, pesquisas, além de uma infinidade de outras atividades, sem sair de casa.

Estas mudanças acabam por também alterar as relações interpessoais. As facilidades de comunicação que as tecnologias a todo o momento oferecem tornam uma reunião de negócios, ou mesmo uma conversa de amigos, ambos

separados por oceanos, simples, rápidas e pouco dispendiosas. O acesso a um maior número de pessoas também auxilia no desenvolvimento de uma rede de contatos impossível de se imaginar sem estas novas ferramentas.

Agora, mais do que nunca, elas se transformaram em um meio de comunicação à distância e uma ferramenta para o trabalho colaborativo (permitindo o envio de mensagens, documentos, vídeos e software entre quaisquer dois pontos do globo). Neste sentido, elas podem ser consideradas tecnologias tanto cognitivas quanto culturais, no sentido de que a própria informação assume uma “dinâmica de mudança constante, alterando-se, crescendo e permitindo aos seus criadores a sua apropriação de forma transformadora” (PONTE, 2000; p.70).

Assim como em outras áreas, as influências das TIC também estão presentes na educação. No próximo tópico, comentar-se-á um pouco mais sobre elas.

2.3 As TIC na Educação

Como destacado no tópico anterior, as mudanças provocadas pelo desenvolvimento das TIC no cotidiano dos cidadãos do mundo ocidental, com acesso a elas, alcançaram até o ambiente escolar. Quer criando uma nova forma de apresentar os conteúdos (através de, por exemplo, vídeos e animações), quer até mesmo mudando a forma de ensinar (com a internet e a facilidade de se encontrar fontes), as TIC, atualmente, exercem um papel muito importante no modo como se educam as pessoas.

Essa importância se deve a diversos aspectos. O primeiro é, sem dúvidas, sua característica de facilitadora do processo de ensino-aprendizagem (NIQUITI et al., 1999). Com seu constante desenvolvimento, as TIC, através de vídeos, animações, ilustrações, simulações, entre outras, conseguem dar um novo sentido às explicações dos professores. Ou seja, elas atuam como uma materialização do conteúdo.

Além disso, com as animações, por exemplo, é possível focar em detalhes que, sem elas, seriam imperceptíveis (como as fases de um movimento desportivo) ou de compreensão muito difícil (como conceitos mais abstratos), ressaltando as informações mais pertinentes de um momento específico. Ponte (2002) defende estas idéias, argumentando que a utilização de TIC funciona como uma “ferramenta extra que o professor possui, pelas possibilidades alternativas que fornecem de expressão criativa, de realização de projetos e de reflexão crítica” (p. 3).

Outro ponto que merece destaque é a mudança nos padrões educacionais oriundos da inserção das TIC no ambiente escolar, principalmente a Internet. Por meio dessa ferramenta, o aluno tem a oportunidade de, com relativa facilidade, acessar qualquer informação que deseje. Agora, de uma maneira ainda mais simples, é possível ampliar e renovar conhecimentos, informar-se sobre eventos discernindo a fonte, discutir sobre isto com outras pessoas, além de muitas outras possibilidades. Desta forma, não seria difícil encontrar alunos que tenham um conhecimento pontual mais atual que de seu próprio professor, por exemplo. Por isto, alguns autores defendem que a sociedade está diante de uma mudança no paradigma educacional (PETERS, 2004; CASTELLS, 1999; NIQUINI et al., 1999; CRUZ, 1999; MOORE, 1996). Segundo eles, mais do que nunca, é necessário que se utilizem estas ferramentas, e o próprio professor, como facilitadores do processo. É o que Neto (1995, apud LEITE et al., 2000) afirma, quando cita que o novo papel das escolas é o de ensinar os alunos a lidar com a informação, e não apenas consumi-la.

Estas características são aplicadas tanto na utilização de TIC em cursos presenciais, quanto nos cursos à distância. Entretanto, nos cursos à distância, seu papel é muito maior, pois as tecnologias possuem atributos que complementam as necessidades de tal modalidade (LEITE et al., 2000). Assim, a utilização de chats,

fóruns e videoconferências podem facilitar na diminuição da distância transacional⁴, uma vez que estimulam o diálogo bidirecional entre os personagens do curso.

Também as próprias características da Internet apóiam os cursos à distância, na medida em que sua característica hipertextual permite aos alunos uma busca não-linear de conhecimento, auxiliando na idéia de autonomia do aluno. Além disto, Jung (2001) aponta, após revisar 58 artigos publicados em revistas de relevância internacional, que a Internet (e cursos baseados nela) proporciona uma interatividade expandida, uma adaptabilidade para tipos diferentes de alunos, bem como um ambiente repleto de fontes de informação multimídia.

Uma das formas de se trabalhar com TIC's na educação é através do desenvolvimento de Objetos Educacionais (Learning Objects). Objetos Educacionais, ou OE's, são definidos como uma entidade, digital ou não-digital, que pode ser usada, re-usada ou referenciada durante o ensino com suporte tecnológico (IEEE, 2005). Os OE's, do ponto de vista instrucional, correspondem a pequenos segmentos de estudo, estando atrelados a um ou mais objetivos de aprendizagem específicos (PINHEIRO, 2002). Os OE's podem ser construídos combinando vários elementos, tais como: HTML, Java, Flash, etc. Nesses objetos, pode-se incluir textos, áudio, vídeos, gráficos, questionários, jogos e exercícios. Entretanto, Vercoustre e McLean (2005) preconizam a importância da modularidade, voltada à reutilização, durante a construção dos OE's.

A seguir, mostrar-se-á uma revisão sobre a Educação a Distância, suas definições, características, contextualização histórica e sua teorização.

2.4 A Educação à Distância

Atualmente, vem aumentando o interesse na comunidade científica acerca da utilização dos recursos da Educação a Distância (EAD) (MOORE, 1986,

⁴ O conceito e as implicações da distância transacional serão aprofundados no item 2.4.2.

1991, 1994, 1996; KEEGAN, 1996; GURI-ROSENBLIT, 2005; GUELDENZOPH, 2003; GORSKY, 2005; DWYER, 2000; MOTAMETI, 2000; WILSON, 2001; NASCIMENTO, 2003; PIERRE, 1998). Especificamente, existem esforços na utilização de EAD em ambientes empresariais, em instituições de ensino (desde escolas até em cursos de pós-graduação), ou como forma de qualificação continuada de funcionários, principalmente professores. No Brasil, este interesse também é evidenciado, visto o crescente número de instituições, tanto públicas quanto privadas, em que cursos à distância ocupam espaço. Em quase todos os níveis de estudo, já é possível encontrar equivalentes à distância.

Entretanto, antes de tecer comentários e fazer referências às aplicações, será realizada, neste primeiro momento, uma discussão acerca da conceituação de Educação à Distância.

2.4.1 Conceituação e Caracterização de EAD

Existem diversos autores que, no decorrer das últimas décadas, formularam conceituações acerca do termo Educação à Distância. Moore et al. (1996), por exemplo, citam que:

Educação à distância é um aprendizado planejado, que normalmente ocorre em local diferente do ensino e, por isso, requer técnicas especiais na elaboração do curso, técnicas instrucionais especiais, métodos especiais de comunicação por meios eletrônicos e por outras tecnologias, assim como organização e estratégia administrativas especiais. (MOORE et al., 1996. p. 2).

Keegan (1996) propôs, após uma revisão e análise da terminologia utilizada na literatura, as seguintes características da Educação à Distância:

1. A separação do professor e do aluno, o que a distingue das aulas face a face;
2. A influência de uma organização educacional que a distingue do ensino presencial.

3. O uso de meios técnicos, geralmente impressos, para unir o professor e aluno, e oferecer o conteúdo educativo do curso.

4. O provimento de uma comunicação bidirecional, de modo que o aluno possa beneficiar-se, estabelecendo um diálogo.

5. O ensino aos alunos como indivíduos e raramente em grupos, com a possibilidade de encontros ocasionais, com propósitos didáticos e de socialização.

6. A participação em uma forma mais industrializada de educação, baseada na consideração de que a educação a distância se caracteriza por: divisão de trabalho, mecanização, automação, aplicação de princípios organizativos, controle científico, objetividade do ensino, produção massiva, concentração e centralização.

Já de acordo com a legislação brasileira, Educação à Distância “é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação” (Diário Oficial da União, 1998).

Como se vê, estes conceitos se assemelham bastante, caracterizando-se, como diz Litwin (2001), “pela utilização de uma multiplicidade de recursos pedagógicos com o objetivo de facilitar a construção do conhecimento” (p. 14), bem como pela “flexibilidade em torno da proposta de ensino, que hoje, como resultado do desenvolvimento das tecnologias da comunicação, tem as interações entre docentes e alunos favorecidas, encurtando as distâncias da modalidade” (p. 10). Distância esta que deve ser entendida como uma separação antes pedagógica que geográfica (MOORE et al., 1996).

De posse desta conceituação, partir-se-á agora para a descrição de uma das teorias que embasam a Educação à Distância, a qual será utilizada como suporte pedagógico à estruturação do curso experimental.

2.4.2 Teoria da Distância Transacional (MOORE, 1991)

Segundo Moore (1991), o conceito de transação tem origem em Dewey e Bentley (1949 apud MOORE, 1991). Para estes autores, denota a interação entre o ambiente, os indivíduos e os padrões de comportamento numa dada situação. A transação a que denominamos Educação à Distância ocorre entre professores e alunos num ambiente que possui, como característica especial, a separação entre alunos e professores. Esta separação conduz a padrões especiais de comportamento, afetando profundamente tanto o ensino quanto a aprendizagem. Assim, surge um espaço psicológico e comunicacional a ser transposto, um espaço onde possíveis mal-entendidos entre as intervenções do instrutor e as do aluno podem ocorrer. A este espaço psicológico e comunicacional dá-se o nome de “*distância transacional*”.

Esta distância transacional, que também ocorre em sistemas convencionais (presenciais) de ensino, é uma variável contínua, ou seja, é antes relativa que absoluta (Moore et al., 1996). Visto desta forma, o que é normalmente referido como EAD pode ser caracterizado como um subgrupo de eventos educacionais. Nestes, a separação de professor e aluno é tão significativa que afeta seus comportamentos. Com isso, os planos de aula, os conteúdos, a interação professor-aluno e aluno-aluno ocorrem de diferentes maneiras, e com diferentes perspectivas, em relação ao ensino face a face.

Estes comportamentos especiais podem ser divididos em três grandes grupos, e a relação deles determina a extensão da distância transacional em um programa educacional. São eles: o Diálogo; a Estrutura; e a Autonomia do Aluno.

Diálogo

Diálogo, segundo Moore et al. (1996), pode ser definido como “a interação de palavras, ações, idéias e quaisquer outras interações entre professor e aluno, quando um instrui e o outro responde” (p. 201). Quando o diálogo acontece, sua

extensão e natureza são determinadas pela filosofia educacional do indivíduo ou grupo responsável pelo projeto do curso, pelas personalidades do professor e do aluno, pelo tema do curso e por fatores ambientais. Dentre os fatores ambientais que mais intervêm no diálogo, estes autores citam o tamanho do grupo de estudantes, as línguas de professor e aluno e, principalmente, o meio de comunicação.

Parece ser evidente que a natureza de cada meio de comunicação tem um impacto direto sobre a extensão e a qualidade do diálogo entre instrutores e alunos. Por exemplo, um programa educacional no qual a comunicação entre professor e aluno se dá única e unidirecionalmente pela televisão, por uma fita de áudio, ou por um livro auto-instrucional, haverá pouquíssimo diálogo bidirecional professor-aluno, simplesmente porque estes meios não permitem o envio de mensagens dos alunos de volta ao professor. Os alunos, via de regra, respondem interiormente ao que é transmitido pelo meio unidirecional, mas não conseguem responder individualmente ao professor. Isto pode ocorrer porque o professor, distante no tempo e no espaço, organizou um conjunto de idéias ou informações para transmissão, dentro daquilo que poderia ser considerado como um diálogo virtual com um leitor, espectador ou ouvinte distante e desconhecido. Segundo Holmberg (1981, apud MOORE et al., 1996), pode-se chamar este evento de *Conversa Didática Interna*.

Em comparação, um aluno por correspondência via correio consegue ter uma interação bidirecional e, portanto, dialoga realmente com o professor, embora o meio retarde a interação. O diálogo é menos espontâneo, mas talvez mais ponderado e reflexivo que um curso semelhante ministrado numa sala de aulas ou numa conferência mediada por computador. Já meios de teleconferência eletrônica altamente interativos, especialmente meios que utilizam computadores pessoais, áudio-conferência ou *chat*, permitem um diálogo mais intenso, pessoal, individual e dinâmico do que aquele obtido através de um meio gravado. Programas que usam tais meios têm, por isso, maior probabilidade de transpor a distância transacional de maneira mais eficaz do que programas que usam meios gravados. Manipulando-se os meios de comunicação é possível ampliar o diálogo entre alunos e seus professores e assim reduzir a distância transacional.

Enfim, qualquer que seja a dinâmica de cada transação de ensino-aprendizagem, um dos fatores determinantes para o nível de redução da distância transacional é a possibilidade de diálogo entre alunos e instrutores, bem como a extensão em que este se dá.

Estrutura do Curso

O segundo grupo de variáveis que determinam a distância transacional são os elementos do projeto do curso, a que se dá o nome de estrutura. Cursos são estruturados de diferentes maneiras, de modo a se levar em conta a necessidade de produzir, copiar, transmitir e controlar as mensagens mediadas. A estrutura expressa a rigidez ou a flexibilidade dos objetivos educacionais, das estratégias de ensino e dos métodos de avaliação do programa. Ela descreve em que medida um programa educacional pode acomodar ou responder a cada necessidade individual do aluno, bem como ao conteúdo a ser focado.

Tal como o diálogo, a extensão da estrutura num programa é determinada pela filosofia e características emocionais dos professores, pelas personalidades e outras características dos alunos, pelas restrições impostas pelas instituições educacionais, pelo conteúdo e, principalmente, pela natureza dos meios de comunicação empregados.

Assim sendo, cursos baseados em Televisão ou Rádio devem ser altamente estruturados⁵, com cada etapa de seu processo sendo minuciosamente trabalhado pelos desenvolvedores, para que o curso chegue a todos os alunos de igual forma. Como não existe diálogo bidirecional entre professor e aluno, há pouca ou nenhuma oportunidade para desvios ou variações de acordo com as necessidades de um indivíduo em particular. Nestes casos, os materiais didáticos são fortemente estruturados de modo a fornecer toda a orientação, as instruções e o

⁵ Cursos baseados em outras mídias também devem ser minuciosamente estruturados. O enfoque dado a estas duas modalidades específicas deve-se ao fato de que nelas, não existem – ou são insignificativas – oportunidades de diálogo bidirecional. Conseqüentemente, mudanças ou adaptações durante o decorrer do curso são extremamente difíceis.

aconselhamento que os responsáveis pelo curso possam prever, mas sem a possibilidade de um aluno modificar este plano em diálogo com o instrutor.

Em contrapartida, cursos desenvolvidos em videoconferência, por exemplo, permitem um nível de estruturação menor, uma vez que oportunizam um número maior de intervenções a cada aluno (ou a um grupo pequeno de alunos). Aqui, os alunos recebem instruções e orientações de estudo por meio do diálogo com um instrutor, no caso de um programa que tenha uma estrutura relativamente aberta, projetada para dar respaldo a tais interações individuais.

Resumindo, quando um programa é altamente estruturado e o diálogo bidirecional professor-aluno é inexistente, a distância transacional entre alunos e professores é maior. No outro extremo, há pequena distância transacional em programas por videoconferência que possuem muito diálogo e pouca estrutura pré-determinada. Como foi dito anteriormente, a extensão do diálogo e a flexibilidade da estrutura variam de programa para programa. É esta variação que dá a um programa maior ou menor distância transacional que outro.

Autonomia do Aluno

Uma vez que os alunos são atores de importância crucial na transação de ensino-aprendizagem, a natureza do aluno – principalmente o potencial para assumir a responsabilidade de aprendizagem autônoma – pode ter um importante efeito sobre a distância transacional em qualquer programa educacional. Parece existir uma relação entre diálogo, estrutura e autonomia do aluno, pois quanto maior a estrutura e menor o diálogo em um programa (ou seja, maior a distância transacional), maior autonomia o aluno terá de exercer.

A autonomia do aluno, para Moore et al. (1996), é a medida pela qual, na relação ensino/aprendizagem, é o aluno, e não o professor, quem determina os objetivos, as experiências de aprendizagem e as decisões de avaliação do programa

de aprendizagem⁶. O nível de autonomia depende de uma série de variáveis, tais como a formação do aluno, seu desenvolvimento cognitivo, sua capacidade de assumir responsabilidades e seus interesses em determinado assunto. Com isso, saber o grau de autonomia do aluno é uma importante dimensão para a classificação de todo programa de ensino, em particular todo programa de EAD. Assim, programas podem ser descritos em termos de quanta autonomia é esperada – ou permitida – para os alunos.

Inter-relação entre Diálogo, Estrutura e Autonomia

Um dos pontos que podem determinar o sucesso da Educação à Distância é a extensão na qual instituição e professor são capazes de prover a apropriada estrutura nos materiais de ensino, e a quantidade/qualidade do diálogo entre professor e aluno, dependendo do grau de autonomia de cada aluno.

Quanto mais autônomo é o aluno, maior é a distância instrucional que ele pode suportar confortavelmente, o que significa menos diálogo e menor estrutura são necessários. Já para os outros, o objetivo deve ser reduzir a distância aumentando o diálogo, e desenvolvendo materiais de suporte mais bem estruturados.

2.4.3 Modelo Sistêmico de Construção de Curso

Moore e Kearsley (1996) propõem uma implementação sistêmica de um projeto de EAD. Embora focado principalmente no desenvolvimento de ações

⁶ O professor vai, sim, determinar os objetivos centrais de um curso, bem como seus métodos de avaliação. A citação acima diz respeito a um continuum de autonomia do aluno, onde se têm, em um extremo, alunos altamente dependentes de professores e ambientes propícios para a aprendizagem. No outro extremo, existem alunos que não precisam de nenhuma forma de assessoria (autodidatas).

maiores, como o desenvolvimento de instituições, seu modelo pode ser utilizado na elaboração de um curso (PINHEIRO, 2002), uma vez que oferece diretrizes para todas as fases da montagem e execução de um curso.

Identificação das Fontes

Identificar as Fontes, para este modelo, refere-se à necessidade de se conhecer qual é o público alvo do curso, a missão educacional da organização que sustenta o curso, definir qual o tipo de curso a ser adotado e, finalmente, quais conteúdos devem ser trabalhados;

Projeto Instrucional

Nesta fase, o principal objetivo é o desenvolvimento detalhado do planejamento do curso. Para tanto, envolve especialistas⁷ em projeto instrucional e de conteúdos, que trabalham no desenvolvimento de itens, como objetivo do curso, escolha de exercícios e atitudes, layout de textos, conteúdo de áudio e vídeo e nas questões relacionadas às sessões interativas de áudio, vídeo ou computador. Envolve ainda Designers Gráficos e produtores de Mídias, que trazem à tona as idéias dos designers instrucionais e de conteúdo na forma de softwares ou materiais educacionais e determinam que mídias devem ser utilizadas para uma determinada situação.

Oferta

Usa-se a tecnologia como fonte primária de comunicação entre alunos e professores e com um sistema de distribuição de material didático utilizando as mídias. A definição da plataforma educacional a ser utilizada, sua adaptação ao curso, a disponibilização dos conteúdos, bem com os respectivos testes de usabilidade tomam espaço nessa fase.

Interação

⁷ Para o curso realizado, em virtude do seu caráter experimental, a equipe de especialistas foi extremamente reduzida, cabendo ao mestrando a realização da maior parte das funções.

Esta é a execução propriamente do curso. Os instrutores e tutores interagem com os alunos proporcionando instrução individualizada com base nos materiais elaborados, durante a aplicação do curso. Esta interação pode ser conduzida de forma síncrona ou assíncrona, por meio de tecnologia. A natureza e extensão da interação variam de acordo com a missão da organização, com a natureza do assunto tratado, perfil dos alunos, dispersão geográfica e as mídias utilizadas no curso.

Avaliação

Por fim, é realizada a avaliação tanto dos alunos quanto do curso, coletando dados para que, nas novas edições do curso, melhorias sejam implementadas. A utilização de OE's que permitam atualizações, de forma facilitada, ganha importância neste contexto.

2.4.4 Histórico da EAD no Mundo

Precisar o ponto inicial da Educação a Distância é uma missão relativamente complexa, já que não existe um fato marcante que desse início a todo o processo. Entretanto, alguns autores tentam associar um fato ou evento que sirva de precursor deste processo. Ramal (2002), por exemplo, cita os desenhos rupestres em cavernas, feitos pelos ancestrais do Homem, como um primeiro exemplo de educação à distância. Neste caso, os conteúdos, isto é, atos do cotidiano, inferências espirituais, instruções de caça e outros, ficavam à espera de que grupos nômades os achassem, para que se ocorresse a transferência das informações.

Peters (2004) pontua, como uma das primeiras experiências, os textos bíblicos, notadamente as Epístolas de São Paulo. Neste caso, foram utilizadas tecnologias pré-industriais (da escrita e dos meios de transporte) a fim de fazer seu trabalho missionário às comunidades, sem ser forçado a viajar.

Já outros autores, como Moore et al. (1996), Bolzan (1998), Matuzawa (1998) e Rodrigues (1998), definem o marco inicial da Educação à Distância com o

início da popularização do sistema de correios, no final do século XIX. Neste período, eram realizados estudos por correspondência, no qual os principais meios de comunicação eram materiais impressos, geralmente um guia de estudo, com tarefas ou outros exercícios enviados pelo correio. Essa característica marca o que Moore et al. (1996) chamaram de 1ª geração da EAD.

A segunda geração começou por volta dos anos 70, quando as primeiras Universidades Abertas apareceram, na Alemanha, Inglaterra e África do Sul. Elas trouxeram consigo inovações, com design e implementação sistematizados especificamente para cursos à distância, utilizando, além do material impresso, transmissões por televisão aberta, rádio e fitas de áudio e vídeo, com interação por telefone, satélite, TV a cabo e núcleos regionais.

A terceira geração da Educação à Distância começou no início da década de 90, com o desenvolvimento da conectividade via computador. Com isso, os cursos passaram a ser baseados em redes de conferência por computador e estações de trabalho multimídia, com presença importante da Internet.

Através destes avanços, muitas instituições foram fundadas, ou adaptadas, visando atender a demanda sempre crescente por cursos à distância. Abaixo, são citados alguns exemplos destas instituições:

- A *Open University* é, possivelmente, a maior e mais tradicional instituição de Educação a Distância do Ocidente. Ela teve sua fundação no início da década de 1970, quando os primeiros 24.000 estudantes ingressaram em diversos cursos. Em 2005, mais de 180.000 alunos estão inscritos em cursos de graduação e pós-graduação da universidade.

Vianney et all. (1998, apud Rodrigues, 1998) destaca que a *Open* não é uma universidade que se defina pelo uso da televisão. Trata-se de uma universidade multimídia. O diferencial está na integração sistemática de todos os meios de instrução, incluindo também encontros presenciais. Os materiais impressos são complementados por transmissões de rádio e televisão, fitas de áudio e vídeo, slides, kits de experiências, Internet, acesso a bancos de dados,

viagens de estudo, cursos de verão e encontros nos fins-de-semana ou dias de escola.

Os cursos produzidos são oferecidos à população com mais de 18 anos, independente da formação escolar anterior, em diversos países que usam a língua inglesa. Dentre os alunos, cerca de 75% dos alunos continuam trabalhando durante o curso. As centrais de atendimento estão distribuídas em 13 cidades na Inglaterra, além de vários pólos espalhados pelo mundo. São oferecidos cursos nas áreas de administração, computação, educação, saúde e serviço social em nível de graduação e pós-graduação. A universidade destaca os cursos de Línguas - Francês e Alemão, Direito, MBA e Educação.

- A *FernUniversität* (Alemanha) iniciou seus trabalhos em 1974 e tem seu funcionamento igual às demais instituições alemãs em termos de estrutura, pessoal, pesquisa, currículo, critérios de admissão e avaliação dos alunos. O diferencial está no uso de diferentes mídias para o ensino, nos seus centros de estudo e na sua cooperação com emissoras de televisão.

Os programas oferecem cursos de graduação, mestrado, pós-graduação e educação continuada. Os cursos de graduação oferecidos são: Engenharia Elétrica, Educação, Ciências Sociais e Arte, Matemática, Ciências da Computação, Direito e Economia. Cursos de curta duração também são oferecidos, totalizando mais de 1.700 cursos disponíveis para a comunidade, com cerca de 55.000 alunos, se intitulando a primeira e a única Universidade a Distância em países de língua alemã.

- A Universidade Aberta da Holanda (*Open Universiteit*) iniciou suas atividades em 1984. O governo holandês criou uma instituição independente, com o objetivo de capacitar qualquer pessoa que não tenha concluído a formação acadêmica adequada ou que não disponha do tempo necessário. O número de alunos matriculados circunda os 21.000, dos quais 70% admitem continuarem trabalhando enquanto cursam a Universidade. São 300 cursos e 8 graduações, sendo que o diploma obtido é equivalente a qualquer outra universidade.

- A *Athabasca University* (Canadá) conta com 12.500 alunos ingressando a cada ano em 39 cursos de graduação e 2 cursos de mestrado. Seminários e teleconferências são utilizados dependendo do curso e vários programas são oferecidos através da Internet.
- Além destas, existem inúmeras outras Instituições em diversos países (UNED - Espanha, RTVU - China, IGNOU – Índia, OUHK – Hong Kong, STOU – Tailândia, AIOU – Ásia) que vem ganhando força ano após ano.

2.4.5 Histórico da EAD no Brasil

No Brasil, o início da EAD não está associado ao material impresso, e sim ao rádio. Diversos autores, citados por Rodrigues (1998), apontam a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 1923, por Roquete Pinto, como o marco inicial da EAD no Brasil, ao transmitir programas de literatura, radiotelegrafia e telefonia, de línguas, de literatura infantil e outros de interesse comunitário. Entretanto, estes não eram cursos à distância estruturados.

Outro marco importante na difusão da EAD no Brasil, segundo Rodrigues (2005) é o Instituto Universal Brasileiro, fundado em 1941. Através de cursos por correspondência e, a partir de 2000, pela Internet, o Instituto já formou mais de 4 milhões de pessoas em diversos cursos profissionalizantes e supletivos.

Também valem ser citados os telecursos, que tiveram a primeira vinculação à programação de uma emissora brasileira na década de 60. Atualmente, o Telecurso 2000 atende, segundo o seu site⁸, 8000 turmas em todo o Brasil, possuindo meta de atingir a 75 mil alunos.

Em se tratando de cursos superiores, a história é um pouco mais recente. Apenas em meados dos anos 90 é que apareceram os primeiros cursos à distância, em específico o curso de graduação em Pedagogia, pela Universidade Federal de

⁸ www.telecurso2000.org.br

Mato Grosso do Sul (PINHEIRO, 2002). Contudo, pouco a pouco esta situação foi aumentando. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul também foi uma das pioneiras na utilização de EAD. Desde 1999, desenvolve estudos nessa área, contando, inclusive, com uma Secretaria especialmente dedicada a esta modalidade de ensino – a SEAD.

Atualmente, qualquer curso superior pode ter 20% do seu currículo em Educação a Distância, de acordo com a portaria 2253 do MEC. Entretanto, para que um curso tenha uma carga maior de componentes à Distância, ele deve ser aprovado, através de um sistema de avaliação especial, desenvolvido pela Secretaria de Educação a Distância do MEC. Segundo Rodrigues (2005), 33 Instituições de Ensino Superior possuíam esta aprovação, até 2005, somando mais de 50.000 alunos.

O Ministério da Educação também promove alguns projetos, nos quais a metodologia de ensino escolhida é a EAD, como, por exemplo, a Universidade Aberta do Brasil, além dos programas *Proformação*, *Prolicenciatura* e a *Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica* (Rede). O primeiro visa o aumento do acesso ao ensino superior. Os três programas visam, globalmente, qualificar os professores atuantes no sistema público de Ensino do país.

A Rede, por exemplo, objetiva promover a capacitação continuada de professores da educação básica em todo o território nacional, desenvolvendo materiais e métodos que atendam demandas em tecnologia educacional, gestão escolar, cursos semipresenciais e à distância, bem como parcerias entre sistemas públicos de ensino, universidades e empresas. Ela é estruturada em 20 Centros, localizados em todo o território nacional, sendo divididos em diversas áreas do conhecimento.

Na área de Educação Física, há três centros, sendo um deles localizados na UFRGS: o *Centro de Artes e Educação Física da UFRGS* (CAEF/UFRGS). Este centro está organizado a partir de três pilares: Complexo Escolar (diferentes níveis e

combinações entre sistemas públicos de ensino e/ou cada escola, individualmente), Comunidade Científico-Cultural (universidades, associações científicas, grupos de pesquisa) e Setores Econômicos (Indústria, Comércio, Órgãos de Fomento e Mídia). Desta interação, o Centro produz diversos produtos, que atendem a demanda da formação continuada de professores. Tais produtos servem de suporte didático aos cursos de formação continuada, em formato de Extensão e Especialização.

2.4.6 Educação à Distância em Educação Física

Em se tratando de EAD na área de Educação Física, Pierre (1998), cita dois trabalhos de sucesso realizados nos Estados Unidos, um relativo a conteúdos de sala de aula (Stanbrough & Stinson, 1998), e o outro sobre atividades de *fitness* (Cridler & Garman, 1998). Ambos os cursos foram desenvolvidos utilizando a Internet como mídia principal, utilizando *websites* como base para o acesso ao material dos cursos, aulas, mural, *chat*, etc.

Já com referência a estudos nacionais, uma das primeiras experiências parece ter sido um Curso à Distância em Exercício e Saúde dirigido a profissionais de Educação Física, implantado em 1986, pelos Ministérios da Educação e da Saúde. Este foi um curso por correspondência, onde se objetivava capacitar cerca de 50 mil profissionais de Educação Física em todo o Brasil (ARAÚJO et al., 1986; apud ARAÚJO, 1988). Para tanto, foram montadas sete unidades de ensino, e para cada unidade foi desenvolvido um fascículo. A avaliação era realizada com *itens de resposta*, realizadas no momento da inscrição, após cada unidade e no final do curso. A progressão no curso se realizava mediante ao envio das respostas da unidade anterior. Segundo Araújo (1988), em um trabalho com 290 alunos que terminaram este curso, a grande maioria teve uma opinião favorável acerca do mesmo. A autora também destaca que 90% dos alunos fariam outro curso em EAD, caso o tema lhes fosse atraente.

Pereira (1998, apud Nascimento, 2003) vislumbrou o potencial da utilização de novas tecnologias (como a Internet) no campo da Educação Física, uma vez que estas novas mídias colocam em evidência tanto o aumento da oferta

de informação quanto oferecem meios extremamente úteis para sua busca e disseminação. Assim, ele concebeu o Centro Esportivo Virtual (CEV, www.cev.org.br), um espaço onde interessados podem buscar informações e participar de listas de discussão específicas, ter acesso a links referentes a publicações e textos em Educação Física, notícias sobre eventos, entre outros recursos.

Nascimento (2003) realizou um estudo comparativo em graduandos de Educação Física, no qual utilizou meios tecnológicos de Educação à Distância no ensino do basquetebol. Seu principal achado foi a constatação de que existem condições, no processo ensino-aprendizagem, nas quais a utilização de meios de ensino a distância trazem vantagens na qualidade da formação inicial.

Nesta mesma linha, Sobrinho et al. (2004) apresentam que alunos que dispuseram de recursos tecnológicos da Internet, em aulas de Educação Física do Ensino Médio, apresentaram rendimento acadêmico maior do que os alunos que não dispuseram de tal meio.

Atualmente, um projeto que vem chamando a atenção é a Escola Brasileira de Futebol, vinculada à Confederação Brasileira de Futebol. Ela oferece cursos de atualização, clínicas e eventos – como palestras, congressos e seminários, para profissionais do setor futebolístico, ligados ao esporte, clubes e federações. Para tanto, se vale das propriedades da Educação a Distância para uma maior abrangência de seus cursos.

Em 2006, outro projeto, em fase de implementação, foi o Prolicenciatura em Educação Física⁹. Vinculado à Secretaria de Educação à Distância/MEC e à Universidade Aberta do Brasil, tem como objetivo inicial diplomar 410 professores que já ministram a disciplina de Educação Física em escolas de nível Fundamental e Médio (UNB, 2007). A UnB será a responsável pelo aporte pedagógico do curso, com pólos localizados no Distrito Federal, Amapá e Rondônia.

⁹ Até a data de finalização da presente dissertação, o início das aulas estava previsto para o final de 2007.

3 ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Em virtude da inexistência de metodologia consolidada na área do desenvolvimento e validação de cursos, presenciais ou à distância (GATI, 2001; 2004), o trabalho foi realizado em termos exploratórios, onde se buscou refletir sobre as possibilidades de desenvolvimento de metodologia de pesquisa educacional aplicada às condições da Educação Física e da Educação à Distância. Simultaneamente, procurou-se desenvolver uma estratégia de validação das questões críticas relacionadas à pesquisa: a) a clareza, pertinência e adequação do conteúdo ao público-alvo, na forma da estruturação do curso e de cada um dos Objetos Educacionais; b) o projeto instrucional, relativamente à distribuição dos módulos, seu tratamento em um curso à distância, bem como suas qualidades específicas; e c) a satisfação e o aproveitamento dos alunos.

A seguir, serão descritas a seleção dos participantes, bem como as opções metodológicas adotadas para a estruturação, validação, aplicação e avaliação do curso experimental.

3.1 Participantes da Pesquisa:

A fim de validar o curso elaborado, buscou-se obter informações de 10 profissionais, de renomado saber, nas áreas do Ensino do Tênis e de Tecnologias de Informação e Comunicação, em específico de EAD. Estes profissionais foram escolhidos mediante a sua atuação científica e/ou profissional, observada através da publicação de trabalhos científicos, desenvolvimentos de novos métodos de ensino, experiência na sua área de atuação. Especificamente, os *experts* na área do Tênis foram selecionados mediante o atendimento destes critérios:

- formação superior em Educação Física;
- pós-graduação em áreas relacionadas ao ensino do tênis a crianças;

- 5 anos (ou mais) de experiência prática como professor de tênis.

Já a escolha dos *experts* na área da Educação à Distância seguiu os critérios:

- Pós-Graduação (mínimo mestrado) em Educação à Distância, ou áreas correlatas;
- 5 (ou mais) publicações sobre o tema, em revistas de circulação nacional e/ou internacional;
- 5 anos (ou mais) de experiência (como profissional ou pesquisador).

Também se contou com a participação de professores escolares do Ensino Básico, que ministram a disciplina de Educação Física, para os quais foi ministrado o curso experimental. Para tanto, foram contatados 20 professores que, ao longo da construção desta dissertação, manifestaram interesse em participar do curso. Como condição de inclusão na pesquisa, o professor deveria possuir noções em informática¹⁰, além de ter formação superior em Educação Física. Destaca-se que os sujeitos tiveram participação voluntária no trabalho, podendo interromper sua participação a qualquer momento.

3.2 Procedimentos Metodológicos:

O trabalho foi realizado em quatro etapas: estruturação do curso, validação com especialistas, aplicação com público-alvo e avaliação.

3.2.1 Etapa de estruturação do curso

A primeira etapa do trabalho foi destinada a buscar elementos de apoio à estruturação e desenvolvimento do curso à distância. Para isto, foram feitas

¹⁰ Por noções em informática, entende-se que o sujeito deva saber, sem auxílio de terceiros, ligar o computador, redigir documentos de texto, acessar páginas na Internet, mandar e receber e-mails, além de efetuar buscas simples na Web.

pesquisas bibliográficas relativas à contextualização sobre a área da educação física e do ensino à distância (MOORE, 1991; MOORE et al., 1996; KEEGAN, 1996; PIERRE, 1998; NASCIMENTO, 2003; PINHEIRO, 2002). Este contexto serviu como apoio à criação do ambiente virtual do curso.

Após, foram elaborados os materiais, que serviram de base teórica ao curso. Estes materiais tiveram, como características principais, a interatividade e a diversidade, com vídeos, animações, desenhos ilustrativos e outros. Teve-se como ponto de partida o material desenvolvido durante o projeto *Educação Física Escolar*, pertencente ao *Centro de Artes e Educação Física da UFRGS* (www.caef.ufrgs.br/produtos/efe.htm).

Uma versão experimental do curso foi adaptada, ainda nesta primeira fase da pesquisa, à plataforma de Educação a Distância Moodle, hospedada no Centro Nacional de Supercomputação (CESUP), da UFRGS (www.cesup.ufrgs.br/moodle). Escolheu-se esta plataforma porque dispõe de diversas ferramentas que auxiliam na diminuição da distância transacional do curso, quer em se tratando de aumentar o diálogo (através de chat e fórum), quer aumentando a estrutura (dividindo o conteúdo em módulos, com seus materiais e atividades agrupados).

3.2.2 Etapa de validação com especialistas

A fim de validar o curso elaborado, ocorreram dois momentos de avaliação, por parte dos especialistas. No primeiro momento, buscou-se realizar a validação de conteúdo do curso e dos objetos educacionais criados para o curso, executada pelos especialistas em Tênis. O segundo momento foi destinado à validação de face do curso como um todo, por parte dos experts em EAD.

Validação de Conteúdo

Nesta primeira fase da validação, buscou-se saber se os conteúdos trabalhados nos objetos educacionais estavam suficientemente claros e se eram pertinentes aos objetivos do curso.

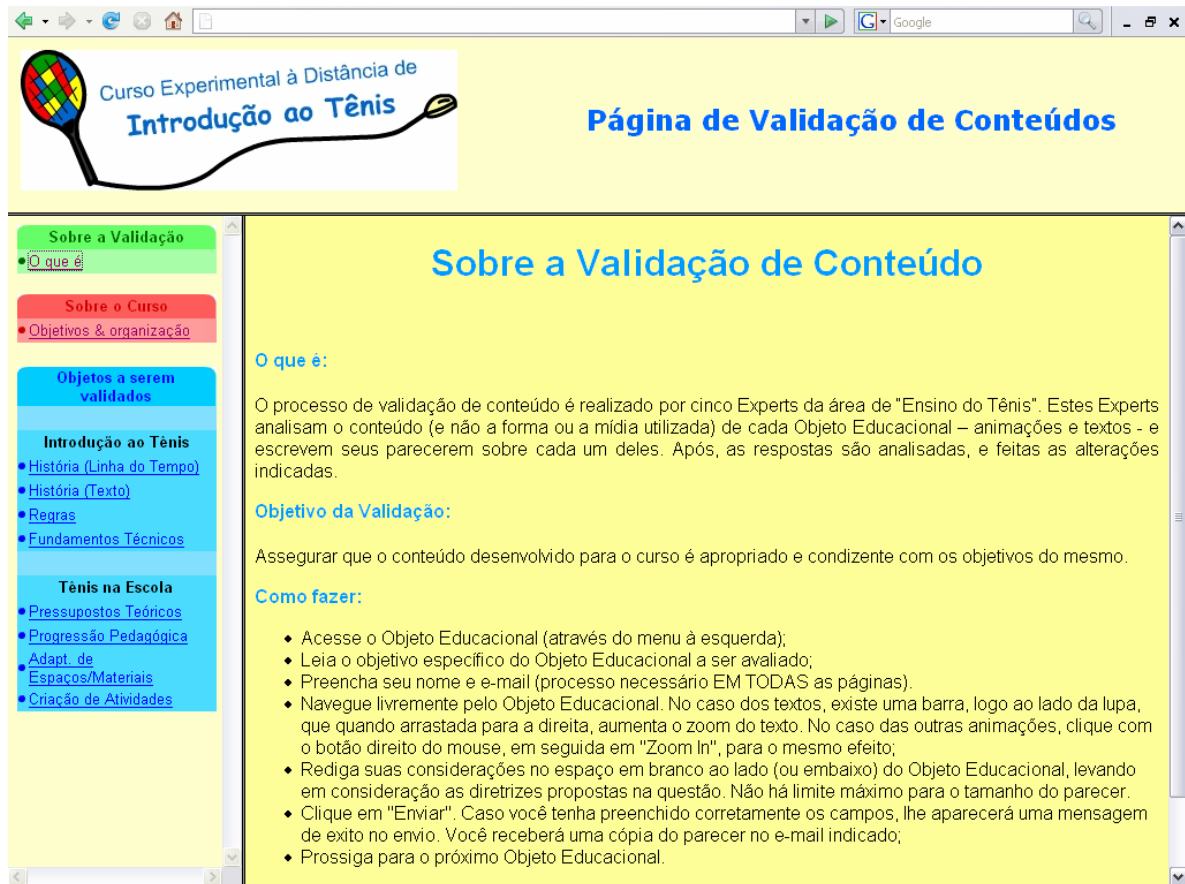
Como forma de facilitar o processo, optou-se por construir um formulário de validação que pudesse ser aplicado via Internet. Isto permitiu que os avaliadores pudessem realizar seus pareceres em seus locais de preferência, facilitando também o envio dos mesmos.

O sistema de validação utilizado era formado por uma página inicial (figura 1), que continha um cabeçalho de identificação, um menu de opções (à esquerda) e uma janela de visualização (à direita).



Figura 1: Página Inicial da Validação de Conteúdo

No menu de opções, era possível acessar as páginas explicativas do processo de validação (Figura 2), dos objetivos do curso (Figura 3), além dos Objetos Educacionais a serem validados (Figura 4).



Curso Experimental à Distância de
Introdução ao Tênis

Página de Validação de Conteúdos

Sobre a Validação

- **O que é**

Sobre o Curso

- **Objetivos & organização**

Objetos a serem validados

Introdução ao Tênis

- [História \(Linha do Tempo\)](#)
- [História \(Texto\)](#)
- [Regras](#)
- [Fundamentos Técnicos](#)

Tênis na Escola

- [Pressupostos Teóricos](#)
- [Progressão Pedagógica](#)
- [Adapt. de Espaços/Materiais](#)
- [Criação de Atividades](#)

Sobre a Validação de Conteúdo

O que é:

O processo de validação de conteúdo é realizado por cinco Experts da área de "Ensino do Tênis". Estes Experts analisam o conteúdo (e não a forma ou a mídia utilizada) de cada Objeto Educacional – animações e textos - e escrevem seus pareceres sobre cada um deles. Após, as respostas são analisadas, e feitas as alterações indicadas.

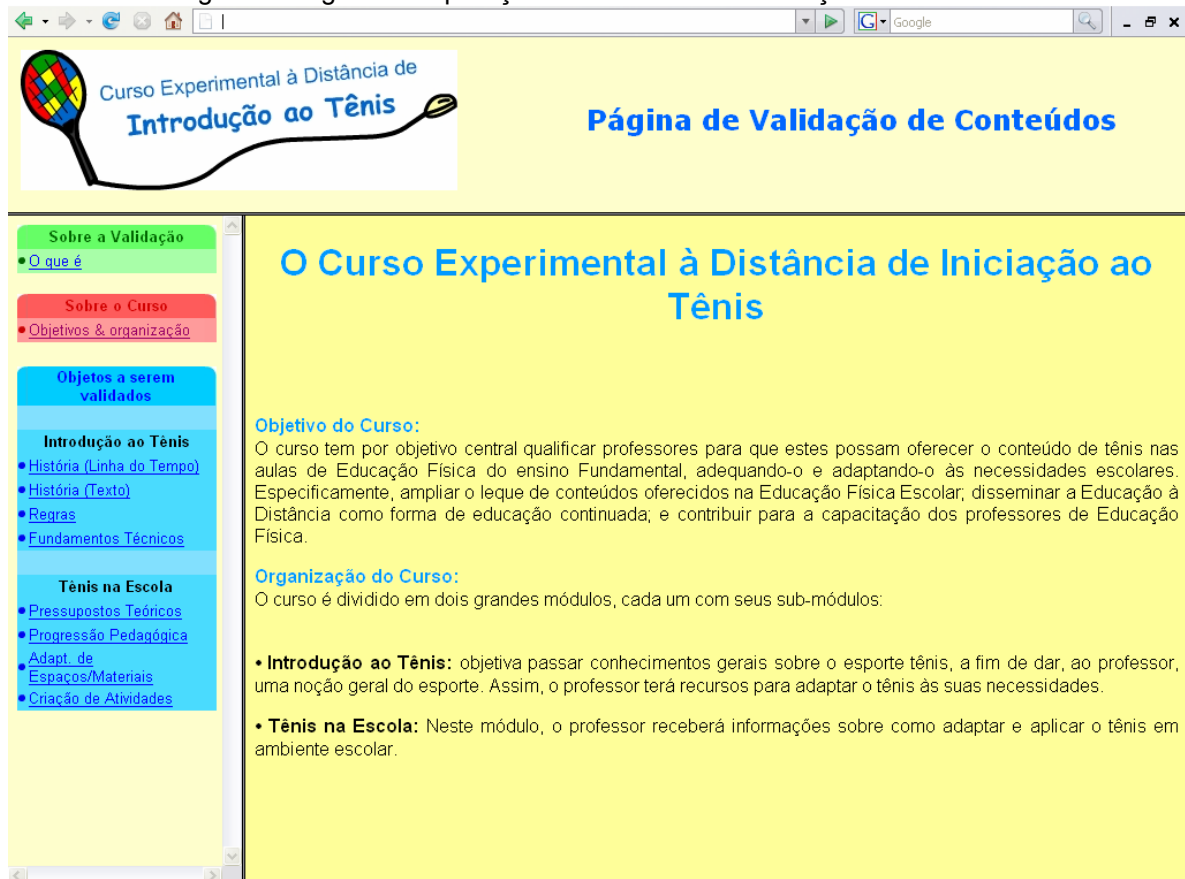
Objetivo da Validação:

Assegurar que o conteúdo desenvolvido para o curso é apropriado e condizente com os objetivos do mesmo.

Como fazer:

- Acesse o Objeto Educacional (através do menu à esquerda);
- Leia o objetivo específico do Objeto Educacional a ser avaliado;
- Preencha seu nome e e-mail (processo necessário EM TODAS as páginas).
- Navegue livremente pelo Objeto Educacional. No caso dos textos, existe uma barra, logo ao lado da lupa, que quando arrastada para a direita, aumenta o zoom do texto. No caso das outras animações, clique com o botão direito do mouse, em seguida em "Zoom In", para o mesmo efeito;
- Redija suas considerações no espaço em branco ao lado (ou embaixo) do Objeto Educacional, levando em consideração as diretrizes propostas na questão. Não há limite máximo para o tamanho do parecer.
- Clique em "Enviar". Caso você tenha preenchido corretamente os campos, lhe aparecerá uma mensagem de exito no envio. Você receberá uma cópia do parecer no e-mail indicado;
- Prossiga para o próximo Objeto Educacional.

Figura 2: Página de explicação do Processo de Validação de Conteúdo



Curso Experimental à Distância de
Introdução ao Tênis

Página de Validação de Conteúdos

Sobre a Validação

- **O que é**

Sobre o Curso

- **Objetivos & organização**

Objetos a serem validados

Introdução ao Tênis

- [História \(Linha do Tempo\)](#)
- [História \(Texto\)](#)
- [Regras](#)
- [Fundamentos Técnicos](#)

Tênis na Escola

- [Pressupostos Teóricos](#)
- [Progressão Pedagógica](#)
- [Adapt. de Espaços/Materiais](#)
- [Criação de Atividades](#)

O Curso Experimental à Distância de Iniciação ao Tênis

Objetivo do Curso:

O curso tem por objetivo central qualificar professores para que estes possam oferecer o conteúdo de tênis nas aulas de Educação Física do ensino Fundamental, adequando-o e adaptando-o às necessidades escolares. Especificamente, ampliar o leque de conteúdos oferecidos na Educação Física Escolar; disseminar a Educação à Distância como forma de educação continuada; e contribuir para a capacitação dos professores de Educação Física.

Organização do Curso:

O curso é dividido em dois grandes módulos, cada um com seus sub-módulos:

- **Introdução ao Tênis:** objetiva passar conhecimentos gerais sobre o esporte tênis, a fim de dar, ao professor, uma noção geral do esporte. Assim, o professor terá recursos para adaptar o tênis às suas necessidades.
- **Tênis na Escola:** Neste módulo, o professor receberá informações sobre como adaptar e aplicar o tênis em ambiente escolar.

Figura 3: Página de explicação dos Objetivos do Curso

Também deste Menu, o avaliador tinha acesso às páginas de validação (Figura 4). Estas páginas (uma para cada OE, no total de 8) possuíam a mesma formatação: o título do OE a ser avaliado; o objetivo específico deste OE; dois campos, para a colocação do nome e endereço eletrônico do avaliador; o OE propriamente dito; um campo no qual o avaliador escrevia seu parecer; e um botão de envio do parecer. Em todas as páginas de validação, existia também um texto para estimular/guiar o avaliador:

“Escreva seu parecer sobre o Objeto Educacional ao lado, levando em consideração a **clareza** e a **pertinência** dos conteúdos. Caso você julgue necessária a **inclusão/exclusão** de informações sobre este tema, cite-as”.

The screenshot shows a web browser window with the following elements:

- Header:** A banner with a tennis racket icon and the text "Curso Experimental à Distância de Introdução ao Tênis". To the right, it says "Página de Validação de Conteúdos".
- Left Sidebar (Menu):**
 - Sobre a Validação:**
 - O que é
 - Sobre o Curso:**
 - Objetivos & organização
 - Objetos a serem validados:**
 - Introdução ao Tênis:**
 - História (Linha do Tempo)
 - História (Texto)
 - Regras
 - Fundamentos Técnicos
 - Tênis na Escola:**
 - Pressupostos Teóricos
 - Progressão Pedagógica
 - Adapt. de Espaços/Materiais
 - Criação de Atividades
- Main Content Area:**
 - Section Header:** "Adaptação de Espaços/Materiais"
 - Objective:** "Objetivo Específico: Dar sugestões de como podem ser adaptados materiais e espaços, para a prática do Tênis em Escolas."
 - Form Fields:** "Seu nome:" and "Seu e-mail:" with input boxes.
 - Content:**
 - Section Header:** "Adaptação de Materiais"
 - Text:** "Aqui, serão apresentadas algumas sugestões de adaptação de materiais e espaços."
 - Images:** A tennis ball and a tennis racket labeled "Raquetes".
 - Instructional Text:** "Escreva seu parecer sobre o Objeto Educacional ao lado, levando em consideração a **clareza** e a **pertinência** dos conteúdos para o nível proposto. Caso você julgue necessária a **inclusão/exclusão** de informações sobre este tema, cite-as."
 - Form:** A large empty text box for the evaluator's opinion.

Figura 4: Página de Validação de Conteúdo

O sistema de envio¹¹ desenvolvido para esta validação baseava-se em linguagem PHP. Caso todos os campos fossem preenchidos corretamente, este sistema enviava automaticamente cópias do parecer tanto ao mestrando, quanto ao próprio avaliador. Desta forma, o avaliador teria um controle dos pareceres já enviados, bem como poderia retomar algum parecer em um momento futuro. O sistema também gerava uma mensagem de “sucesso de envio do parecer”. Entretanto, caso algum dos campos não fosse preenchido corretamente, o sistema alertava que a mensagem não havia sido enviada, dando também uma mensagem de retorno: “Por favor, preencha todos os campos”.

Para a análise, os pareceres foram divididos em três categorias: clareza, pertinência e sugestões. Para os dois primeiros, identificava-se se o avaliador considerava o conteúdo claro e pertinente. Para se fazer alguma alteração, era preciso que mais de dois avaliadores considerassem o conteúdo com problemas de clareza e/ou pertinência. Para as sugestões, foi feita uma análise de cada sugestão, em função da sua aplicabilidade.

Validação do Projeto Instrucional

Para a validação de projeto instrucional, os especialistas em EAD responderam a um questionário (Anexo B). Optou-se pela utilização de um questionário para esta validação porque as respostas procuradas aqui não necessitavam de tanta explanação quanto à validação de conteúdo. Aqui, se buscava saber as qualidades do curso inserido na plataforma.

O questionário utilizado possui três segmentos. O primeiro, com oito questões, verifica qualidades específicas do curso (p. ex.: adequação das etapas, clareza dos objetivos do curso, qualidade do manual, etc). Para a resposta, foi utilizada uma escala de cinco pontos, indo de *insuficiente (1)* a *ótimo (5)*. O segundo segmento busca saber outras considerações acerca do curso. Para tanto, foi

¹¹ Desenvolvido por Rodrigo Schramm, mestrando em Computação Aplicada - UNISINOS.

destinado um espaço para que um parecer fosse redigido. O terceiro consiste de uma questão, com três alternativas. Essa questão pergunta se o curso está apto a ser aplicado. As três alternativas são: sim; sim, com modificações; e não.

Para a análise das respostas do primeiro segmento, foi considerada a resposta de cada avaliador para cada qualidade. Para considerar-se válida uma qualidade, essa deveria receber pontuação igual ou superior a 4 (Bom). Já para os outros dois segmentos, os pareceres foram analisados qualitativamente.

3.2.3 Etapa de aplicação

Nesta fase, o curso foi readaptado, a partir do parecer dos especialistas. Após, foram contatados os professores vinculados a base de cursistas do CAEF (Centro de Artes e Educação Física da UFRGS), bem como outros que haviam demonstrado interesse em participar do curso. A estes professores, foi feito o convite para a participação no curso.

Isto feito, foi estabelecido o cronograma do curso, com suas respectivas datas. Neste cronograma, estavam todas as aulas práticas, os chats obrigatórios, os chats de assistência, bem como as datas de início e fim do curso. Para as aulas virtuais, os alunos poderiam utilizar tanto seus computadores pessoais, quanto os computadores disponibilizados para a realização do curso. Para as aulas práticas, foram utilizadas as dependências da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do CAEF e de um clube de Tênis da cidade de Porto Alegre (por razões meteorológicas).

3.2.4 Etapa de avaliação:

A avaliação com os alunos foi feita mediante dois instrumentos: um questionário de satisfação com o curso e a tarefa final do curso, feita pelos cursistas. Também foi avaliada qualitativamente a participação destes nas atividades

propostas (fóruns, chats, etc), bem como a posterior aplicação do trabalho com as suas crianças.

O questionário¹² foi aplicado no último encontro do curso, em local apropriado. Apesar de ser um instrumento com uma forte vertente quantitativa, este não foi utilizado para indução dos resultados a grupos maiores. Serviu, unicamente, para analisar o nível de satisfação dos alunos com o curso. Essa opção deve-se, sobretudo, pela validade e fidedignidade não testadas deste instrumento, uma vez que o mesmo está em sua primeira fase de desenvolvimento. Por este mesmo motivo, ao longo do questionário, o aluno possuía a oportunidade de escrever pareceres qualitativos sobre os temas propostos.

Para sua construção, utilizaram-se as seguintes dimensões e agrupamentos:

- Procedimentos do curso;
 - Conteúdo do curso (10 questões);
 - Chats (4 questões);
 - Ambiente Eletrônico (6 questões);

Escala utilizada: de 1 (Péssimo) a 5 (Excelente).
- Avaliação do Professor;
 - Interação com os participantes (5 questões);
 - Uso de estratégias de ensino (12 questões);

Escala utilizada: indo de 1 (Nunca) a 5 (Sempre).
- Avaliação do processo de aprendizagem;
 - Informações gerais (5 questões);
 - Auto-avaliação (9 questões);

Escala utilizada: indo de 1 (Nunca) a 5 (Sempre).
- Avaliação dos motivos da não conclusão do curso (6 questões)

Escala utilizada: indo de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

¹² Anexo C, sob o título *Avaliação da Satisfação com o Curso*.

A avaliação dos cursistas se deu através de um trabalho final, onde foi pedido que construíssem dois planos de aula sobre o Tênis nas Escolas. A partir desse trabalho, foi possível identificar a aplicação dos conteúdos ministrados no curso, em uma situação que se une ao objetivo do curso¹³. Para a sua análise, considerou-se a adequação dos objetivos das aulas com o tema proposto, a criatividade na criação/adaptação das atividades. Também se considerou a participação nas atividades propostas (presenciais, síncronas e assíncronas).

¹³ Devido à escassez de tempo, não foi verificada a real aplicação dos planos de aula.

4 DESENVOLVIMENTO E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentar-se-ão as escolhas realizadas para a elaboração do curso, a descrição da aplicação do curso, bem como os resultados dos processos de validação e avaliação. Isto será feito utilizando o Modelo Sistêmico de construção de Cursos, descrito por Moore e Kearsley (1996), apresentado no item 2.5.

4.1 Planejamento do Curso: identificação das fontes

Neste item, serão descritos pontos referentes à identificação das fontes, para o curso experimental proposto, como a identificação da origem do curso, a descrição da filosofia educacional do Centro ao qual o curso está vinculado, a apresentação do público do curso, a definição do tipo de curso e dos conteúdos a serem trabalhados. Todos os passos posteriores serão baseados nesta identificação.

O presente curso teve sua idealização no decorrer do trabalho realizado com o Centro de Artes e Educação Física da UFRGS (CAEF). Conforme citado anteriormente, o CAEF tem como objetivo qualificar a prática dos professores de Ensino Fundamental, através de cursos de extensão e especialização. Durante os primeiros anos do Centro, um dos objetivos específicos da sua atuação foi criar um repositório de Objetos Educacionais em Educação Física, bem como em Artes e Música que, em um segundo momento, seriam utilizados dos cursos aplicados pelo Centro.

Neste contexto, surgiu, dentro da equipe de Educação Física do CAEF, o interesse por se trabalhar com conteúdos pouco utilizados nas aulas de Educação Física Escolar, como danças, jogos populares e esportes. Dentro do conteúdo de esportes, foi sugerido um aprofundamento em Tênis, uma vez que este é um esporte que não parece ser muito utilizado nas aulas de Educação Física Escolar. Além disso, o Tênis possui, para um nível de prática elementar, a capacidade de ser adaptado, sem que sua essência se perca. Desta forma, iniciou-se a construção de alguns Objetos Educacionais (OE's) sobre este conteúdo. De posse de uma primeira versão destes OE's, idealizou-se um curso que pudesse aplicá-los, com os rigores de uma pesquisa científica.

Desta forma, elaborou-se um curso, baseado na Teoria da Distância Transacional (MOORE et al., 1996), utilizando-se no processo de elaboração as fases sugeridas pelo modelo sistêmico de planejamento e implementação de cursos, do mesmo autor. As decisões tomadas para a elaboração, validação, aplicação e avaliação, bem como seus resultados, foram executados e analisados sob a luz de tal teoria.

4.1.1 Público:

O curso foi focado em um público de professores que ministram a disciplina de Educação Física no ensino básico, de 1ª a 4ª série. O perfil dos professores pode variar bastante, na medida em que, para cada sistema de ensino, existe uma realidade diferente. Professores vinculados ao sistema estadual de ensino (no Rio Grande do Sul) não necessitam ter formação em Educação Física para ministrar aulas, que ficam a cargo de professores oriundos de cursos de Magistério e Pedagogia. Entretanto, alguns sistemas municipais, em conjunto com boa parte das escolas privadas, possuem professores formados em Educação Física no quadro de docentes, para o Ensino Básico. Como forma de diminuir uma heterogeneidade excessiva no grupo dos possíveis cursistas, para efeito deste trabalho, idealizou-se um público formado unicamente por professores com diploma universitário em Educação Física.

Ao realizarem esse curso, os professores acabam implementando seu leque de opções, na hora de planejar suas aulas. Possibilita criar, também, um conjunto de argumentos favoráveis à inclusão desse conteúdo, de forma oficial, no currículo da sua escola.

Esses professores foram convidados a partir de um cadastro de cursistas do Centro de Artes e Educação Física da UFRGS. Fez-se isto para garantir que os professores tivessem o nível esperado de proficiência em informática, uma vez que nos cursos aplicados pelo Centro, existe uma fase de Informatização dos professores.

4.1.2 Filosofia Educacional do CAEF

Para o CAEF, a escola é um meio privilegiado para aprendizagem (RANGEL et al., 2005a). Nesta ótica, a capacitação contínua dos professores assume papel fundamental, construindo soluções efetivas para problemas reais do cotidiano escolar, através da relação entre a Escola, a Comunidade Científico-Cultural e a Sociedade Econômica (enquanto estrutura de apoio). Das intersecções desse tripé, nascem Metas, Produtos e Ações. Esses se combinam entre si e entre os pilares do tripé, criando um espaço central comum, onde se localiza o CAEF. A missão do CAEF é articular todas as iniciativas do modelo, garantindo-lhe a condição de um sistema dinâmico e sustentável (RANGEL et al., 2005b). A atuação do Centro é feita através de cursos de Extensão e Especialização, ministrados semi-presencialmente ou completamente à distância.

4.1.3 Tipo de curso:

Como este seria um curso experimental, com apenas um conteúdo central, decidiu-se por um curso de curta duração, enquadrando-o como de

Extensão. A carga horária do curso seria de 20 horas, sendo 8 horas presenciais e 12 horas à distância, com o apoio de uma plataforma de ensino.

4.1.4 Definição dos conteúdos:

Para a definição do conteúdo a ser trabalhado no curso, levaram-se em consideração diversos fatores. Primeiramente, o objetivo central do curso, que era disseminar o Tênis para um público de professores do ensino Básico, instrumentando-os para inserir o esporte como conteúdo de suas aulas de Educação Física. Também, deveria se ter em mente que este seria um curso de Extensão, o que remete a conteúdos bem específicos e diretos. Além disso, deveria se enquadrar nos pressupostos filosóficos do CAEF, centro ao qual o curso está vinculado.

Em função deste contexto, foram definidos os conteúdos, baseando esta decisão tanto na literatura¹⁴ quanto na experiência pessoal do mestrando e de seus orientadores. O resultado disto foi a divisão do conteúdo em duas grandes partes: a primeira versando sobre o Tênis institucionalizado, e a segunda sobre a inclusão do Tênis no ambiente escolar.

Na primeira parte, buscou-se caracterizar o Tênis enquanto esporte institucionalizado, para que o professor pudesse contextualizar o processo de aprendizado dos seus alunos. Para tanto, centrou-se a atenção em três pontos principais: a história, os fundamentos técnicos básicos e as regras. A História do Tênis foi escolhida para que o professor conhecesse o contexto no qual o esporte está inserido, desde a sua criação até os dias atuais. Os Fundamentos Técnicos para que o professor soubesse qual é a técnica básica de cada um dos golpes. Um aspecto importante é que não se pressupõe que o professor vá aplicar a técnica para os alunos, mas sim adaptá-la aos seus alunos. A mesma concepção se aplica

¹⁴ Exposta durante todo o capítulo 1 desta dissertação.

às Regras. O objetivo de apresentar as regras é dar, ao professor, os conhecimentos suficientes para que ele as adapte de acordo com os seus alunos.

A segunda parte se propõe a mostrar as possibilidades de adaptação do Tênis às características da escola. Primeiramente, focou-se nos pressupostos teóricos dessa inclusão, através de uma síntese do que a literatura fala a este respeito. A adaptação de espaços e materiais também ganhou atenção, uma vez que a maior parte das escolas não tem condições de dispor do material e do espaço oficial. Por fim, considerações sobre a construção/adaptação de atividades às necessidades do Tênis nas escolas são realizadas.

4.2 Projeto Instrucional

Definidos os conteúdos a serem abordados no decorrer do curso, bem como suas características, passou-se para a fase da elaboração do Projeto Instrucional. Nesta fase, toda a organização dos módulos em função do tempo, a dinâmica das atividades e o planejamento da necessidade dos Objetos Educacionais (OE's) foram definidos, distribuindo-se os conteúdos no tempo previsto e desenvolvendo cada tópico em função das mídias existentes e das atividades de EAD a serem utilizadas.

O primeiro ponto levado em consideração, para o desenho do curso foi, baseado nas diretrizes propostas por Moore (1996), relativamente às formas de interação e acompanhamento do aluno, que chamou de distância transacional¹⁵. Dado o perfil dos possíveis cursistas e à curta duração do curso, optou-se por realizar um curso com uma pequena distância transacional, ou seja, buscando uma intensa interação professor-aluno. Para isso, planejou-se diversas oportunidades de diálogo entre todos os atores do curso, através de atividades presenciais, síncronas e assíncronas, bem como se definiu uma estrutura mais rígida, seqüencial, para os módulos do curso.

¹⁵ Maiores detalhes sobre distância transacional no item 2.3.

A organização do curso começou pela definição do ordenamento dos conteúdos. Optou-se por apresentar os conteúdos sobre a Introdução ao Tênis primeiro, visto que, assim, os cursistas poderiam desenvolver um conhecimento do que é o esporte, antes de realizarem considerações sobre a sua adaptação. Dentro do módulo sobre a Introdução ao Tênis, decidiu-se começar pelas considerações acerca da História, a fim de se fazer uma contextualização do esporte. Após, apresentou-se os Fundamentos Técnicos, que caracterizam o esporte. Por fim, quando os cursistas já teriam um conhecimento maior sobre como funciona o Tênis, trabalhou-se as Regras do esporte.

Já no módulo do Tênis nas Escolas, o primeiro a ser trabalhado seriam os Pressupostos Teóricos da inclusão do esporte em ambiente escolar, pois isto daria um embasamento teórico à discussão sobre a inclusão. Após, as considerações sobre a adaptação de espaços e materiais, como forma de dar as ferramentas necessárias ao trabalho deste esporte no chão escolar. E para finalizar o curso, agregando todos os conhecimentos adquiridos, um trabalho com as possibilidades de Atividades a serem desenvolvidas com as crianças.

Como parte do projeto educacional, tal como proposto por Moore (1996), passou-se a identificar a forma de tratamento de cada conteúdo, bem como a planejar, desenvolver e adaptar as mídias que seriam utilizadas em cada uma dessas etapas, visando potencializar o cumprimento dos objetivos definidos. As mídias, nesse caso, foram tratadas em termos dos chamados Objetos Educacionais¹⁶, tendo em vista, durante sua produção, a modularidade (objetos independentes entre si) e re-utilização em futuras edições de curso, inclusive para outros níveis, conforme preconizam Vercoustre e McLean (2005), Pinheiro (2002), e o próprio IEEE (2005).

¹⁶ Tratados no item 2.3. Uma versão digital dos OE's utilizados no decorrer do curso encontra-se no Apêndice A.

A maioria dos OE's foram construídos utilizando-se o programa de animação vetorial Macromedia Flash™ (recentemente renomeado para Adobe Flash™), por se tratar de um programa que permite a construção de animações com uma relativa facilidade, e com bons resultados. Também foi usado um programa de edição de texto, com extensão de impressão em formato PDF (Microsoft® Word, com a extensão PrimoPDF™).

Cabe ainda destacar a importância das mídias educacionais utilizadas, no sentido de prover a interatividade desejada dos estudantes com os conteúdos, uma das importantes características da EAD mediada pela informática, conforme descrito no capítulo 2. A multimídia educacional, através das TIC's, cumpre importante papel de representar os conteúdos, de forma lúdica, interativa e, neste caso, favorecendo a visualização de detalhes dos fundamentos técnicos, das especificidades das regras, etc., os quais podem ser revistos pelo aluno, quantas vezes julgar necessário. Procurou-se valorizar esta interatividade, através dos recursos de vídeos e animações, com objetivo de agregar o aspecto lúdico, importante para a área de Educação Física, tanto quanto para valorizar a visualização de detalhes de posturas e técnicas de jogo. Com isso, atende-se à visão sistêmica do planejamento proposto por Moore (1996), que recomenda adaptar o projeto instrucional às características e necessidades do público e do conteúdo do curso. Corroboram com esta idéia Cox e Marshall (2007), ressaltando que se deve ter em mente exatamente qual o tipo de TIC usar em cada caso, para alcançar resultados positivos.

4.2.1 Módulo de Noções em Informática

O primeiro módulo, que versa sobre Noções em Informática, tinha como objetivo introduzir o curso e apresentar a Plataforma de Ensino Moodle, assegurando que todos tivessem condições de trabalhar com ela. A aula, presencial, teria duração de 2 horas. Para cumprir seus objetivos, foi preparado um manual, que continha informações básicas sobre o curso, como seu objetivo, duração, cronograma, além de um tutorial sobre como utilizar a plataforma de ensino Moodle.

4.2.2 Módulo de Introdução ao Tênis

História

Para o submódulo de História, o objetivo era contextualizar historicamente o Tênis, mostrando sua evolução desde seus precursores até o Tênis atual. Para os OE's, a preocupação era em torno de deixar este conteúdo – eminentemente teórico – o mais dinâmico possível. A solução encontrada foi a realização de uma animação ao estilo “Linha do Tempo” (Figura 5). Desta forma, pode-se mostrar, de forma direta, vários fatos históricos da evolução do Tênis. Como forma de complementar as informações desta animação, também foi feito um OE na forma de um texto que trazia as explicações para as informações apresentadas na linha do tempo.

Para a interação, planejou-se uma atividade com o uso do fórum. Essa atividade propunha que os alunos buscassem outros elementos históricos, através da Internet, e disponibilizassem para uma discussão. Cada aluno deveria postar um tópico, contendo a informação pesquisada, e deveria responder a outros dois tópicos. Destinou, ao todo, 2 horas para este submódulo.



Figura 5: OE "Linha do Tempo e Fatos do Tênis"

Fundamentos Técnicos

O objetivo deste submódulo era apresentar, aos cursistas, os fundamentos técnicos mais utilizados no Tênis. Por sua complexidade, foi o que gerou maior carga de trabalho. Por se tratar de um conteúdo prático, dinâmico, que exigia muito detalhamento de informações, optou-se pela realização de um vídeo de cada um dos sete fundamentos técnicos mais utilizados no esporte. Para um detalhamento ainda maior, esta filmagem foi realizada com a utilização de duas câmeras, o que possibilitou que o mesmo golpe fosse visualizado em dois ângulos diferentes. Filmou-se um professor de Tênis, que realizou os movimentos conforme pressupõe a literatura especializada (exposta no item 1.1.2).

Além do vídeo, decidiu-se também por uma animação que mostrasse detalhadamente o fundamento. Para isto, idealizou-se uma animação que pudesse mostrar o golpe nas quatro fases pressupostas pela teoria, e que, em cada fase, pudesse mostrar as informações mais importantes. Para isso, utilizou-se os vídeos

para se extrair imagens congeladas de cada fase. Após, elaborou-se tal animação, que permitia selecionar a fase desejada e, ao passar o cursor pela imagem, informações relevantes apareceriam. Por fim, integrou-se o vídeo e a animação das fases de todos os fundamentos em um único OE, chamado de “Fundamentos Técnicos” (Figura 6).

Além deste OE, também foi utilizada a gravação de uma partida de Tênis profissional, como forma de melhor ilustrar o que é o Tênis. O jogo deveria ter duração curta (mais ou menos uma hora), mas que mostrasse alguns dos pontos trabalhados nos OE's anteriores, bem como ser disputado entre jogadores de alto nível técnico. Escolheu-se, então, o jogo da final feminina do Aberto da Austrália, edição 2007, por se tratar da final de um dos mais importantes torneios do circuito de Tênis profissional. Neste jogo, vários fatos interessantes ocorreram, como casos peculiares de regras, jogadoras com técnicas diferentes. Além disso, o jogo, narrado em português, teve duração aproximada de uma hora. Convém lembrar que nenhum tipo de edição foi feita para esta gravação, que foi entregue em um DVD.

Para esse submódulo, foi destinada uma carga horária de 3 horas. Além dos OE's, esse tempo contemplaria a realização de um chat, com duração de uma hora. O objetivo do chat foi finalizar a discussão sobre a história, assim como conversar sobre a relação entre os fundamentos técnicos indicados pelos teóricos (expostos no OE “Fund. Técnicos”) e os utilizados pelas jogadoras profissionais (visualizados no DVD contendo uma partida profissional).



Figura 6: OE "Fundamentos Técnicos"

Regras

O objetivo do submódulo era dar uma visão geral das regras do esporte, para que o professor pudesse aplicar jogos e atividades adaptadas. A construção do OE de Regras recebeu atenção especial. O livro de Regras do Tênis é constituído por 30 regras (CBT, 2007), muitas de difícil entendimento para leigos. Buscou-se criar um material que explicasse as regras de uma forma mais leve e seqüencial. Optou-se por dividir esse submódulo em três grupos: Materiais, regras básicas de uma partida e Contagem.

No grupo dos Materiais, foram explicadas as características das raquetes, bolas e quadras utilizadas. Em "Raquetes", além de um texto explicativo, optou-se por criar uma pequena animação que mostrasse as partes de uma raquete. Em "Bola", apenas um pequeno texto se fez necessário. Já em "Quadras", foram necessárias mais animações. A primeira mostra as medidas e as diferentes partes

de uma quadra oficial de Tênis. Após, seguem quatro animações que mostram as características das diferentes superfícies permitidas.

Sobre as regras básicas, pensou-se em apresentá-las através de uma história em quadrinhos, onde as situações vão sendo explicadas de uma forma seqüencial. A história, composta por 25 janelas, explica desde o sorteio realizado antes da partida até as regras especiais para o jogo em Duplas. Utilizou-se ilustrações com traços de *cartoon*, pois este traçado parece transmitir a informação de uma forma mais leve.

Por fim, se tem o grupo da contagem. Optou-se por separar este grupo do anterior, por se tratar de um conteúdo específico e muito complexo. Para abordá-lo, produziu-se duas pequenas animações, uma explicando a organização da contagem em games, set e no jogo. A segunda ilustra uma relação histórica entre a divisão dos pontos e um relógio. Além disso, pequenos parágrafos explicativos foram incluídos. No final deste grupo, colocou-se um link para um jogo de Tênis online, onde os cursistas poderiam, de uma forma divertida, vivenciar as questões trabalhadas. Estes três grupos foram unidos em um grande OE, chamado de “Regras do Tênis” (Figura 7).

Para o submódulo de Regras, planejou-se uma atividade utilizando a ferramenta “Glossário”. Essa atividade buscava estimular os cursistas a se familiarizarem com a terminologia utilizada no Tênis. Para tanto, cada aluno deveria postar pelo menos três termos, com as suas respectivas definições. Os termos poderiam ter sido utilizados no decorrer do curso ou não. Para este submódulo, destinou-se uma carga horária de 2 horas.



Figura 7: OE "Regras do Tênis"

Aula Presencial "Introdução ao Tênis"

O objetivo deste encontro foi propiciar, aos cursistas, uma vivência prática do Tênis. Para tanto, foram disponibilizadas raquetes e bolas aos cursistas. Planejou-se atingir esse objetivo através da execução de atividades de iniciação ao tênis, seguindo a progressão pedagógica indicada no item 1.2. Este encontro teve a duração de 2 horas, e foi realizado em um local que possui quadras de tênis.

4.2.3 Módulo de Tênis nas Escolas

Pressupostos Teóricos

O objetivo deste submódulo é embasar teoricamente a prática do Tênis na Escola, com considerações sobre o que pode ser trabalhado em cada faixa etária. Para tanto, esse conteúdo exigiu o uso de um OE sob forma de texto (“Aspectos Teóricos da Inclusão do Tênis em Escolas”). Para a construção deste, buscou-se utilizar uma linguagem direta, com citações de trabalhos sobre o tema. Para complementar este assunto, foi feito outro OE, sob forma de uma pequena animação. Este OE, chamado de “Progressão Pedagógica”, contém sugestões da progressão do uso de raquetes, bolas, quadras, atividades e fundamentos (Figura 8).

Para a interação, planejou-se um fórum onde os professores deveriam criar um tópico, contendo suas opiniões sobre como seria aplicado o tênis na escola, baseado na experiência prévia do professor, bem como dos OE’s disponibilizados. Além disso, o professor deveria comentar o tópico de outros três colegas. Foi disponibilizada uma carga horária de 3 horas.



Figura 8: OE "Progressão Pedagógica"

Adaptação de Materiais e Espaços

O segundo submódulo abordado versava sobre a adaptação de espaços e materiais. Seu objetivo era dar algumas sugestões de materiais e espaços alternativos, que pudessem ser adaptados sem muitos custos. Foi feito um OE que mostrasse sugestões e considerações sobre a adaptação das quadras a espaços disponíveis em ambiente escolar (no caso, uma quadra de vôlei). Também se fala sobre a utilização de bolas outras que não as de Tênis. Por fim, apresenta-se uma sugestão de construção de uma raquete, composta por um cabide de arame e uma meia de nylon (Figura 9).

Além do OE, esse submódulo também possui uma atividade de chat, que objetivava finalizar a discussão sobre os pressupostos teóricos da inclusão do tênis em escolas, iniciada no Fórum. Também foi tema do chat comentários sobre a adaptação de materiais e espaços. Planejou-se uma carga horária de 2 horas para esse submódulo.



Figura 9: OE "Adaptação de Espaços e Materiais"

Criação/Adaptação de Atividades

O objetivo desse submódulo era criar um banco de dados com adaptações e/ou criações de atividades voltadas ao trabalho do tênis em escolas. Através desse banco de dados, o professor, após o curso, teria condições de planejar suas aulas sobre tênis de forma facilitada. Além disso, essas atividades foram vivenciadas e discutidas durante a aula presencial. A carga horária deste submódulo foi de 1 hora.

Aula Presencial "Tênis nas Escolas"

O último encontro do curso foi dividido em duas partes. A primeira teve como objetivo vivenciar as discussões realizadas durante os outros submódulos,

como a adaptação de materiais e espaços, construção e aplicação de atividades, suas progressões. Nesta primeira parte, a medida em que as atividades eram realizadas, momentos de discussão eram propiciados, para que conceitos importantes de cada segmento fossem aprofundados.

A segunda metade da aula foi destinada à finalização do curso, com a aplicação do questionário de satisfação. Para toda a aula, destinou-se uma carga horária de 3 horas.

De uma forma resumida, a tabela 1 mostra a organização dos módulos do curso, com suas respectivas atividades e carga horária.

Módulo	Conteúdo	Modalidade	Atividades previstas (presencial/EAD)	Previsão de horas
Noções em Informática	Informática	Presencial	- Apresentação do curso; - Familiarização da plataforma;	2 horas
Introdução ao Tênis	História	EAD	- 2 OE's; - Fórum	2 horas
	Fundamentos Técnicos	EAD	- 2 OE's; - Chat	3 horas
	Regras	EAD	- 1 OE; - Glossário	2 horas
	Introdução ao Tênis	Presencial	- vivência de conteúdos trabalhados	2 horas
Tênis nas Escolas	Pressupostos Teóricos	EAD	- 2 OE's; - Fórum	3 horas
	Adaptação de Espaços e Materiais	EAD	- 1 OE; - Chat	2 horas
	Criação de Atividades	EAD	- Fórum;	1 hora

	Tênis em Escolas	Presencial	<ul style="list-style-type: none"> - Vivência de conteúdos trabalhados; - Avaliação; - Finalização. 	3 horas
--	------------------	------------	--	---------

Tabela 1: Organização do Projeto Instrucional do Curso

4.3 Oferta

Para a definição do meio de entrega do curso, previsto como a próxima etapa de produção de curso, no modelo de Moore (1996) pensou-se em um que possibilitasse uma grande variedade de opções de diálogo, que permitisse a estruturação desejada, facilitasse o controle de acesso, além de aceitar o uso dos Objetos Educacionais confeccionados. Primeiramente, optou-se pela plataforma de ensino Claroline, por esta cumprir com os requisitos mencionados. Contou favoravelmente a esta escolha a facilidade de implementação desse curso, uma vez que a plataforma estava instalada nos servidores do CESUP. Entretanto, devido a problemas de segurança do sistema dos servidores, optou-se pela utilização de outra plataforma: o Moodle.

Além de também cumprir com os requisitos necessários ao curso, esta plataforma contava com diversas possibilidades de personalização, entre as quais a possibilidade de um controle ainda maior da estrutura do curso. Por exemplo, a plataforma permite estruturar seqüencialmente um curso, deixando visível ao aluno apenas o módulo atual (ou outros quaisquer, a critério do professor).

A plataforma Moodle utilizada foi a de versão 1.7. Nesta versão, a plataforma conta com diversas ferramentas. Para o curso, foram utilizadas apenas algumas, por melhor enquadrarem-se nas necessidades do mesmo. As ferramentas utilizadas foram:

- Fórum de Discussão;

- Chat;
- Glossário;
- Tarefa;

Esta etapa constou, portanto, da criação de um curso à distância, na Plataforma Moodle¹⁷, conforme previsto no projeto educacional, com as mídias e as atividades previstas para cada módulo, segundo as necessidades identificadas do público, da instituição e dos conteúdos.

4.4 Validações:

Complementando a etapa de Entrega, dois processos distintos, mas complementares, foram realizados, a fim de validar o curso elaborado. O primeiro processo objetivou validar os conteúdos, apresentados sob forma de Objetos Educacionais. Já o segundo buscou validar as qualidades do curso como um todo.

4.4.1 Validação de Conteúdo

O primeiro processo, realizado por cinco professores de Tênis, foi feito através de páginas na Internet. Para cada página de validação, existia um OE (em um total de 7 OE's), para o qual o avaliador redigia um parecer. Esse parecer¹⁸ foi analisado, levando-se em consideração três categorias: clareza, pertinência e sugestões. Para os dois primeiros, considerou-se se os pareceres eram positivos (+ sem alterações recomendadas) ou negativos (- com alterações recomendadas). Alterações seriam feitas caso três ou mais avaliadores julgassem negativo. Para o último (sugestões), cada parecer foi considerado.

¹⁷ www.cesup.ufrgs.br/moodle;

¹⁸ Os pareceres encontram-se, na íntegra, no Anexo D.

OE “Linha do Tempo e de Fatos do Tênis” (História) - Animação

NOMES	CLAREZA	PERTINÊNCIA	SUGESTÕES (s/n)
A	+	+	N
B	+	+	S (nomes brasileiros)
C	+	+	S (tenis RS)
D	+	+	N
E	+	+	S(datas na antig., surg. Paume,

Tabela 2: Validação de Conteúdo - OE Linha do Tempo

Todos os avaliadores consideraram o conteúdo claro e pertinente. Dentre as sugestões, foram feitas considerações quanto à inclusão de um detalhamento maior da história do Tênis no Brasil e no Rio Grande do Sul. Além disso, comentou-se sobre a falta de nomes de jogadores com significativo impacto na história do Tênis. Embora pertinentes, nenhuma sugestão foi adotada diretamente no material. Optou-se por realizar esses adendos no decorrer do curso, em função da premência de tempo para modificações no OE. Ressalta-se que essas alterações serão feitas em versões futuras do OE.

OE “História do Tênis” – Texto

NOMES	CLAREZA	PERTINÊNCIA	SUGESTÕES (s/n)
A	+	+	N
B	+	+	S (esporte RS)
C	+	+	S (esporte RS)
D	+	+	S (esporte país)
E	+	+	S (datas)

Tabela 3: Validação de Conteúdo - OE História (Texto)

Nenhum avaliador comentou a respeito da falta de clareza do texto, ou de sua desconexão ao assunto. As sugestões feitas seguem a mesma linha do OE anterior, uma vez que este OE explica o outro, complementando-o. Da mesma forma, a mesma atitude (de comentar as alterações no decorrer do curso, incluído as modificações em versão futura) foi tomada.

OE “Fundamentos Técnicos¹⁹” - Animação

¹⁹ Um avaliador não respondeu este parecer.

NOMES	CLAREZA	PERTINÊNCIA	SUGESTÕES (s/n)
A	+	+	N
B	+	+	S (empunhadura)
C	+	+	S (empunhadura)
D	+	+	S (unid. Giro esq.; empunhadura)
E	?	?	?

Tabela 4: Validação de Conteúdo - OE Fundamentos Técnicos

Todos os avaliadores responderam positivamente às categorias “Clareza” e “Pertinência”. Quanto às sugestões, foi comentado a falta de informações referentes às Empunhaduras (modo de segurar a raquete), bem como pequenos equívocos sobre o relato da técnica. Sobre as Empunhaduras, criou-se um novo tópico para o tema, dentro da animação. Neste, foram incluídas fotos e uma breve descrição de cada uma das empunhaduras mais comuns. Outros pequenos erros na descrição da técnica, bem como outros erros funcionais da animação, foram corrigidos.

OE “Regras do Tênis” – Animação

NOMES	CLAREZA (s/n)	PERTINÊNCIA (s/n)	SUGESTÕES (s/n)
A	-	+	S (modific. Texto)
B	+	+	S (raquetes pesam 200-330g)
C	-	+	S (contagem)
D	-	+	S
E	-	+	S

Tabela 5: Validação de Conteúdo - OE Regras

Neste OE, os avaliadores consideraram o assunto pertinente aos objetivos do curso. Entretanto, consideraram-no um tanto quanto confuso, principalmente no tópico “Contagem”. Desta forma, esse tópico foi refeito, com a troca dos excessivos textos por informações menores e mais diretas. Além disso, foi incluído um link para um jogo online de Tênis²⁰, onde os cursistas poderiam praticar os conteúdos trabalhados (principalmente referentes à contagem) de uma forma divertida. Também foram acatadas algumas sugestões quanto à troca de termos, a inversão da ordem dos tópicos, além da correção de um defeito na construção da animação (dois botões que levavam ao mesmo lugar).

²⁰ Extraído de <http://www.gamedesign.jp>

OE “Aspectos Teóricos da Inclusão do Tênis em Escolas” – Texto

NOMES	CLAREZA	PERTINÊNCIA	SUGESTÕES (s/n)
A	+	+	N
B	+	+	N
C	+	+	S (vídeo de atividades)
D	+	+	S (desenv. Motor)
E	+	+	S (termos)

Tabela 6: Validação de Conteúdo - OE Aspectos Teóricos

Neste OE, todos os avaliadores consideraram seu assunto pertinente, e a sua apresentação clara. Acerca das sugestões, foi comentado sobre a inclusão de mais considerações sobre o desenvolvimento motor, bem como de atividades adicionais. Esses dois conteúdos não foram adicionados ao OE, visto que seriam abordados durante aula presencial do curso. Correções de termos foram realizadas.

OE “Progressão Pedagógica”

NOMES	CLAREZA	PERTINÊNCIA	SUGESTÕES (s/n)
A	-	+	S (má qualidade)
B	+	+	N
C	+	+	N
D	+	+	S(falar habilidades)
E	+	+	s

Tabela 7: Validação de Conteúdo - OE Progressão Pedagógica

Neste OE, quatro avaliadores consideraram o conteúdo claro. A má qualidade de uma das figuras, apontada por um avaliador, deveu-se a problemas técnicos no arquivo enviado a este avaliador. Todos consideraram o conteúdo pertinente. Um avaliador sugeriu a inclusão de mais comentários acerca do tópico “Habilidades”. Esses comentários foram realizados durante a aplicação do curso. Outro avaliador sugeriu a retirada do ordenamento em “Habilidades” e “Fundamentos”, alteração esta que foi realizada.

OE “Adaptação de Espaços e Materiais”

NOMES	CLAREZA	PERTINÊNCIA	SUGESTÕES (s/n)
A	+	+	n
B	+	+	S (quadra em qualquer lugar)
C	+	+	S (raquete de outro material)

D	+	+	n
E	+	+	S

Tabela 8: Validação de Conteúdo - OE Adaptação de Espaços e Materiais

Todos os avaliadores consideraram o OE claro e pertinente. As sugestões referentes a utilização de outros espaços, bem como a opção de novos materiais para a confecção de raquetes foram abordados no decorrer do curso.

4.4.2 Validação do Projeto Instrucional

Para este segundo processo, convidou-se cinco experts em EAD para avaliarem as qualidades instrucionais do curso. Para cada um, foi enviado um e-mail contendo as diretrizes gerais do processo de validação, bem como o instrumento de validação. Desses, três retornaram o instrumento preenchido. Os outros dois avaliadores convidados relataram problemas de ordem pessoal/profissional como justificativa para a não-participação.

		Navega	Clareza	adequa _etapas	adequa _plan	material _educ	adequa _tempo	manual	geral
avaliador	A	5	5	5	4	5	5	5	5
	B	3	5	5	5	5	4	5	4
	C	3	4	4	5	5	4	4	4

Tabela 9: Respostas da Validação do Projeto Instrucional

A tabela 9 mostra as respostas das qualidades específicas do Projeto Instrucional. Nota-se que apenas na questão 1 (Navegabilidade no conteúdo), avaliadores julgaram um quesito como 3 (“Médio”). Analisando-se os pareceres descritivos, pode-se constatar que esse resultado deveu-se a características da plataforma utilizada, bem como problemas técnicos em um OE (seus links internos não funcionavam quando vinculados à plataforma). Isto foi solucionado quando o arquivo contendo tal OE (de “Fundamentos Técnicos”) foi *baixado* para o computador do usuário, e aberto a partir daí.²¹

²¹ Apenas após a conclusão deste trabalho, a equipe técnica do Centro de Supercomputação da UFRGS (CESUP), que faz a gestão da plataforma Moodle onde foi disponibilizado o curso, conseguiu resolver problemas relacionados à versão do navegador através do qual os alunos acessam os materiais pelo Moodle. Soube-se então que são necessárias

Sobre os pareceres descritivos (Anexo E), algumas sugestões relevantes foram adotadas, como a inclusão de novos fóruns vinculados às aulas presenciais (que teriam a função de um “diário de bordo”); a solução dos problemas técnicos do OE mencionado anteriormente; a revisão gramatical de todo o material do curso; a entrega do manual do curso no primeiro encontro presencial.

Por fim, dois avaliadores consideraram o curso apto a ser aplicado. O terceiro também julgou o curso válido, mas apontou algumas ressalvas (a execução de suas sugestões, apresentadas acima).

4.5 Interação

Esta etapa, segundo o modelo proposto por Moore (1996), constitui a implementação propriamente dita do curso, na medida em que caracteriza a interação de professor, alunos e material disponibilizado. Do ponto de vista do presente trabalho, a interação iniciou após a validação dos conteúdos e dos objetos educacionais apresentados no curso, com professores de Educação Física, e da organização do curso à distância em si, com professores especialistas em EAD, conforme descrito no item 3.2.2. Assim, depois de integradas as sugestões de especialistas de ambas as áreas, deu-se início à implantação do curso experimental.

4.5.1 Descrição do Curso:

Os professores foram convidados a participar do curso de duas formas. Um grupo de 16 professores foi convidado através do banco de dados do Centro de Artes e Educação Física. São professores que já haviam realizado cursos com o

atualizações do software Office, que fornece as ferramentas de visualização de vários arquivos através do navegador Internet Explorer (informação não disponível naquele momento), razão pela qual passaram a sugerir o uso do navegador Mozilla Firefox.

Centro. Outros cinco professores foram convidados pelo interesse demonstrado durante a realização desta dissertação. Para todos, foi enviado um e-mail expondo os objetivos e uma breve descrição do curso. Contato telefônico também foi realizado. Destes, sete professores demonstraram mais uma vez interesse em participar do curso, mas por razões pessoais diversas, apenas três realizam o curso.

Considerou-se importante manter a experiência, apesar do pequeno número de participantes, em virtude do caráter exploratório da pesquisa e da exigüidade dos prazos, que inviabilizavam nova seleção de sujeitos. Outras edições do curso serão implementadas, na continuidade do trabalho, quando se poderão desenvolver metodologias originais de observação e avaliação.

1º submódulo: Noções de Informática.

Este foi o primeiro encontro do curso. A aula – presencial – foi realizada no Laboratório de Informática do CAEF, para que cada aluno tivesse acesso a um computador. Para esta aula, contou-se com a colaboração de um tutor, que auxiliou na retirada de algumas dúvidas e problemas técnicos.

A aula começou com uma explanação acerca do curso em si. Foi feita uma exposição sobre a origem do curso, seus objetivos e sua dinâmica. Também neste primeiro segmento foram entregues, aos alunos, o manual do curso (Apêndice B), o cronograma das atividades e um DVD, contendo uma partida de Tênis profissional, que seria utilizado durante aquela semana. Durante este primeiro momento, os alunos demonstravam estar bastante empolgados com o curso. Após a resolução de algumas dúvidas – relacionadas ao cronograma de atividades – a aula teve prosseguimento com o início do trabalho nos computadores.

O segmento de Informática começou com uma tarefa aos alunos: abrir a página da Plataforma de ensino. Com esta atividade, viu-se que todos os alunos sabiam acessar a Internet e utilizar um programa navegador (Browser) para achar um endereço específico. Após, pediu-se para que os cursistas preenchessem o cadastro necessário à utilização da plataforma Moodle. Este cadastro era constituído de informações gerais sobre o cursista, bem como do nome de usuário e da senha.

Após a realização do cadastro, os alunos tiveram acesso à página inicial do curso. Neste momento, a plataforma de ensino foi apresentada. Especificamente, mostrou-se a disposição geral das informações, as ferramentas de controle de tempo, de gerenciamento de usuário e de controle de atualizações, além da localização dos módulos do curso. Após, destinou-se alguns minutos para que os alunos configurassem o seu usuário (preenchessem seu perfil, colocassem uma foto sua, gerenciassem o recebimento de informações dos fóruns, entre outros).

Prosseguindo este segmento, realizou-se uma atividade de utilização do Fórum de Discussão. Pediu-se para que cada aluno postasse um parágrafo de apresentação, dizendo onde trabalhava, quais eram seus hobbies ou outras informações que achassem relevante. A atividade cumpriu com os seus objetivos de socialização e utilização da ferramenta, na medida em que todos os alunos postaram ao menos uma mensagem.

Em seguida, continuou-se a apresentação da plataforma. Desta vez, vivenciou-se o funcionamento da sala de bate-papo (chat) disponível. Durante esta sessão de teste, pediu-se para que os alunos dissessem suas experiências anteriores em interações sociais através da Internet. Dois alunos afirmaram terem vivenciados diversas situações de utilização de chats para interação social, além de blogs e outros fóruns. Outro ponto discutido na sessão foram algumas recomendações de utilização desta ferramenta, como a forma de se escrever, a utilização de caracteres com significados especiais (*emoticons* 😊), e outros padrões de conversação. Mais uma vez, os alunos se mostraram participantes, superando a até mesmo a inexperiência de um deles na utilização desta ferramenta.

Para finalizar este primeiro encontro, foi-se explicado como seria o funcionamento do decorrer do curso. Com o apoio do cronograma de atividades, entregue aos alunos junto com o Manual do curso, foi definido o dia do chat obrigatório daquela semana, bem como os prazos das outras atividades. Por fim, foi marcado o dia da próxima aula presencial, realizada no sábado seguinte. Após abrir espaço para dúvidas gerais, a aula foi encerrada.

2º submódulo: História

A atividade proposta para este submódulo foi um Fórum de Discussão, no qual os alunos deveriam comentar um ponto que achassem mais pertinente na evolução do Tênis. Entretanto, apenas um aluno realizou a atividade, postando um tópico.

A baixa utilização da ferramenta de fórum pode ser interpretada como uma dificuldade de fazer os alunos aprofundarem sua participação, na medida em que esse tipo de trabalho implica textos mais longos, elaborados e, portanto, mais exigentes do que o Chat ou a participação em aula presencial. Não foi possível, em função da curta duração do curso, elaborar outras estratégias de participação para suprir a baixa participação no fórum, o que seria desejável, em termos da manutenção da distância transacional nos termos planejados. Entretanto, futuras edições do curso podem ampliar esta possibilidade, inclusive buscando-se compreender melhor as possibilidades e as dificuldades do uso de fóruns.

3º módulo: Fundamentos Técnicos

O objetivo deste submódulo era apresentar, aos cursistas, os fundamentos técnicos mais utilizados no Tênis. Para tanto, contou-se com dois Objetos Educacionais: uma animação, que mostrava os fundamentos sob forma de vídeo e fotos, com comentários sobre os pontos principais; e um DVD, com a gravação de uma partida de Tênis profissional. O módulo foi dividido em duas partes: na primeira, pediu-se que os alunos estudassem o material; na segunda, que participassem do chat sobre o tema.

Durante o chat, que tinha duração prevista de uma hora, vinte minutos acabaram destinados à resolução de problemas técnicos, pois os alunos não haviam conseguido acessar as animações. Ressalte-se, a esse respeito, a importância da estruturação de equipes, na montagem de EAD em escala profissional, dentro das quais estariam previstas tutorias tecnológicas, para apoiar os alunos na solução

desse tipo de dificuldade. No caso do curso experimental proposto, não foi possível, no tempo do Chat, identificar e ajudar os alunos a solucionar os problemas de seus próprios computadores, ao acessar as mídias. A solução proposta foi a entrega de um CD, com as mídias, no próximo encontro presencial. Em função desse atraso no Chat, optou-se por focar a conversa nos conteúdos de História. Abriu-se a discussão sobre os pontos que os alunos tinham julgado mais interessantes. No apêndice D, uma cópia desta primeira interação virtual.

O primeiro a ser levantado foram as atividades precursoras do tênis (*Herpastrum*, *Spairistike* e *Jeu de Paume*). Sobre este assunto, discutiu-se as implicações da prática dessas atividades no decorrer do tempo, e suas adaptações até os esportes de raquetes atuais. Outro ponto levantado foi o início da prática do Tênis no Brasil. Discutiu-se sobre algumas hipóteses da introdução do esporte em território nacional, centrando-se na participação dos clubes alemães do início do século, visto que um dos alunos morava em uma cidade de colonização alemã. Ao final do tempo estipulado, fez-se uma conclusão rápida sobre os pontos discutidos, bem como sobre algumas considerações para as próximas atividades do curso, entre as quais a aula prática.

4º módulo: Regras

O último submódulo da primeira semana de curso versava sobre as regras. Além de acessar o OE construído, os cursistas tinham a tarefa de alimentar o glossário com termos relacionados ao Tênis. Novamente, apenas um cursista realizou a atividade proposta, muito embora outro aluno acessou a plataforma no dia da tarefa. Já o terceiro – como no resto da semana – não acessou a plataforma de ensino.

Aqui, já se começava a notar que a distância transacional estava aumentando. Como este terceiro cursista ainda não havia acessado a plataforma, buscou-se outra forma de contato com ele, a fim de se saber os motivos deste distanciamento. Na tentativa de aproximar novamente o aluno, realizou-se uma tentativa de diálogo direto, através de um contato telefônico, no qual foi atribuída à

falta de tempo a sua ausência nas atividades propostas. Vale ressaltar que os autores adotados (Moore, 1991; 1996) ressaltam a importância de que se monitorar permanentemente a participação dos alunos, visando exatamente atuar no processo antes que ocorra uma evasão definitiva. Entretanto, no caso presente, o aluno alegou questões pessoais para o afastamento e comentou que ainda estava entusiasmado o prosseguimento do curso, dando indícios de que as razões de sua não-participação não estavam relacionadas ao processo de planejamento e implementação do curso.

Em situações como esta, no caso da implantação de uma estrutura institucional de EAD, verifica-se a necessidade da existência de instrumentos válidos e fidedignos, que mensurem constantemente a distância transacional percebida pelo aluno. Esta situação também é abordada por Chen (2001), que realizou um estudo preliminar, segundo o próprio autor, sobre a formulação de tal instrumento. Sem tal instrumento, o professor depende única e exclusivamente da sua percepção, o que, em um ambiente mediado por computador, pode gerar conseqüências negativas. O que se deseja ressaltar, nesse caso, é que houve a identificação, pelo professor, de que o aluno estava se afastando, e uma ação concreta para identificar possíveis causas desse afastamento, não sendo observados, naquele momento, sinais de insatisfação com o tema ou o ambiente do curso.

5º módulo: Aula presencial “Introdução ao Tênis”

Após uma semana de atividades, realizou-se o segundo encontro presencial, nas dependências de um clube de Tênis²², localizado na cidade de Porto Alegre. O encontro iniciou com uma conversa acerca dos trabalhos realizados durante a semana. Discutiu-se brevemente sobre os problemas técnicos enfrentados, as discussões feitas no Chat, bem como alguns comentários sobre os OE utilizados. Além disso, comentou-se sobre a falta de participação de alguns cursistas nas atividades propostas, principalmente nos Fóruns de Discussão.

²² Este encontro não foi realizado no local planejado – quadras de tênis da ESEF/UFRGS – devido às condições meteorológicas desfavoráveis.

Após, passou-se para a parte prática da aula. Foram planejadas diversas atividades, com grau de dificuldade crescente, desde a manipulação/ocupação dos materiais (quadra, raquete e bola) até a sua efetiva utilização no ato de rebater. Como os cursistas citaram experiências prévias em atividades de rebater (como o Frescobol), as últimas atividades tiveram um grau de exigência maior que o esperado. No final da aula, os cursistas atingiram um nível tal, que foi possível realizar um jogo sem nenhuma adaptação. Durante toda a aula, nos intervalos entre uma atividade e outra, sempre se conduzia uma discussão a respeito da finalidade daquela atividade, bem como sempre tentou-se apontar para a utilização daquela atividade em ambiente escolar.

Para finalizar o encontro, foi feita uma reflexão geral das atividades propostas. Por fim, recapitulou-se como seriam as atividades a serem realizadas naquela semana, bem como se ressaltou a importância da participação de todos nas atividades propostas nos módulos à distância.

6º módulo: Pressupostos Teóricos da Inclusão do Tênis em Escolas

A atividade proposta, de incluir um tópico, em um Fórum, descrevendo como cada cursista incluiria o tênis em suas aulas, baseado em experiências prévias e no que foi estudado. Dois alunos realizaram a atividade, expondo seus modos de incluir esse conteúdo. Um cursista comentou, por exemplo, a possibilidade de se utilizar folhas de bananeira como grandes raquetes. Além disso, houve uma boa discussão, no que tange às possibilidades que se abrem com o tênis na escola, uma vez que se pode realizar um trabalho interdisciplinar com a história, o inglês (na questão de vocabulário), na expressão artística (durante a construção das raquetes), entre outros.

7º módulo: Adaptação de Materiais e Espaços

O objetivo deste módulo era dar algumas sugestões de materiais e espaços alternativos, que pudessem ser adaptados sem muitos custos. Utilizou-se

um OE, que disponibilizava estas sugestões. Além disso, foi realizado um Chat, que abordou o tema da “Inclusão do Tênis em Escolas”.

O chat, que contou com a participação de todos os cursistas, teve duração de uma hora. Neste tempo, a discussão centrou-se na possibilidade de inclusão do Tênis nas escolas, suas dificuldades e seus benefícios. Houve uma grande participação dos cursistas, que conseguiram discutir os temas com certa profundidade (limitados pela capacidade operacional do chat)²³. Pelo fato do chat ser uma ferramenta síncrona, rápida, ele se torna de uso difícil para pessoas sem experiência em informática (ou com dificuldades em digitar rapidamente). Com isso, dificuldades na comunicação entre os participantes podem levar a um aumento no desinteresse pela atividade. Entretanto, apesar dessa falta de cultura no uso da tecnologia, esta atividade permitiu perceber claramente a importância do correto acompanhamento do planejamento proposto, uma vez que cumpriu o objetivo de permitir aos alunos refletir sobre as formas de aplicação do conhecimento adquirido ao longo de todo o curso.

8º módulo: Construção de atividades

O Fórum proposto como atividade deste submódulo contou com a participação de apenas um aluno, que adaptou sua atividade de outras que costumava utilizar nas suas aulas de Educação Física. Outro aluno chegou a entrar na página durante o período destinado a realização da tarefa proposta. Entretanto, este aluno não realizou a tarefa. O terceiro aluno sequer acessou a plataforma.

Esta falta de participação, de uma forma geral, pode estar vinculada a uma mudança na forma como os professores possivelmente estavam acostumados a aprender, tanto quanto com a maior exigência dos Fóruns, em relação, por exemplo, à informalidade dos Chats²⁴. Com a EAD, o estudante precisa ser mais

²³ Uma cópia desta interação encontra-se no Apêndice E.

²⁴ Embora sem referências explícitas na literatura pesquisada, há uma queixa comum entre professores, que aparece inclusive em discussões virtuais sobre EAD, sobre as dificuldades de

autônomo, a fim de cobrir a maior distância transacional que ocorre nesta modalidade (MOORE, 1991). Entretanto, mesmo com dois dos três cursistas já tendo alguma experiência em cursos à distância, parece que eles ainda não estão totalmente adaptados às novas necessidades apresentadas por esta forma de ensino. Pinheiro (2002) também relata este fenômeno, que acaba por retrain a participação do aluno.

9º módulo: Aula presencial “Tênis em escolas”

O último encontro do curso ocorreu nas dependências da ESEF/UFRGS. Este encontro foi dividido em duas partes, com objetivos distintos. Durante os 90 minutos iniciais, objetivou-se trabalhar nas questões práticas relacionadas á inclusão do Tênis em escolas (construção de raquetes, adaptação do espaço e vivências de atividades). Já a segunda parte, com duração de 30 minutos, foi destinada ao encerramento do curso, além do preenchimento do questionário de satisfação.

Na primeira parte da aula, os dois cursistas que compareceram iniciaram a construção da raquete adaptada. Para tanto, seguiu-se o modelo sugerido no decorrer do curso. Também utilizaram-se raquetes de Frescobol, de custo bem acessível. Outras sugestões, como raquetes de plástico, também foram discutidas. Após, algumas atividades com a utilização da bola e da raquete foram propostas, vivenciadas e discutidas. Também a adaptação da quadra foi abordada, com sua execução sendo feita de linha de varal e jornal para a rede, e sugerido o uso de giz para demarcar as linhas.

levar os alunos a utilizarem a ferramenta de comunicação assíncrona de tipo Fórum. Uma das justificativas é de que são interações mais exigentes, uma vez que os alunos precisam organizar textos mais longos, que ficarão expostos aos colegas, obrigando, portanto, a uma maior correção e precisão de idéias. Não houve tempo e condições suficientes de ampliar esta observação, que poderá ser retomada, em características experimentais inclusive, na continuidade desta pesquisa (possivelmente em tese de doutorado). Outro item que não foi analisado em profundidade, especificamente mencionado por Moore (1996), foi o perfil dos alunos, tanto no que diz respeito à motivação pessoal quanto ao grau de educação formal, os quais, segundo este autor, são fatores de adesão dos alunos ao curso e às atividades propostas, como se verá adiante.

O segundo segmento da aula contemplou a finalização do curso. Comentou-se sobre a avaliação final, a ser entregue via plataforma, e reiterou-se o papel do curso na disseminação do Tênis no universo escolar. Por fim, pediu-se que fosse preenchido o Questionário de Satisfação com o Curso.

4.6 Avaliação do Curso

4.6.1 Satisfação

Durante a última aula do curso, foi aplicado um questionário, que possuía o intuito de saber a satisfação dos alunos com o curso. O instrumento contava com 57 questões objetivas, além de espaços para pareceres descritivos no final de cada tópico. Para a análise, foi realizado um cálculo da média das respostas de cada dimensão, para cada cursista. Seus resultados são expostos na tabela 10.

		Conteúdo Curso	chats	Ambiente eletrônico	Interacao participantes	Estrategias ensino	Auto avaliacao
alunos	A	4,60	4,25	5,00	5,00	4,92	3,11
	B	4,80	4,50	5,00	5,00	5,00	3,44

Tabela 10: Respostas do Questionário de Satisfação com o Curso.

Dois cursistas responderam o questionário. Como se pode ver, os alunos apresentaram altos níveis de satisfação com o curso. Na dimensão “Procedimentos do Curso”, os alunos avaliaram o “Conteúdo do Curso” e a qualidade do “Chat” entre *Bom* e *Excelente*. Consideraram também o “Ambiente Eletrônico” como *Excelente*. Entretanto, este resultado contrasta com a baixa participação dos cursistas no decorrer do curso. Segundo o relatório de frequências, provido pela plataforma, apenas um aluno realizou acesso em todas o material disponibilizado, bem como nas atividades propostas. Já outro aluno realizou apenas três acessos gerais à plataforma. Considera-se que não há, na presente pesquisa, elementos suficientes para uma interpretação consistente da baixa participação, à luz da literatura

utilizada. Recomenda-se a continuidade da pesquisa, com a aplicação do curso a um número maior de alunos, com interesses mais dirigidos ao tema proposto.

Sobre a “Avaliação do Professor”, os alunos também se referiram positivamente. No item “Interação com os Participantes”, ambos os alunos consideraram que o professor “Sempre” atendeu às necessidades. Em “Estratégias de Ensino”, apenas um aluno, em uma questão, considerou que o professor atendeu “Muitas vezes”. Todas as outras questões foram respondidas com a avaliação máxima.

Já sobre a “Avaliação do Processo de Aprendizagem”, onde os alunos respondiam sobre o seu aproveitamento, os índices foram menores. Um dos alunos relatou que dedicou apenas 1 hora semanal, na Internet, para o Curso, não dedicando tempo algum para o estudo *off-line*. Este mesmo aluno relatou que leu apenas metade do conteúdo disponibilizado. Já o outro aluno relatou uma dedicação semanal de 4 horas, o que possibilitou a leitura completa do material. Ambos os alunos consideraram suas participações, na média, como nível 3, não atendendo “Nem muito nem pouco” às exigências do curso.

4.6.2 Participação

A análise de conteúdo foi prejudicada, pelo fato de apenas um aluno ter entregado a atividade final. Entretanto, a atividade entregue²⁵ atingiu os requisitos desejados, atingindo os objetivos propostos. Pode-se verificar que o aluno conseguiu criar duas aulas distintas, utilizando, em uma delas, conteúdos de História, trabalhados através de gravuras, a serem feitas após debate realizado com seus alunos. Esta relação entre a história do esporte, e a sua representação gráfica, corrobora com a opinião de Avilés e colaboradores [1996], segundo o qual o Tênis possui diversos conteúdos que podem ser trabalhados fora da disciplina de Educação Física.

²⁵ Constitui o Apêndice C.

Considerando-se a participação dos alunos, ao longo do curso, e utilizando-se as percepções pessoais do professor, no que tange à distância transacional de cada aluno, observações podem ser feitas. Pode-se notar que um aluno teve grande participação durante todo o curso. Estava sempre buscando informações, dialogando com o professor e os colegas, realizando as atividades propostas, o que leva a crer, neste caso, em uma distância transacional pequena.

Denota-se que este é um aluno com características propícias a um bom aproveitamento de cursos à Distância. Segundo Moore e Kearsley (1996), uma série de fatores podem afetar o sucesso em um curso na modalidade EAD, entre os quais estão a formação anterior do aluno, preocupações extracurriculares, além de características pessoais (como o estilo de aprendizagem, capacidade de auto-motivação e autonomia para o estudo). Ainda estes autores apresentam resultados de pesquisas que indicam alguns indicadores de sucesso, como a intenção em completar o curso, a rápida participação em atividades assíncronas e a finalização de cursos anteriores.

Outro aluno participou em boa parte das atividades propostas. Acessou todo o material, mas não realizou todas as atividades. Durante as duas aulas práticas que freqüentou, apresentou participação destacada. Pode-se inferir que este aluno apresentou uma distância transacional um pouco maior que o primeiro aluno descrito, embora sem condições de interpretar esta situação, por falta de instrumentos de análise mais robustos. Outro fator que pode ainda ser relacionado ao sucesso do aluno em um curso à distância se refere à possibilidade/facilidade de acesso ao material proposto. Alunos que não possuam computadores com acesso à internet – como foi o caso do cursista – enfrentam maiores dificuldades no prosseguimento do curso, pois dependem de lugares muitas vezes inadequados a um estudo de qualidade, como salas públicas de computadores (conhecidas como *Lan Houses*). Keegan (1996) cita que o ambiente de estudo é muito importante para uma boa performance do estudante.

Já o terceiro aluno apresentou, aparentemente, uma grande distância transacional, como foi referido inclusive na descrição do curso, quando se tentou atuar sobre esse afastamento, através de contato direto com o aluno. Isso pode ser

observado na sua pouca participação no curso, principalmente no acesso aos materiais e na participação das atividades à distância. Em apenas um evento à distância contou-se com a participação deste cursista, exatamente após o contato direto, o que comprovou o acerto da ação, que, entretanto, talvez não tenha sido suficiente para motivá-lo a completar outras atividades. Extratos de acessos à plataforma indicam que este cursista acessou apenas três vezes a plataforma, no decorrer do curso (sendo uma na primeira aula, presencial). Entretanto, vale ressaltar que este mesmo aluno participou ativamente das três aulas presenciais realizadas, o que dá conta de seu interesse pelo assunto. Como ele participava bastante das aulas presenciais, mas pouco nas mediadas pelo computador, uma possível interpretação seria exatamente a característica pessoal, de falta de automotivação ou pouca autonomia para o estudo autônomo. Moore (1991) cita ser um dos pontos mais difíceis a identificação correta de quão autônomo cada aluno pode ser. Por isto, é preciso um diagnóstico constante da qualidade da experiência, e presteza no aumento do diálogo, quando necessário.

Peters (2004) fala da existência deste tipo de alunos, a quem chama de *Estudantes Inativos*. Segundo esse autor, estudantes inativos “podem ser muito ativos, à sua maneira” (p. 217), através da leitura e do estudo detalhado da discussão dos outros participantes, por exemplo. Complementa, dizendo que, em alguns casos, estes alunos apresentam ótimos resultados acadêmicos.

Infelizmente, no caso específico, não houve tempo suficiente para acompanhar o referido aluno, comparando seus resultados e sua pouca participação. Sugere-se, na continuidade do trabalho, que se criem rotinas de acompanhamento, mesmo através da plataforma de EAD, para descrever características específicas sobre o perfil dos alunos, de forma a flexibilizar as formas de participação e avaliação, segundo as necessidades individuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último momento, apresentar-se-ão as limitações, conclusões e apontamentos resultantes deste trabalho.

5.1 Limitações

O presente trabalho, dado o seu pioneirismo – essa é uma das primeiras dissertações acerca da inclusão da Educação à Distância no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano/UFRGS – enfrentou diversos obstáculos durante o seu progresso, o que, inevitavelmente, levou a uma série de limitações.

A primeira dessas dificuldades foi decorrência direta da proposição dos objetivos. Por se tratar de um trabalho multidisciplinar (e sendo estas disciplinas – principalmente em se tratando de EAD e Educação Física – muito específicas e distintas), julgou-se necessária a participação de mais um professor orientador. Entretanto, como a Escola de Educação Física da UFRGS não possuía em seu quadro discente, um professor com formação específica em EAD, partiu-se para uma busca em toda a universidade, culminando no convite à prof^a Dra. Maria Isabel Timm, que já havia co-orientado dissertação correlata²⁶. Embora de vital importância para o trabalho, essa situação causou, devido ao grande tempo investido na busca (de aproximadamente seis meses), limitações temporais para implementação do curso experimental.

Ressalta-se como limitação desta dissertação, também, a falta de metodologia consolidada na área desta pesquisa – desenvolvimento e validação de curso. Isto levou à busca de respostas em teóricos que pudessem ter suas idéias adaptadas às necessidades desta dissertação, embora ainda pouco trabalhados,

²⁶ Sobre a formação de Gestores Esportivos através de EAD (CABRAL, 2006).

pelo menos em se tratando de publicações brasileiras. Teve-se que “aprender” como utilizar as diretrizes de Moore (1991, 1996), adaptando-se instrumentos e redobrando-se os cuidados metodológicos, por exemplo.

A falta de uma equipe multidisciplinar para o desenvolvimento do curso também pode ser referida como uma limitação deste trabalho. O fato de não se contar com tal equipe fez com que diversas funções fossem realizadas por poucas pessoas, como o desenvolvimento dos Objetos Educacionais (incluindo a realização de algumas ilustrações e sua programação), a construção do Projeto Instrucional, a aplicação do curso e o suporte técnico (para os alunos). Isto impediu que o curso tivesse uma qualidade ainda maior, caso as tarefas especializadas fossem realizadas pelos respectivos especialistas, conforme propõem os mesmos autores utilizados como referência, no sentido de defenderem uma visão sistêmica, com planejamento e implementação integrados em uma cultura profissional e tecnologicamente já implantada.

O fato de o curso ser experimental também levou a algumas limitações. Fez, por exemplo, com que os possíveis cursistas fossem convidados a partir de uma base de nomes relativamente pequena, a fim de diminuir uma variabilidade de conhecimentos (principalmente informáticos) muito ampla. Isso, somado à execução do curso entre o final do bimestre escolar e o período de férias, pode ter contribuído enormemente para o número baixo de participantes do curso. Levou, também, a realização de um curso de curta duração, que não permitiu uma maior ação no combate ao aumento da distância transacional de alguns alunos.

Considera-se, entretanto, que todas as limitações não diminuíram a relevância do projeto e, ao contrário, motivaram o pesquisador a um trabalho realmente dinâmico de construção de conhecimento teórico e prático sobre todas as etapas do processo, num processo que deverá ter continuidade e ramificações, na carreira individual do pesquisador e na própria Escola de Educação Física da UFRGS.

5.2 Conclusões

Neste momento, buscar-se-á responder aos objetivos do trabalho, descritos na Introdução, baseando-se em todo o desenvolvimento desta dissertação. Além destas conclusões, apontamentos a trabalhos futuros.

– Elaborou-se efetivamente um curso de Tênis em Escolas, conforme foi proposto no início do trabalho, com o objetivo de disseminar o tênis a um público de professores, dando-lhes informações suficientes para utilizar o esporte durante suas aulas de Educação Física Escolar. Este curso contava com conteúdos referentes ao Tênis institucionalizado (História, Regras e Fundamentos Técnicos) e à inclusão do Tênis em Escolas (Aspectos teóricos da inclusão, adaptação de espaços e materiais, atividades). Não se conseguiu ampliar, no tempo desta dissertação, o número de professores aos quais o referido curso estava destinado, embora este seja um objetivo a ser perseguido, em termos institucionais e acadêmicos. O presente Curso Experimental, que foi avaliado quanto ao seu conteúdo e às suas características tecnológicas, deverá servir como ponto de partida para futuras edições da atividade, adaptadas a outros públicos e a outras condições tecnológicas (como sugerido pelos autores da visão sistêmica de planejamento e implantação de EAD);

– Definiu-se o Modelo Sistêmico de construção de cursos, proposto por Moore e Kearsy (1996), e a Teoria da Distância Transacional (MOORE, 1991; MOORE et al., 1996) como referenciais teóricos à elaboração, validação, aplicação e avaliação do curso de Tênis em Escolas. Nesse item, considera-se que o referencial teórico foi compatível com o proposto e poderá ser utilizado em futuras edições do curso, atendendo aos objetivos da pesquisa. Entretanto, as colocações dos autores talvez tenham sido ainda adaptadas de forma insuficiente à realidade observada nesta primeira edição do curso, pela ausência de uma equipe profissional de apoio, pela ausência de instrumentos claros de monitoramento da atividade e participação dos alunos, respeitando-se as individualidades, e, principalmente, pela ausência de instrumentos claros de ação sobre o aumento da distância transacional, quando observada. Neste caso, a ação tentada foi insuficiente, mas foi impossível atribuir o afastamento do aluno a questões individuais ou a questões ligadas ao planejamento e implementação do curso.

– Adaptou-se o curso elaborado à plataforma educacional Moodle, ajustando Objetos Educacionais e atividades de interação síncronas e assíncronas às necessidades do mesmo. Atendeu-se, assim, ao objetivo operacional do trabalho e desenvolveu-se um produto inédito – o Curso à Distância Tênis em Escolas- , pelo menos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento da ESEF (e da literatura pesquisada). Nesse sentido, o presente trabalho constituiu uma inovação, tanto em termos do ensino de Educação Física, quanto em termos do ensino à distância para esta área, consolidando ainda os objetivos do CAEF, de disseminar as tecnologias de informação e comunicação na cultura educacional da área. Ressalte-se que o curso desenvolvido foi aplicado, nesta edição, para atividades de extensão, mas poderá ser adaptado para disciplinas de graduação e pós-graduação, constituindo-se, em si, como o principal produto acadêmico desta dissertação de mestrado, apoiado nas respectivas validações, descritas a seguir.

– Validou-se o curso, com o auxílio de especialistas em Tênis e em Educação à Distância, tanto com relação ao conteúdo quanto ao projeto instrucional proposto. Alterações também foram feitas, de acordo com sugestões dos avaliadores. Outras alterações deverão ser feitas na continuidade da pesquisa, tanto para atender futuras necessidades de outros públicos, como para adaptar-se à natureza das novas tecnologias, que permitem a contínua renovação e atualização dos recursos. Embora não fosse um dos objetivos explícitos da presente pesquisa, ressalte-se que a validação do curso no âmbito do conteúdo e das características específicas de EAD constituiu um procedimento inovador, em termos de metodologia de avaliação de cursos desta natureza. Associada com instrumentos mais precisos de validação e de observação, considera-se que esta pode ser uma metodologia de avaliação de futuros cursos, a ser examinada mais profundamente, em atividades futuras de pesquisa educacional;

– Aplicou-se o curso a um grupo de três professores que, embora tenham demonstrado grande satisfação com o curso (através de um questionário destinado à mensuração desta questão), possivelmente apresentaram uma distância transacional elevada, observada na baixa produtividade das atividades propostas. Esta etapa, do ponto de vista do conjunto do trabalho, foi a mais prejudicada, em termos de possibilidades de observação da realidade, tanto pelo baixo número de participantes, quanto pela impossibilidade de se observar perfis de alunos mais adequados à atividade educacional à distância. Entretanto, considera-se que a

presente edição do curso poderá ser considerada um estudo preliminar das possibilidades reais para a implantação de um piloto do curso a distância, em condições normais de captação de alunos. Nesse sentido, saliente-se o enorme potencial de aplicabilidade dos resultados obtidos neste trabalho, que qualificam a pesquisa acadêmica e o Programa de Pós-Graduação onde foi realizada.

Concluindo, dada as diversas limitações deste estudo, não se pode responder de forma definitiva à questão principal desta dissertação, dando um parecer conclusivo sobre a usabilidade da EAD em cursos na área de Educação Física, especialmente na disseminação do Tênis em Escolas a um público de professores. Entretanto, é possível dizer que a experiência foi extremamente válida, corroborando com resultados de outros estudos na área (NASCIMENTO, 2003; SOBRINHO et al., 2004), que apontam positivamente para a realização de novos trabalhos, desde que observadas as limitações descritas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Denise S. **A educação à distância na educação continuada de profissionais de Educação Física**. Rio de Janeiro, 1988. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFRJ, 1988.
- ATISHA, Jorge N. El Rol del Entrenador en la Autoconfianza de sus jugadores. In: **Resumo das Apresentações / Workshop Sudamericano IFT – COSAT para Entrenadores**, 10., 2004, Asunción. Disponível em <http://www.itftennis.com/shared/medialibrary/pdf/original/IO_5965_original.PDF>, acessado em 04 maio 2006.
- AVILÉS, Carlos; CAMPOS, Alfredo; ABARCA, Juan P. **Estimulación y Desarrollo en la Iniciación al Tenis**. 104 p. Federación de Tenis de Chile: Santiago, [1996].
- BOLZAN, Regina de Fátima. **O Conhecimento Tecnológico e o Paradigma Educacional**. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 1998.
- BRUSTOLIN, Milton. **Tênis no Brasil: história, ensino e idéias**. 92 p. Sprint: Rio de Janeiro, 1995.
- CABRAL Jr, Paulo A. F. **Formação de Gestores Esportivos Municipais: contribuição das novas tecnologias através de um portal de conteúdos**. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, 2006.
- CAEF. Coordenação de Helena de Souza Nunes. Desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em <<http://www.caef.ufrgs.br>>. Acesso em 3 mar. 2006.
- CALVO, Tomás. Estrategias metodológicas para la creación de un clima motivacional adecuado en deportes de equipo. **Revista Digital EFDeportes**, ano 10, N. 79, dez 2004. Disponível em <www.efdeportes.com>. Acessado em 30 nov 2004.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em Rede. Vol. I. 4ª Edição. Paz e Terra, 1999.
- CHANDLER, T. Jeff. Exercise Training for Tennis. **Clinics in Sports Medicine**. Vol. 14, N. 1, p. 33 – 46, Jan 1995.
- CHEN, Yao-Jane. Dimensions of Transactional Distance in the World Wide Web Learning Environment: a factor analysis. **British Journal of Educational Technology**. Vol. 32, n. 4, p. 459 – 470, 2001.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS. **Regras de Tênis**. Disponível em <<http://www.cbt.esp.br/modulos/cbt/cbt/conteudos/67.pdf>>. Acessado em 27 ago 2007.
- COX, Margaret J.; MARSHALL, Gail. Effects of the ICT: do we know what we should know? **Educational Informatics Technology**. Vol. 12, p. 59 – 70, 2007.
- CRESPO, Miguel C. **Ejercicios para Mejorar tu Tenis. Niveles: iniciación y medio**. 131 p. Gymnos: Madrid, 1990.
- CRESPO, Miguel C. Mini-Tenis: um medio para el aprendizaje del tenis. **Apunts**. No. 44 – 45, p. 42 – 50, 1996.

CRESPO, Miguel. Las Potencias Mundiales del Tenis: razones del éxito. **ITFTennis**. Disponível em <www.itftennis.com/coaching>. Acessado em 04 maio 06.

CRUZ, Dulce M. Aprender e Ensinar Através da Videoconferência: percepções e estratégias de alunos e professores num ambiente tecnológico interativo. **Tecnologia Educacional**, v. 29, n. 145, p. 4 – 10, 1999.

DALLA COSTA, José L.; RONSONI, Lucinéia. Mini-tênis na Escola. In: **Resumos / Congresso Internacional de Treinamento Esportivo da Rede CENESP**, 2., 2005, Gramado. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2005. p. 89.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Decreto n° 2.494, de 10 de fevereiro de 1998.

DIAS, Juarez M.; RODRIGUES, André F.; MORO, Antônio R.; COSTA, Taise S.; CARVALHO, Jolmerson de; CAMARGO, Fernando; SANTOS, Josenei B. Inclusão do Tênis de Campo na Rede Escolar de Santa Catarina: a popularização do esporte através da metodologia do mini-tênis. In: **Resumos / Congresso Internacional de Treinamento Esportivo da Rede CENESP**, 2., 2005, Gramado. Porto Alegre: Escola de Educação Física, 2005. p. 90.

DIAS, Juarez M.; SANTOS, Saray G.; SILVA, Osni J.; ABES, Laurent O.; CARABAGIALLE, Marcelo A.; SIQUEIRA, Soraya G. O Ensino-Aprendizagem de Tênis nos Cursos de Educação Física. p. 105 – 106. In: **ANAIS / IV Jornada Internacional de Treinamento e Organização do Tênis**; Editores: MORO, Antônio R.; DIAS, Juarez M. Florianópolis: UFSC, NETEC, 2002.

DWYER, Francis; LI, Ning. Distance Education Complexities: questions to be answered. **International Journal of Instructional Media**, vol. 27, n° 1, p. 25-28, 2000.

FORTI, Leonelo. **La Formación del Tenista Completo**. 178 p. Paídos Ibérica: Buenos Aires, 1992.

FREIRE, João B.; SCAGLIA, Alcides J. **Educação como Prática Corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

GALLAHUE, D.; OZMUN, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2003.

GIFFONI, Edmundo. **Tênis: catarse moderna**. 274 p. Feplam: Porto Alegre, 1989.

GOODWAY, J.; RUDISILL, M.; VALENTINI, N. The influence of instruction on the development of catching in young children. **Motor Development: Research and Reviews**, v. 2, p. 97-119, 2002.

GORSKY, Paul; CASPI, Avner. Dialogue: a theoretical framework for distance education instructional systems. **British Journal of Educational Technology**, vol. 36, n° 2, p. 137 – 144, 2005.

GUELLENZOPH, Lisa. The Integration of Constructivist Theory and Socialization to Distance (Online) Learning. **The Delta Pi Epsilon Journal**, vol. 45, n° 3, p. 173 – 182, 2003.

GURI-ROSENBLIT, Sarah. 'Distance Education' and 'e-Learning': not the same thing. **Higher Education**, vol. 49, p. 467 – 493, 2005.

INSTITUTE OF ELECTRICAL AND ELECTRONICS ENGINEERS. **IEEE Standard for Learning Object Metadata**, 2005. Disponível em <<http://ltsc.ieee.org/wg12/>>. Acesso em 05 jul. 2007.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION. **ITF School Tennis Initiative Teacher Manual**. 148 p. ITF: Londres, 1998.

INTERNATIONAL TENNIS FEDERATION. **Mini-Tenis: desarrollo de la base**. 87 p. Gymnos: Madrid, 1991.

JUNG, Insung. Building a Theoretical Framework of Web-Based Instruction in The Context of Distance Education. **British Journal of Educational Technology**, vol. 32, n° 5, p. 525 – 534, 2001.

KEEGAN, Desmond. **Foundations of Distance Education**. 3ª Ed. Routledge Falmer: London, 1996.

LANZA, Vincenzo. How to Develop a Low-Cost, In-House Distance Learning Center for Continuing Medical Education – part II. **Journal of Clinical Monitoring and Computing**, vol. 17, n° 7-8, p. 421 – 426, 2002.

LEITÃO, Maria Theresa K. **Procedimentos do Ensino do Tênis de Campo para Portadores de Síndrome de Down**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

LEITE, Lígia S.; POCHO, Claudia L.; AGUIAR, Márcia M.; SAMPAIO, Marisa N. Tecnologia Educacional: mitos e possibilidades na sociedade tecnológica. **Tecnologia Educacional**, v. 29, n. 148, p. 38 – 43, 2000.

LITWIN, Edith (org). **Educação a Distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

MANATHUNGA, Catherine. Designing Online Learning Modules: an australian example in the teacher education. **International Journal of Instructional Media**, vol. 29, n° 2, p. 185 - 195, 2002.

MARCHON, Jean-Claude. Mini-Tennis: the french approach. **Coaching & Sport Science Review**. N. 17, p. 9 – 10, abril 1999.

MATUZAWA, Flávia Lumi. **O Conceito de Comunidade Virtual Auxiliando o Desenvolvimento da Pesquisa Científica na Educação a Distância**. Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2001.

McPHERSON, Sue L. Tactical Differences in Problem Representations and Solutions in Collegiate Varsity and Beginner Female Tennis Players. **Research Quarterly for Exercise and Sport**. Vol. 70, N. 4, p. 369 – 384, Dec 1999.

MILEY, Dave. ITF and Development in 2004/2005. In: **Anais / ITF Worldwide Coaches Workshop**, 14., 2005, Antalya. Disponível em <http://www.itftennis.com/shared/medialibrary/pdf/original/IO_16987_original.PDF>, acessado em 04 maio 2006.

MIRANDA, Miguel. Formatos de Competencias Masivas para Mini Tenis. In: **Resumo das Apresentações / Workshop Sudamericano IFT – COSAT para Entrenadores**, 10., 2004, Asunción. Disponível em <http://www.itftennis.com/shared/medialibrary/pdf/original/IO_5965_original.PDF>, acessado em 04 maio 2006.

MOORE, Michael G. Distance Education Theory. **The American Journal of Distance Education**, vol. 5, n° 3, 1991. *Acessado em 17/08/2005*.

MOORE, Michael G. Learners and Learning at a Distance.. In: MOORE, Michael G. **Proceedings: second teaching at a distance conference**. Dep. Of Continuing and Vocational Education, p. 8-45, 1986.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, Greg. **Distance Education: a systems view**. Wadsworth Publishing: Belmont, 1996.

MOTAMEDI, Vahid. A Critical Look at the Use of Videoconferencing in United States Distance Education. **Education**, vol. 122, n°. 2, p. 386 – 394, 2001.

NASCIMENTO, Ronaldo José. **Uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação de Professores de Educação Física e Desporto: estudo experimental num módulo de**

basquetebol. Lisboa, 2003. Dissertação (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, Universidade Técnica de Lisboa, 2003.

NIQUINI, Débora P.; BOTELHO, Francisco U. Telemática na Educação. **Tecnologia Educacional**, Vol. 29, n. 146, p. 27 – 33, 1999.

PAULA, Patrícia R. de. **O Esporte como Espaço Formal de Educação**. Monografia (Especialização em Motricidade Infantil). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

PENNINGTON, Todd; WILKINSON, Carol; VANCE, Julienne. Physical Educators Online: what is on the minds of teachers in the trenches? **The Physical Educator**, vol. 61, n° 1, p. 45 – 56, 2004.

PEREIRA, Hernane B; ESTEVES, José. Considerações Éticas sobre Educação Contínua a Distância Baseada no Uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. **Tecnologia Educacional**, v. 29, n. 149, p. 12 – 21, 2000.

PETERS, Otto. **A Educação a Distância em Transição: tendências e desafios**. UNISINOS: São Leopoldo, 2004.

PIERRE, Peter St. Distance Learning in Physical Education Teacher Education. **Quest**, vol. 50, p. 344 – 356, 1998.

PINHEIRO, Marco Antônio. **Estratégia para o Design Instrucional de Cursos pela Internet: um estudo de caso**. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

PINTO, José A.; CUNHA, Flávio H. G. O Tênis como Alternativa no Currículo Escolar para Crianças entre 8 e 12 Anos. **Revista Motriz**. Vol. 4, N. 1, p. 26 – 34, Jun 1998.

PONTE, João Pedro da. A formação para a integração das TIC na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico. In: Pontes, João Pedro da. (Org). **Cadernos de Formação de Professores**, n. 4, p. 19-26, 2002. Porto: Porto Editora. Disponível em <[www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/02-ponte%20TIC-INAFOB](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/02-ponte%20TIC-INAFOB.pdf)>.pdf, acessado em 23/12/2005.

PONTE, João Pedro da. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 24, p. 63-90, 2000.

RAMAL, Andréa Cecília. **Educação na Cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Artmed: Porto Alegre, 2002.

RANGEL, Annamaria; NUNES, Helena de S.; BERGER, Sâmara; BARRETO, Umbelina. **Teoria Pedagógica do Centro de Artes e Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. 96 p. CAEF da UFRGS: Porto Alegre, 2005.

RANGEL, Annamaria; NUNES, Helena de S.; BARRETO, Umbelina. **Tutorial de Alfabetização através da Arte e da Educação Física**. 92 p. CAEF da UFRGS: Porto Alegre, 2005.

REAL FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE TENIS. **Tenis (I)**. 485 p. COE: Madrid, 1993.

RODRIGUES, Leandro. Novo Endereço do Campus: o computador. **Associação Brasileira de Ensino a Distância**, 2005. Disponível em <www.abed.org.br>, acessado em 08/2005.

RODRIGUES, Rosângela. **Modelo de Avaliação para Cursos no Ensino a Distância: estrutura, aplicação e avaliação**. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 1998.

RYAN, Richard M.; FREDERICK, Christina M.; LEPES, Deborah; RUBIO, Noel; SHELDON, Kennon M. Intrinsic Motivation and Exercise Adherence. **International Journal of Sport Psychology**. Vol. 28, p. 335-354, 1997.

SAMULSKI, Dietmar. ¿Como Motivar a los Jugadores Jóvenes? In: **Resumo das Apresentações / Workshop Sudamericano IFT – COSAT para Entrenadores**, 10., 2004, Asunción. Disponível em <http://www.ifttennis.com/shared/medialibrary/pdf/original/IO_5965_original.PDF>, acessado em 04 maio 2006.

SANZ, D.; FUENTES, J.P.; JULIÁN, J.A.; IGLESIAS, D.; ÁVILA, F.; LUIS, V. Justificativa da Importância da Introdução do Tênis na Escola. p. 85 – 86. In: **ANAIS / IV Jornada Internacional de Treinamento e Organização do Tênis**; Editores: MORO, Antônio R.; DIAS, Juarez M. Florianópolis: UFSC, NETEC, 2002.

SCHONBORN, Richard. Partes más Relevantes en la Técnica del Tenis Moderno y como Desarrollarlas. In: **Resumo das Apresentações / Workshop de la ITF y Solidaridad Olímpica para Entrenadores Sudamericanos**, 9., 2002, Rosario. Disponível em <http://www.ifttennis.com/shared/medialibrary/pdf/original/IO_5368_original.PDF>. Acesso em 03 maio 2006.

SIMMONS, Jack. Distance Learning: education or economics? **International Journal of Value-Based Management**, vol. 14, p. 157 – 169, 2001.

SOBRINHO, Gabriel Marques; NASCIMENTO, Ronaldo José; MARCHESSOU, François. Internet e Educação Física: aplicações. **Associação Brasileira de Ensino a Distância**, 2004. Disponível em <www.abed.org.br>, acessado em 08/2004.

STANDAGE, Martyn; DUDA, Joan; NTOUMANIS, Nikos. A Model of Contextual Motivation in Physical Education: using constructs from self-determination and achievement goal theories to predict physical activity intentions. **Journal of Educational Psychology**. Vol. 95, n. 1, p. 97–110, 2003.

STUCCI, Sérgio. **O Jogo de Tênis na Escola: uma proposta de popularização e inclusão no conteúdo da educação física escolar**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, 1993.

UNITED STATES TENNIS ASSOCIATION. **Play the Game: USTA schools program – curriculum**. 117 p. 7ª Edição. USTA: New York, 1996.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Edital nº 1 – UnB/Pró-Licenciatura**, de 2 de Julho de 2007.

VERCOUSTRE, Anne-Marie; McLEAN, Alistair. Reusing Educational Materials for Teaching and Learning: current approaches and directions. **International Journal on E-Learning**. Vol. 4, n. 1, p. 57 – 68, 2005.

ANEXOS

**ANEXO A - “Descrição dos Fundamentos Técnicos do
Tênis” (RFET, 1993)**

Descrição dos golpes de fundo:

Forehand ou Golpe de direita:

- Expectativa:
 - Pés paralelos, entreabertos;
 - Mão direita segurando a raquete na altura do quadril;
 - Mão esquerda auxilia segurando a raquete, na altura do coração da raquete;
 - Empunhadura eastern, semi-western ou western;
 - Ombros paralelos à rede.
- Preparação:
 - Pé direito realiza um pivô, girando 90° para o lado direito (tronco também realiza giro);
 - Transferência do peso corporal para este pé;
 - Raquete vai para trás do corpo, ficando voltada para trás e para cima (base do cabo da raquete aponta para a bola);
 - Cabo da raquete na altura da cintura;
 - Braço oposto abre para frente, a fim de propiciar maior equilíbrio;
 - Ombros ficam perpendiculares à quadra.
- Transferência e Contato:
 - Pé oposto realiza uma passada diagonal à frente, para a direita;
 - Peso do corpo se transfere para este pé;
 - Raquete realiza uma trajetória ascendente à frente;
 - Realiza-se o contato com a bola, à frente da linha do quadril.
- Terminação:
 - raquete descreve uma trajetória ascendente, terminando seu movimento acima do ombro oposto (mão esquerda pode auxiliar na frenagem do movimento);
 - ombros e quadris terminam paralelamente à rede.

Backhand, ou revés com uma mão:

- Expectativa:
 - Igual ao *Forehand*.
- Preparação:
 - Pé esquerdo realiza um pivô, girando 90° para o lado esquerdo (tronco também realiza giro);
 - Transferência do peso corporal para este pé;
 - Realiza-se uma troca de empunhadura, partindo-se para Eastern ou Western de *Backhand*;
 - Raquete vai para trás do corpo, ficando voltada para trás (base do cabo da raquete aponta para a bola);
 - Cabo da raquete na altura da cintura;
 - Braço oposto auxilia segurando a raquete;
 - Ombros ficam perpendiculares à quadra.
- Transferência e Contato:
 - Pé direito realiza uma passada diagonal à frente, para a esquerda;
 - Peso do corpo se transfere para este pé;
 - Raquete realiza uma trajetória ascendente à frente;
 - Realiza-se o contato com a bola, à frente da linha do quadril.
- Terminação:
 - Raquete descreve uma trajetória ascendente (com maior ângulo), terminando seu movimento na linha do ombro direito, com este braço ficando horizontal em relação ao chão, e paralelo em relação à rede;
 - Braço esquerdo fica atrás do corpo, a fim de propiciar maior equilíbrio;
 - Ombros e quadris terminam paralelamente à rede.

Backhand, ou revés com duas mãos:

- Expectativa:

- Igual ao *Forehand*, exceto pela posição da mão esquerda, que fica logo acima da direita, no cabo, com uma empunhadura Eastern ou Western;
- Preparação:
 - Pé esquerdo realiza um pivô, girando 90° para o lado esquerdo (tronco também realiza o giro);
 - Transferência do peso corporal para este pé;
 - Mão direita realiza uma troca de empunhadura, partindo para a empunhadura Continental;
 - Raquete vai para trás do corpo, ficando voltada para trás (base do cabo da raquete aponta para a bola);
 - Cabo da raquete na altura da cintura;
 - Ombros ficam perpendiculares à quadra.
- Transferência e Contato:
 - Pé direito realiza uma passada diagonal à frente, para a esquerda;
 - Peso do corpo se transfere para este pé;
 - Raquete realiza uma trajetória ascendente à frente;
 - Realiza-se o contato com a bola, à frente da linha do quadril.
 - Até o contato, o braço esquerdo conduz o movimento (braço direito tem a função de dar maior firmeza, no momento do impacto).
- Terminação:
 - Raquete descreve uma trajetória ascendente (com maior ângulo), terminando seu movimento acima do ombro direito (cotovelos podem flexionar-se);
 - Braço direito conduz este movimento;
 - Ombros e quadris terminam paralelamente à rede.

Saque:

- Posição Inicial:
 - Pés entreabertos, paralelos à quadra;
 - Empunhadura Continental;
 - Mão oposta segura a bola.

- Corpo perpendicular à quadra.
- Preparação:
 - Através de um movimento circular, para trás, posiciona-se a raquete acima do ombro direito, com o cotovelo flexionado;
 - Braço oposto inicia o movimento de lançamento da bola (que deve ser feito somente após o braço atingir ponto mais alto);
 - A abertura entre os dois braços deve formar um ângulo de 180°;
 - Peso do corpo deve estar no pé direito.
- Transferência e Contato:
 - É realizado o lançamento (que deve ser à frente do corpo);
 - Transferência do peso para o pé da frente;
 - Braço-raquete²⁷ realiza extensão, visando o contato com a bola no ponto mais alto possível;
 - Braço oposto abaixa, cruzando e colando no corpo.
- Terminação:
 - Raquete descreve uma trajetória descendente, também cruzando o corpo, terminando o movimento do lado esquerdo, com a raquete junto ao joelho esquerdo;
 - Pode-se dar um passo a frente.

5.2.1.1 Descrição dos golpes de rede:

Voleios (tanto de Forehand, quanto de Backhand):

- Expectativa:
 - Igual ao *Forehand*, exceto pela empunhadura da mão direita, Continental;
 - Posicionamento próximo à rede.
- Preparação:
 - Pé do mesmo lado de onde vem a bola realiza um pivô, girando 90° para o respectivo lado;

²⁷ Braço que segura a raquete.

- Transferência do peso corporal para este pé;
- Braço-raquete realiza uma pequena abertura (raquete não passa da linha do corpo);
- Cabo da raquete na altura do ombro;
- Transferência e Contato:
 - Pé oposto realiza uma passada diagonal à frente, para o lado de onde vem a bola;
 - Peso do corpo se transfere para este pé;
 - Raquete realiza uma trajetória descendente à frente;
 - Realiza-se o contato com a bola, à frente da linha do quadril.
 - Braço oposto auxilia no equilíbrio.
- Terminação:
 - Terminação curta, com o braço-raquete apontando para a direção onde se deseja colocar a bola.

Overhead (ou Smash):

- Expectativa:
 - Igual a dos *Voleios*.
- Preparação:
 - Pé direito realiza um pivô, girando 90° para a direita (tronco também realiza o giro);
 - Transferência do peso corporal para este pé;
 - Através de um movimento direto, posiciona-se a raquete acima do ombro direito, com o cotovelo flexionado;
 - Braço oposto aponta para a bola (a abertura entre os dois braços deve formar um ângulo de 180°);
- Transferência e Contato:
 - Pé oposto realiza uma passada diagonal à frente;
 - Peso do corpo se transfere para este pé;
 - Contato com a bola no ponto mais alto possível, ligeiramente à frente do corpo;
 - Braço oposto abaixa, cruzando e colando no corpo.
- Terminação:

- Raquete descreve uma trajetória descendente, também cruzando o corpo, terminando o movimento do lado esquerdo, com a raquete junto ao joelho esquerdo;
- Pode-se dar um passo a frente.

**ANEXO B - Questionário de Avaliação do Projeto
Instrucional**

CURSO EXPERIMENTAL À DISTÂNCIA DE INICIAÇÃO AO TÊNIS
Questionário dos Avaliadores

Este instrumento tem como objetivo obter informações que auxiliarão na validação dos elementos pedagógicos e tecnológicos que fazem parte do “*Curso Experimental à Distância de Iniciação ao Tênis*”, acessível em www.cesup.ufrgs.br/moodle.

O parecer será analisado e integrará o relatório final, sendo parte de uma dissertação de mestrado em Ciências do Movimento Humano. Também será utilizado para aperfeiçoar a versão experimental do curso.

Se estiver de acordo em participar dessa pesquisa, por favor, responda ao questionário e envie o arquivo para *p...@gmail.com*.

Obrigado!

Nome: _____

	Ótimo	Bom	Médio	Ruim	Foi insuficiente
Navegabilidade no conteúdo					
Clareza de objetivos pedagógicos e de organização do curso informados aos alunos					
Adequação da divisão das etapas					
Adequação do					

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

Finalmente, expresse seu parecer final sobre a validade do curso:

() Julgo que o curso **está apto** a ser aplicado.

() Julgo que o curso **pode ser** aplicado, **com as seguintes ressalvas:**

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

() Julgo que o curso **não está apto** a ser aplicado.

ANEXO C - Avaliação de Satisfação com o Curso

Avaliação da Satisfação com o Curso

Caro Aluno,

Considerando suas percepções sobre o *Curso Experimental à Distância de Iniciação ao Tênis*, pedimos que você responda a esta avaliação. Esta avaliação tem como objetivo levantar os pontos positivos e negativos deste curso, de modo a aperfeiçoá-lo nas próximas ofertas.

Para responder aos itens listados, escolha o ponto da escala que melhor representa a sua opinião sobre a **qualidade do curso** que você realizou. Preste atenção à escala apresentada anteriormente a cada conjunto de itens! Registre sua resposta à direita de cada item com o número escolhido. Por favor, não deixe questões em branco. Tente responder as questões com a mais absoluta sinceridade, pois este é um importante instrumento de avaliação deste curso. Não é necessária sua identificação.

Para a avaliação de **Procedimentos do curso e Ambiente eletrônico** utilize a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Excelente

Procedimentos do curso:

	Nota
Conteúdo do curso:	
1.Ligação entre o conteúdo proposto e os objetivos do curso.	
2.Ligação entre o conteúdo do curso e os seus objetivos pessoais.	
3.Seqüência de apresentação dos módulos.	

4.Linguagem utilizada no material do curso.	
5.Materiais de apoio.	
6.Atividades/exercícios propostos nos módulos.	
7.Quantidade de conteúdo para cada módulo.	
8.Quantidade de módulos no curso.	
9.Quantidade de horas de estudo sugeridas para o curso.	
10. Objetos Educacionais (animações e textos)	
Chats	
11.Qualidade das discussões nos <i>chats</i> .	
12.Interação entre os participantes	
13.Discussão das dúvidas de conteúdo do curso.	
14.Discussão de outros temas relacionados ao curso	
Ambiente eletrônico	
15.Disposição dos comandos (desenhos, links,...) na tela para encontrar as informações desejadas.	
16.Letras (cor, tipo, tamanho) usadas nos textos.	
17.Apresentação visual das telas.	
18.Indicação de onde estou no ambiente eletrônico, em cada momento.	
19.Relação entre o ícone (desenho) e sua função.	
20.Adequação do ambiente eletrônico do curso à minha experiência com o uso da internet.	

Outras considerações e sugestões sobre os procedimentos do curso:

Avaliação do Professor:

Escala:

1	2	3	4	5
Nunca	Poucas vezes	Nem muito nem pouco	Muitas vezes	Sempre

	Nota
Interação com os participantes	
21.Faz críticas construtivas.	
22.Demonstra disposição para prestar auxílio.	
23.Demonstra respeito pelas dúvidas dos participantes.	
24.Leva em consideração as idéias dos participantes.	
25.Utiliza expressões cordiais ao se dirigir aos participantes.	
Uso de estratégias de ensino	
26.Utiliza sua experiência profissional ao orientar os participantes.	
27.Responde rapidamente as minhas consultas.	
28.Fornece respostas que esclarecem completamente minhas dúvidas.	
29.Utiliza linguagem de fácil compreensão.	
30.Ressalta os benefícios práticos do curso nos contatos com os participantes.	

31. Comunica-se sem erros de português.	
32. Utiliza exemplos do dia-a-dia dos participantes.	
33. Apresenta exemplos que ilustram bem o tema discutido.	
34. Esclarece os motivos dos erros cometidos pelos participantes.	
35. Integra teoria e prática em suas explicações.	
36. Respeita o ritmo de aprendizagem do participante.	
37. Indica diversas fontes de pesquisa sobre os temas do curso.	

Outras considerações e sugestões:

Avaliação do processo de aprendizagem

As questões a seguir tratam da forma como **você** estudou para o curso de Iniciação ao Tênis:

38. Qual o seu horário preferido para estudar?

- () Entre meia-noite e seis da manhã
 () Entre 6 da manhã e meio dia
 () Entre meio-dia e seis da tarde
 () Entre 6 da tarde e meia-noite

39. Como você prefere estudar?

- () Sozinho(a)
 () Em dupla
 () Em grupo

40. Quantas horas por semana você estudou, na *Internet*, para o curso?

____ horas por semana.

41. Quantas horas por semana você estudou, fora da *Internet*, para o curso?

____ horas por semana

42. Diga o quanto do conteúdo do curso você leu.

() Menos da metade

() Metade

() Mais da metade

() Tudo

Para responder às próximas questões, escolha o ponto da escala que melhor representa a frequência com que **você** se comportou da maneira descrita em cada item:

Escala:

1	2	3	4	5
Nunca	Poucas vezes	Nem muito nem pouco	Muitas vezes	Sempre

	Nota
43. Busquei outros sites relacionados ao conteúdo do curso	
44. Busquei outras fontes de pesquisa, fora da <i>Internet</i> , relacionadas ao curso.	
45. Expressei minhas idéias nos <i>chats</i> .	
46. Participei dos <i>chats</i> como observador.	
47. Troquei informações com os colegas sobre o conteúdo do curso.	
48. Troquei informações com o professor sobre o conteúdo do curso.	
49. Busquei auxílio do professor para esclarecer minhas dúvidas sobre o conteúdo	

50. Realizei as atividades propostas ao final das lições.	
51. Busquei identificar, no meu dia-a-dia, situações para aplicar o conteúdo dos cursos.	

Avaliação dos motivos da não conclusão do curso:

Caso você não tenha completado o curso, responda às próximas questões, escolhendo o ponto da escala que melhor representa a sua **concordância** com o item:

Escala:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo um pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo totalmente

	Nota
52. O conteúdo do curso não correspondeu às minhas expectativas.	
53. Meu tempo disponível para realizar o curso era insuficiente.	
54. Perdi o interesse durante a realização do curso.	
55. Problemas tecnológicos me impediram de realizar o curso.	
56. Problemas com o acesso à Internet me impediram de realizar o curso.	
57. Não me adaptei com o curso na modalidade à distância.	

Se outros motivos não listados acima o impediram de finalizar o curso, por favor, descreva-os abaixo:

Caso você tenha alguma crítica, sugestão ou comentários adicional ao curso, escreva aqui:

ANEXO D - Pareceres da Validação de Conteúdo

VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO – MATERIAIS

NOMES	CLAREZA (s/n)	PERTINÊNCIA (s/n)	MODIFICAÇÕES (s/n)
Avaliador A	s	s	n
B	s	s	S (quadra em qualquer lugar)
Avaliador C	s	s	S (raquete de outro material)
Avaliador D	s	s	n
Avaliador E	S	S	S

AVALIADOR A

Adaptações de materiais claras e pertinentes.

B

Sugiro que seja ressaltado que qualquer terreno pode ser utilizado como quadras de tênis. Durante os torneios os próprios tenistas (infantis) jogam partidas em quadras montadas em corredores, gramas e outros locais. As dimensões das "quadras" são demarcadas com raqueteiras, tênis, cadeiras, casacos.... Este tipo de lembrete é importante para que o professor não utilize a desculpa da falta de material e local adequado para o desenvolvimento das atividades.

AVALIADOR C

Excelente demonstração da confecção da raquete, com imagens claras. Talvez oferecer a opção de uma raquete desenvolvida com outros materiais como madeira, garrafas pet, etc.

AVALIADOR D

Muito criativo.

AVALIADOR E

- Bola: substituir bolas de borracha por bolas de **plástico**, pois as de borracha são muito pesadas! Quando muito se utiliza as de frescobol, mas podes ver pelo tamanho mínimo o quanto a borracha é pesada!;
- Raquetes: eu incluiria:desde **raquetes plásticas** atéconvencionais. ...frescobol, **paddle**...adaptadas. E incluiria: **O importante é que quanto mais iniciante for o aluno maior deve ser a superfície de contato do implemento e proximidade da mão (cabo curto), permitindo-lhe maior**

número de sucessos. E ainda, se deve ponderar entre peso e tamanho da raquete e peso e tamanho da bola! Do maior e mais leve até o menor e mais pesado!;

- **Quadras:** Substituiria 'as quadras que serão utilizadas' por: "os espaços que serão utilizados". E onde diz Lembre-se, incluiria: o tamanho da quadra e **a altura da rede** deve ser e incluiria também: **Importante: a colocação da rede vai se fazendo necessária a partir do nível de habilidade do aluno, assim, as primeiras aulas não exigem necessariamente este obstáculo!**

VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO – REGRAS

NOMES	CLAREZA (s/n)	PERTINÊNCIA (s/n)	MODIFICAÇÕES (s/n)
Avaliador A	N	S	S (modific. Texto)
Avaliador B	S	s	S (raquetes pesam 200-330g)
Avaliador C	N	S	S (contagem)
Avaliador D	N	s	S
Avaliador E	N	s	s

AVALIADOR A

Quadro cinco da contagem: se joazinho escolheu bola ele vai sacar e nao devolver como está no texto. O resto esta bem claro.

AVALIADOR B

Achei perfeito todo o conteúdo e a animação. No meu computador os dados sobre a raquete, bolas e quadras não ficaram muito bem centralizados. Lembro que o peso da raquete raramente é de menos de 200 gramas. Pelo menos eu desconheço este dado. Normalmente ficam entre 200 e 330 gramas.

AVALIADOR C

O conteúdo referente às regras está bem detalhado e completo, dando ao professor condições de compreender o processo de jogo. Apenas me parece que no item "contagem", para quem nunca teve nenhum contato com a modalidade, imagino que algumas dúvidas surgirão. Talvez deveriam ser apresentados alguns exemplos mais detalhados da seqüência de alguns pontos e games, assim como foi realizado na questão de "como iniciar uma partida".

AVALIADOR D

1 -Raquetes:Todas as raquetes tem estas medidas? não depende da idade?

2 -Quadra: a quadra de carpete está com texto errado.

3 -Contagem: acho que deveria vir depois de "como iniciar a partida", ficaria um pouco mais clara.

não sei se precisaria repetir novamente a história dos pontos, eles já são confusos e talvez dificulte a compreensão.

A -organização da contagem: poderias apenas informar que o tie break decide o set em caso de 6 a 6, mesmo explicando depois apenas para introduzir o assunto.

4 -Como iniciar uma partida:

A -Início:* acho que a lógica apresentada para esclarecer a sequência do saque pode confundir um pouco quem vai ler sobre tênis pela primeira vez, apenas esclarecer que se alterna o lado da quadra para sacar fica mais fácil de se entender.

AVALIADOR E

Considerações quanto ao tópico Regras:

- Quadra, raquete e bola:
 - Raquete: Por acaso percebi que tinha textos explicativos em suas partes!
 - Raquetes de madeira não foram até os anos 70?
 - No texto das partes da raquete, no item "cabeça" não me ficou claro o que queres dizer com " a cabeça pode ter diferentes áreas dependendo da escolha do jogador". Ainda neste tópico, porque as medidas? Onde está o texto que se refere a elas?
 - Bola: não fizeste referência à pressão, que é um aspecto importante que diferencia bolas na iniciação, por exemplo.
 - Quadra: não precisa referir que aquelas medidas foram determinadas pela ITF e ainda falar do recuo (medida mínima exigida?. No item "Carpete" tem informações da quadra de saibro!
- Contagem:
 - minha sugestão para indicar os textos explicativos das partes da raquete é fazer como fizeste na animação da organização dos pontos: inserir um quadro que orienta a passar o mouse sobre a raquete!
- Como iniciar uma partida:
 - Início: #2, sugiro: realiza-se um "SORTEIO";
- * Regras: Qual a fonte do livro de regras?

NOMES	CLAREZA (s/n)	PERTINÊNCIA (s/n)	MODIFICAÇÕES (s/n)
Avaliador A	S	S	N
Avaliador B	S	S	S (esporte RS)
Avaliador C	S	S	S (esporte RS)
Avaliador D	S	S	S (esporte país)
Avaliador E	S	S	S (datas)

AVALIADOR A

Texto claro e pertinente

AVALIADOR B

Da mesma forma que na linha do tempo, considero o texto sobre a história claro e pertinente, mas carente de mais dados sobre a atualidade do esporte no país e no mundo.

AVALIADOR C

O conteúdo apresentado repete sua utilidade já apresentada no item anterior, apenas com mais detalhes. Porém parece ser pertinente este detalhamento, uma vez que a maioria dos professores a quem se destina este curso não estão familiarizados com a história desta modalidade. Novamente pareceu faltar um aprofundamento maior sobre o tênis no RS.

AVALIADOR D

Achei o texto claro e objetivo. Não sei ainda o que vem depois mas talvez pudesses ter falado um pouco mais sobre o esporte no país, tipo como vem sendo disseminado ao longo dos anos, que tipo de público tem acesso, se isso vem mudando... Não sei se isso faria muita diferença para um professor que for ler, mas entender mais do esporte no país acho que seria interessante.

AVALIADOR E

Ainda quanto à linha do tempo, como eu ainda não tinha lido o texto complementar por optar por seguir teu ordenamento dos conteúdos para avaliação, só agora percebi o porquê fizeste referência ao Egito ou à Grécia. Mesmo assim, desde o início do texto da Antiguidade eu deixaria claro a relação com a ténis, algo tipo: de acordo com uma das teorias sobre o surgimento do ténis, os jogos com rebatida já tinham registro desde o Egito em 2000 A.C. Inclusive aproveitaria para separar o Egito com uma data, a Grécia com outra, mesmo que aproximada, e Roma com outra, formando assim três pontos na linha. No mais, ok!

VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO – HISTÓRIA – LINHA DO TEMPO

NOMES	CLAREZA (s/n)	PERTINÊNCIA (s/n)	MODIFICAÇÕES (s/n)
Avaliador A	S	S	N
Avaliador B	S	S	S (nomes brasileiros)
Avaliador C	S	S	S (tenis RS)
Avaliador D	S	S	N
Avaliador E	S	S	S(datas na antig., surg. Paume,

AVALIADOR A

Linha do tempo com informações claras e diretas. Ao "clicar" na flecha no mini texto esperava que a janela aumentasse de tamanho

AVALIADOR B

Acho que os dados da história do esporte estão claros e são pertinentes. Considero que seria importante a colocação de mais dados sobre a atualidade do esporte, principalmente em relação ao Tênis no Brasil. Sugiro dados simples à respeito dos principais tenistas (Thomaz, Maria Esther Bueno e Guga) e algo sobre o esporte no mundo. Talvez estes dados possam despertar mais interesse nos alunos

AVALIADOR C

O conteúdo apresentado oferece ao professor informações que contextualizam a evolução da modalidade na história de forma clara e pertinente,

possibilitando uma série de abordagens multidisciplinares passíveis de exploração com os alunos. Talvez fosse interessante alguma informação sobre o tênis no RS.

AVALIADOR D

Bem sucinto e claro. ótimo.

AVALIADOR E

Considerações quanto à Linha do Tempo:

- Antigüidade:
 - Percebi que referiste atividades com bola, sem deixar claro se falava em início dos esportes ou algo a ver com tênis. Inicialmente, quando vi este tópico - Linha do Tempo e abri na Antiguidade fiquei em dúvida, pois esperava algo diretamente ligado ao tênis, tipo: quais foram os primeiros registros de uma prática que se rebatia a bola com algum implemento? Algo direto, pois entendo que alguém que entrou no site do curso já sabe que estás falando deste esporte e não optou por outros.
 - Se vais citar vários lugares, acho legal colocar ao lado de cada um a época, não só no primeiro. Neste caso, ao lado de Grécia e Roma, também. A não ser que coloques ao lado do título do item. Apesar de eu preferir mesmo é o ano colocado na linha.
- * Século XI:
 - Legal, era o que eu queria ter encontrado de cara quando entrei neste sub-capítulo: um precursor do tênis. Mas onde ele surgiu? Pelo nome imagino que seja na França, mas não custa colocar. Quando falaste em guerra, fiquei pensando qual delas lá no século XI!
- * Século XV:
 - Ok!
- * Origem do nome:
 - Acho fundamental ter data na linha do tempo. A entendo como uma indicação cronológica, esperaria ver datas, não só expressões. Vi que

foi entre o séc XV e o XIX, mas não tem registro mais aproximado?

Não tem nada sobre o tênis no Oriente?

- * Século XIX:
 - Só uma observação curiosa: Quando li o nome no livro de regras, de cara pensei nos soviéticos. Nada a ver?
- * Wimbledon:
 - Eu colocaria "o primeiro grande torneio de tênis internacional".
- * Tênis no Brasil:
 - Sinto falta de data na linha. Algum ano, pelo menos.
- * Copa Davis:
 - Idem ao anterior. Que a data esteja na linha.
- * Grand Slams:
 - Acho que para estar na linha do tempo deve se referir à época, senão parece uma informação descontextualizada, pois até agora me conduziste pelo tempo. Quem sabe falar do primeiro torneio válido pelo circuito?
- Quanto às informações na linha, realmente acho melhor colocar direto a ano dos fatos que queres destacar! Fazer a chamada pelo tempo e não pelo fato. Ou quem sabe colocar os dois, mas destacando o ano?

VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO –TÉCNICA

NOMES	CLAREZA (s/n)	PERTINÊNCIA (s/n)	MODIFICAÇÕES (s/n)
Avaliador A	S	S	N
Avaliador B	S	S	S (empunhadura)
Avaliador C	S	S	S (empunhadura)
Avaliador D	S	S	S(unid. Giro esq.; empunhadura)
Avaliador E	?	?	?

AVALIADOR A

Conteúdo claro e pertinente. Explicações sucintas e claras. Animações expõem o gesto de forma bastante clara.

AVALIADOR B

Achei a filmagem e a descrição dos golpes ótimas. Senti falta das empunhaduras. Num primeiro momento achei que isto era um "vício" de professor de tênis, o objetivo do curso é dar mais uma ferramenta de trabalho para o prof. de Educação Física. Depois disso, quando passei para o saque, percebi que a empunhadura continental foi mencionada. Se ela foi mencionada no saque ela deveria ser mencionada nos demais golpes (as básicas) e devem ser explicadas. Como o professor vai saber o que é empunhadura continental?

AVALIADOR C

Como o objetivo é a iniciação ao tênis na escola, as informações elementares parecem ser as mais apropriadas. Apenas não é esclarecido em nenhum momento como se deve segurar a raquete. Somente é citada a empunhadura continental, sem nenhuma explicação sobre o que é isto. Se o professor não tiver nenhum conhecimento anterior da modalidade, antevejo dificuldade para compreender esta questão. A idéia dos vídeos ficou muito interessante.

AVALIADOR D

Forehand: Ok

Backhand com uma mão: unidade de giro com o pé oposto ao lado do golpe, não seria com o pé do lado do golpe.

Backhand com as duas mãos: mesma questão do golpe anterior.

Saque: Ok

Voleio forehand: ok

Voleio backhand: mesma questão do pés.

overhead: Ok

EMPUNHADURAS: provavelmente tu falaras sobre elas mais adiante, mas acho que seria interessante a pessoa ja ter uma noção do que significa.

AVALIADOR E

??

VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO –PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

NOMES	CLAREZA (s/n)	PERTINÊNCIA (s/n)	MODIFICAÇÕES (s/n)
Avaliador A	S	S	N
Avaliador B	S	S	N
Avaliador C	S	S	S (vídeo de atividades)
Avaliador D	S	S	S (desenv. Motor)
Avaliador E	?	?	?

AVALIADOR A

Conteúdo bem explicado e defendido.

AVALIADOR B

Os pressupostos foram colocados de modo conciso, com clareza e pertinência para o professor da escola. Partindo dele o professor poderá facilmente "entender" as contribuições que estas atividades pré-desportivas podem trazer para a construção do repertório motor dos alunos.

AVALIADOR C

Pressupostos muito bem fundamentados e apresentados com clareza. Talvez devesse constar mais exemplos de atividades para os professores e até a utilização de vídeos, como foi apresentado nos fundamentos técnicos.

AVALIADOR D

acho que poderias discutir mais sobre os efeitos da prática, aqui específica do tênis, no desenvolvimento motor da criança. que ganhos ela poderá vir a ter...

AVALIADOR E

(Nota do Autor: Correções de alguns termos, feita através de correções diretas em cópia impressa.)

VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO – PROGRESSÃO PEDAGÓGICA

NOMES	CLAREZA (s/n)	PERTINÊNCIA (s/n)	MODIFICAÇÕES (s/n)
Avaliador A	N	S	S (má qualidade)
Avaliador B	S	S	N
Avaliador C	S	S	N
Avaliador D	S	S	S(falar habilidades)
Avaliador E	s	s	s

AVALIADOR A

Nas "habilidades" não consegue-se ler os exercícios:bater, quicar etc.ou melhor, consegue-se mas com muita dificuldade.O mesmo acontece nos "fundamentos". Conteúdos claros e pertinentes.

AVALIADOR B

Achei a organização e a apresentação da progressão pedagógica muito bem feitas. Partindo destes exemplos o professor poderá citar várias outras atividades para a sua aula utilizando o tênis

AVALIADOR C

Excelente apresentação, com toda a progressão apresentada com clareza e com o auxílio de imagens.

AVALIADOR D

acho que poderias falar mais sobre as habilidades,exemplificar, discutir a importância...

AVALIADOR E

Alteraria o texto inicial para: **O tênis**, por ser uma atividade complexa e **que envolve habilidades motoras especializadas, exige** que se utilize...

- Bola: Tiraria a bola de frescobol da progressão porque, se formos ver, ela é menor que a de tênis que seria a nossa meta. O professor que a introduza por sua própria criatividade nos exercícios de habilidade, pois a rebatida desta bola como jogo é super difícil pelo tamanho reduzido.!
- Raquete: eu tiraria a luva ou garrafa pet (esta última nem é para rebatida; é para pegada!) e deixaria a seguinte ordem: mão, raquete de cabo curto (ping-pong, paddle), raquete de cabo médio (frescobol) e raquete convencional.
- Rede e quadra: sem rede, linha no chão, corda **com pouca altura**, altura oficial;
- Exercícios: quanto à altura: primeiro, rasteiros, depois, aéreos. quanto à habilidade: arremesso, pegada, rebatida. (eu não me arriscaria a ditar uma ordem, pois depende muito das experiências anteriores da criança. Apenas citaria as habilidades viso-motoras que contribuem com o tênis.)
- Fundamentos: Nos backhands o boneco está de frente (parece a terminação de um forehand!).

APÊNDICES

APÊNDICE A – CD Objetos Educacionais

APÊNDICE B – Manual do Curso

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA



Manual do Curso

Sumário

Sumário	143
Descrição do curso	144
Objetivos	144
Duração	144
Funcionamento	144
Aulas presenciais	144
Aulas EAD	145
Conteúdos	145
Módulo “Introdução à Informática”	145
Módulo “Introdução ao Tênis”	146
Módulo “Tênis Escolar”	146
Avaliação	147
Descrição da plataforma e suas ferramentas	147
Fóruns.....	152
Chat	153
Considerações Finais	153

1 Descrição do curso

1.1 *Objetivos*

O curso tem por objetivo central qualificar professores para que estes possam oferecer o conteúdo de tênis nas aulas de Educação Física, adequando-o e adaptando-o às necessidades escolares. Especificamente, ampliar o leque de conteúdos oferecidos na Educação Física Escolar; disseminar a Educação à Distância como forma de educação continuada; e contribuir para a capacitação dos professores de Educação Física.

1.2 *Duração*

O curso terá uma carga horária total de 20 horas, sendo 12 horas à distância e 8 horas presenciais.

1.3 *Funcionamento*

O curso será ministrado semi-presencialmente, ou seja, terá tanto momentos presenciais quanto momentos à distância, realizados com a utilização de computadores e Internet.

1.3.1 Aulas presenciais

As aulas presenciais serão realizadas nas dependências da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS), onde serão utilizados o laboratório de informática e as quadras de tênis. Nestas aulas, serão propiciados momentos de vivência dos conteúdos trabalhados.

1.3.2 Aulas EAD

As aulas à Distância serão ministradas através da plataforma educacional *Moodle*, na qual serão realizadas atividades síncronas (chats) e assíncronas (fóruns, acompanhamento de animações, vídeos, leitura de textos). Aqui, se buscará discutir teoricamente o tema do curso.

1.4 Conteúdos

1.4.1 Módulo “Introdução à Informática”

São dois os pontos centrais deste módulo. Primeiramente, como será o contato inicial do curso, será realizada uma breve explanação sobre os objetivos do curso, suas características, bem como a apresentação do professor e dos alunos. Após, se entrará no objetivo central deste módulo, que é garantir que os participantes tenham os conhecimentos em informática necessários para um bom prosseguimento no curso. Em outras palavras, serão trabalhados temas como *noções básicas do Microsoft Windows, acesso à Internet, envio de e-mails, pesquisas na Internet, acesso à plataforma Moodle (site do curso), identificação e funcionamento das ferramentas da plataforma*. Esta aula será presencial, com duração de 2 horas.

1.4.2 Módulo “Introdução ao Tênis”

Neste módulo, será apresentado o esporte Tênis, em três eventos:

- **História** do esporte, através de uma linha do tempo animada e de um texto de apoio. Também será realizado um fórum. Terá uma duração prevista de 2 horas;
- Aula sobre os **fundamentos técnicos** do Tênis, apresentados através de vídeos, animações, gravações de partidas e chats. Tem previsão de 3 horas (o chat terá duração de 2 horas);
- Aula sobre **regras**, onde será apresentado o conteúdo através de animações e texto (1 hora);
- Aula presencial, nas quadras de tênis da ESEF/UFRGS, onde os alunos trabalharão os conteúdos da semana. Neste encontro, o foco principal será vivenciar situações do tênis. Terá duração de 3 horas.

1.4.3 Módulo “Tênis Escolar”

Neste módulo, será proposto uma forma de adaptação do Tênis ao ambiente escolar. Busca-se, nesta inclusão, propiciar aos alunos um contato inicial ao esporte, bem como trabalhar as habilidades motoras necessárias à sua prática. Também será subdividido em três aulas:

- Discussão sobre os **pressupostos teóricos** da inclusão do Tênis em escolas, baseada em textos, animações e discussões no fórum (3 horas);
- **Adaptação de materiais e espaços**. Após a apresentação de um exemplo de adaptação de materiais, discussão em chat sobre outras formas de reutilização de materiais (2 horas);
- Baseado nos conteúdos apresentados até então, elaborar e postar **atividades** no fórum (1 hora);

- Aula presencial, na forma de oficina, para a aplicação das atividades e adaptação de materiais propostas no fórum. Avaliação do curso e encerramento das atividades (3 horas).

1.5 Avaliação

A avaliação dos alunos será realizada com base na participação dos mesmos nos chats, fóruns e aulas práticas.

2 Descrição da plataforma e suas ferramentas

A plataforma de ensino a ser utilizada neste curso será o “Moodle” (www.cesup.ufrgs.br/moodle). Para acessar o curso, você deve clicar no nome do curso:

Centro Nacional de Supercomputação - UFRGS

Você ainda não fez o acesso ([Acesso](#))

Categorias de Cursos

- Ensino à distância**
 - [Curso Experimental à Distância de Iniciação ao Tênis](#)
- Informática na Educação**
 - Produção de mídias educacionais
 - Introdução à Engenharia
 - Projeto Produção Game Educacional de Química
 - Tópicos especiais sobre Neurociências e pesquisa educacional
- Computação de alto desempenho**
 - Introdução a Linguagem de Programação C
 - Otimização de Programas Fortran

Você ainda não fez o acesso ([Acesso](#))

Figura 10: Página Inicial da Plataforma CESUP/Moodle

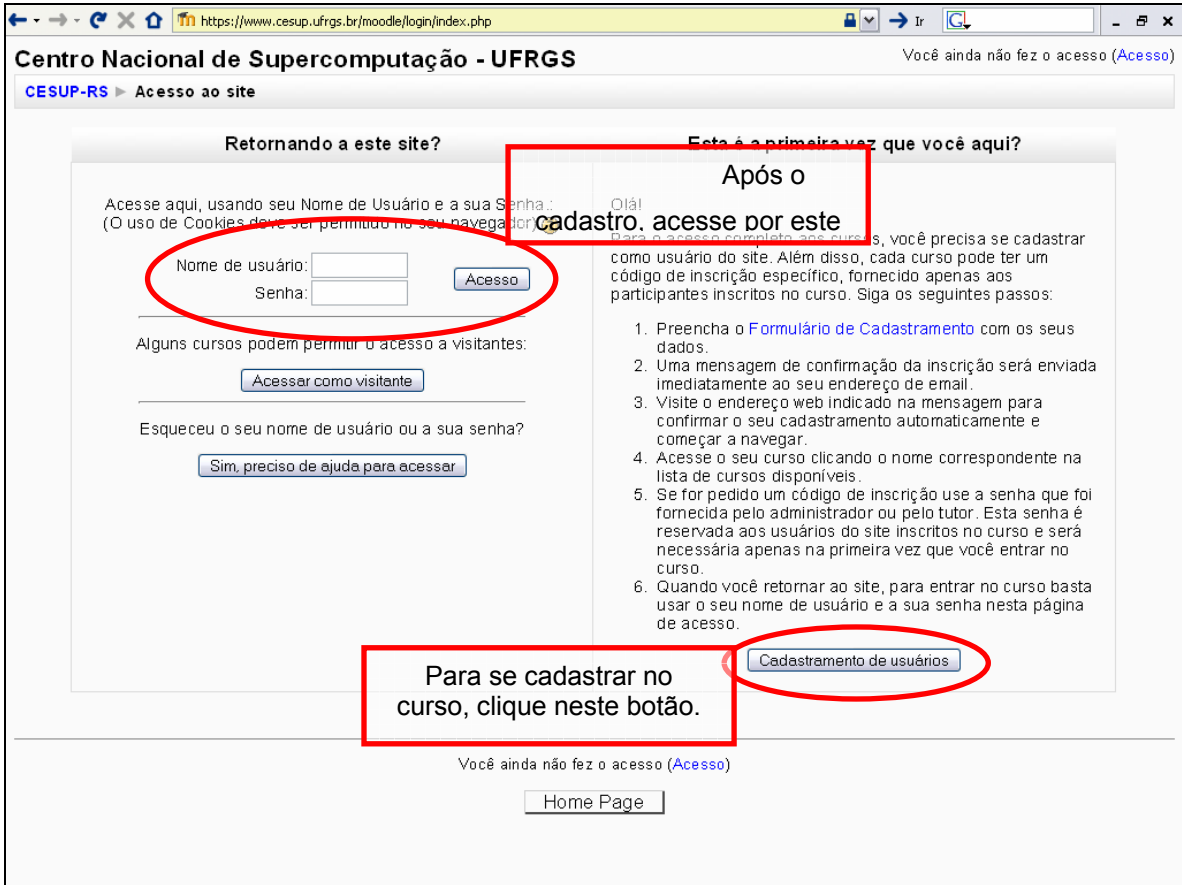


Figura 11: Tela de acesso ao curso

https://www.cesup.ufrgs.br/moodle/login/signup.php? Você ainda não fez o acesso ([Acesso](#))

Cadastramento de novo usuário

CESUP-RS > Acesso > Cadastramento de novo usuário

Preencha com um novo nome de usuário e uma nova senha:

Nome de usuário:

Senha:

Complete com alguns dados pessoais:
(Aviso: o seu endereço de email deve ser verdadeiro)

Endereço de email:

Email (outra vez):

Nome:

Sobrenome:

Cidade/Município:

País:

Você ainda não fez o acesso ([Acesso](#))

Figura 12: Cadastro de novo aluno

Ao fazer seu cadastro, é enviado um e-mail para o endereço especificado. Neste e-mail, haverá um link. Clicando nele, aparecerá a seguinte tela:

Curso Experimental à Distância de Iniciação ao Tênis

Você acessou como [Aluno Aluno](#) (Sair)

CESUP-RS > Cursos > Acesso a CEADITENIS

Curso Experimental à Distância de Iniciação ao Tênis

Já pensou em incluir o tênis em suas aulas de Educação Física? Pois este é o objetivo deste curso: instrumentalizar professores para que estes possam ministrar aulas de Tênis Escolar nas suas aulas de Educação Física Escolar.

Bom curso!

Este curso requer um código de inscrição.
Uma senha que deve ser usada na primeira vez em que o usuário inscrito entra no curso.

Código de Inscrição: [Faça a minha inscrição neste curso](#)

[Cancelar](#)

Visitantes podem entrar neste curso: [Acessar como visitante](#)

Você acessou como [Aluno Aluno](#) (Sair)

[Home Page](#)

Digite o código "CEADITENIS".

Figura 13: Código de inscrição

O código de inscrição do curso é o seguinte:

CEADITENIS

Lembre-se se escrever o código COM LETRAS MAIÚSCULAS. Após colocar o código, você estará oficialmente inscrito e apto a começar o Curso Experimental à Distância de Introdução ao Tênis!

The screenshot shows the Moodle course page for 'Curso Experimental à Distância de Iniciação ao Tênis'. The main content area is titled 'Programação' and contains a graphic of a tennis racket with a colorful head. Below the graphic, there is a welcome message: 'Olá, seja bem-vindo ao nosso curso!!!'. The text continues: '((colocar aqui informações sobre o curso, conteúdos, objetivos, ... colocar tb o manual do curso, dicas de como se portar num EAD, falar no chat e em fóruns...))'. There are several links: 'Fórum de notícias, dúvidas, sugestões', 'Netiqueta', 'Dicas para o uso do Google', and 'Flash Player'. Below this, there is a section titled 'Noções de Informática (Presencial)' with the following details: 'Local: Laboratório de Informática ESEF/UFRGS', 'Endereço: Rua Felizardo 750, Jardim Botânico - Porto Alegre/RS'. There are also links for 'Objetivo', 'Fórum de Apresentação', and 'Chat de teste'. The left sidebar contains 'Participantes', 'Atividades' (Chats, Fóruns, Glossários, Recursos), 'Buscar nos Fóruns', and 'Meus cursos'. The right sidebar contains 'Usuários Online' (Luciano Santos, Aluno Aluno), 'Últimas Notícias', 'Próximos Eventos', 'Atividade recente', and 'Atualizações do curso'.

Figura 14: Aparência Interna do Moodle

Ao acessar o curso, você verá a página interna da plataforma Moodle. É através desta tela que você seguirá para os conteúdos específicos. Os conteúdos são trabalhados em três etapas:

- Objetivos do módulo (o quê e como será trabalhado o assunto);
- Objetos Educacionais (animações, vídeos e textos sobre o assunto);
- Atividades propostas (chat, fórum de discussão ou glossário).

2.1 Fóruns

Permite acesso a uma página que contém tópicos que estão em discussão naquele momento do curso. O acompanhamento da discussão se dá por meio da visualização de forma estruturada das mensagens já enviadas e, a participação, por meio do envio de mensagens.

2.2 Chat

Permite uma conversa em tempo real entre os alunos do curso e os formadores. Os horários de bate-papo com a presença dos formadores são, geralmente, informados na "Agenda". Se houver interesse do grupo de alunos, o bate-papo pode ser utilizado em outros horários.

Finalmente, sempre que for sair do curso, lembre-se de clicar no botão "Sair", localizado no canto superior direito (ao lado do seu nome).

3 Considerações Finais

Durante todo o decorrer do curso, haverá um suporte à realização das atividades. Serão definidos horários nos quais haverá plantão para retirada de dúvidas, solução de problemas tecnológicos, e outras pendências relativas ao curso. Para tanto, entre em contato por um dos meios abaixo.

e-mail (Gtalk): p...@gmail.com

msn: l...@hotmail.com

Fone: (51) 9...

Bom Curso!!

APÊNDICE C – Atividade Final do Curso

Tarefa de avaliação curso de tênis

Aluno A

Aula 1

Objetivo: conhecer a história do Tênis, expressar opiniões, representar, criar.

Material: texto sobre a história do Tênis, jogo de palavras cruzadas sobre o assunto, folhas para desenho.

Desenvolvimento: Dividir os alunos em grupos de seis, cada aluno receberá cópia do texto. É dado um tempo para a leitura e debate no grupo. Cada integrante do grupo faz desenhos inspirados no texto ou tentando representar alguma cena.

Depois cada grupo elegerá um relator que lerá uma parte do texto, previamente combinada, para os demais, relatará as impressões do seu grupo e os desenhos são colocados num painel. Depois que todos os grupos se apresentarem, distribuir o jogo de palavras cruzadas e em grupo os alunos tentam resolver...ganha o grupo que acabar primeiro. O professor(a), ao final da tarefa, soluciona as dúvidas e dá as respostas para cada item.

Aula 2

Objetivo: trabalhar as habilidades fundamentais relacionadas ao Tênis

Material: bola plástica pequena

Atividade 1: Em duplas, jogar e agarrar a bola.

Atividade 2: Em duplas, um joga e o outro rebate com a mão, troca a cada 10 vezes.

Atividade 3: Em grupos de 6, um aluno fica na goleira e os demais se posicionam na linha que demarca a área. O aluno goleiro lança a bola para um dos que está na linha da área e este deverá rebater com a mão e tentar fazer gol. O Aluno que consegue fazer gol, troca de posição com o goleiro. Observar para que todos tenham chance de vivenciar o exercício pelo menos 5 vezes. Enquanto esperam sua vez os demais grupos farão a atividade 4 para a qual irá o grupo que concluir a atividade 3.

Atividade 4: Quicar a bola e rebater com a mão para a parede tentando acertar um alvo ou desenho na parede.

Ao final da aula conversar com os alunos sobre como sentiram a aula, possíveis dificuldades e propor aos alunos que sugeriram variações ou atividades para a próxima aula.

APÊNDICE D – Chat “Fundamentos Técnicos”

20:02 Professor entrou no chat

20:02 Professor: Opa!

20:03 Professor: Boa noite

20:03 Aluno A: Boa noite tudo!

20:03: Aluno B entrou no chat

20:03 Professor: vou tentar logar de novo e ver se consigo resolver um problema no meu usuário

20:04 Aluno B: Boa Noite

20:04 Professor: computadores...

20:04: Professor abandonou este chat

20:05 Aluno A: também tive um pouco de dificuldade com os vídeos!

20:06 Aluno A: Tudo bem Aluno B!

20:06: Professor entrou no chat

20:06 Professor: Olá pessoas

20:06 Aluno B: Turo, apesar do frio. Pensei que havia entrado no link errado, pq esse é do módulo fundamentos

20:07 Aluno B: Olá e tudo bem Aluno A, escrevi turo, deve ser o frio

20:07 Professor: realmente, tá bem difícil de teclar

20:07 Aluno A: também fiquei um pouco perdido

20:07 Professor: o que acontece?

20:08 Professor: (sou o Professor, com o meu usuário não consegui entrar no chat)

20:09 Aluno A: foi difícil acessar os vídeos em casa só consegui no laboratório da escola não deu p/ ver todos

20:09 Aluno B: não está difícil teclar, apenas fiquei em dúvida pq no módulo história não há link para chat

20:10 Professor: bom, vamos por partes: Aluno A, comente mais sobre estas tuas dificuldades. Tu não conseguiu acessar os vídeos de cada fundamento ou o DVD?

20:10 Aluno A: dos fundamentos

20:11 Aluno B: Professor, esquece o meu questionamento, é que li apressadamente, realmente se entra pelo link no módulo técnica

20:11 Professor: o que acontecia (ou não acontecia)?

20:11 Professor: certo, Aluno B

20:11 Aluno A: tu liberou eles quando p/ a gente

20:12 Professor: hoje pela manhã

20:12 Aluno B: Professor, é possível ver as animações enquanto estou no chat?

20:13 Aluno A: não estou conseguindo

20:13 Professor: sim, Aluno B. Tu já baixou o arquivo para o teu computador?

20:13 Professor: Aluno A, tu conseguiu baixar o arquivo também?

20:14 Aluno B: Professor, ainda não tentei, acho q talvez não precise, se eu minimizar a janela do chat poderei acessar os vídeos sem sair do chat?

20:14 Professor: sim, Aluno B. Basta minimizar a janela.

20:14 Aluno B: Ok, vou tentar agora

20:16 Aluno A: não, mas vi em parte hoje a tarde porém com um pouco de pressa

20:17 Professor: Façamos assim: baixem o arquivo para o computador de vocês, descompacte-o (clitando com o botão direito, em seguida em "Extrair arquivos") e acessem a primeira animação

20:19 Professor: assim que realizarem este processo, me avisem.

20:20 Aluno B: Professor, não está aparecendo nenhuma animação o e quando tento baixar o programa na primeira tela aparece ação cancelada, quando clico outra vez só ouço um som (como blup) e não baixa acho que tenho q sair do chat

20:21 Aluno A: idem

20:22 Professor: bom, quando vocês clicam em "animações", aparece uma janela perguntando se vocês querem abrir ou baixar o arquivo. Certo?

20:22 Aluno B: não

20:22 Professor: ops... o que aparece, Aluno B?

20:22 Aluno B: aparece uma tela em branco e lá no alto a opção recursos é que possibilitaria o link para o programa

20:24 Aluno B: a primeira tela é ação cancelada e logo em seguida aparece em branco só com a opção na barra em cima

20:24 Professor: ahh, aparece algo como "a página está tentando realizar um download..." ou coisa parecida, em uma tarja amarela?

20:24 Aluno B: não

20:24 Aluno B: ação cancelada

20:24 Aluno B: pode ser o bloqueador de popups ou algo assim?

20:24 Professor: possivelmente seja

20:24 Aluno A: quando apertado em visualizar aparece um monte de letras e números, bem diferente de hoje a tarde, pois aparecia para instalar o programa e agora não, da essa janela

20:24 Aluno B: vou tentar desativar o bloqueador

20:24 Professor: clique nesta faixa e veja o que aparece

20:27 Aluno A: ainda estou tentando, mas continua na mesma!

20:27 Professor: Aluno A, tente a opção "salvar no computador"

20:27 Aluno A: vou tentar

20:28 Professor: certo Aluno A. Aluno B, conseguiu algum progresso?

20:30 Aluno B: Não, já desativei os bloqueadores e nada, vou continuar tentando. Há essa opção como instrução na tela para baixar." Caso não funcione (se for esse o caso, aparecerá uma mensagem dizendo "plug-in não encontrado"), baixe este arquivo no seu computador, clique duas vezes sobre ele, e siga o processo de instalação." Mas essa opção não aparece para mim

20:31 Professor: isto é para, quando tu já tiveres baixado o arquivo e ele não abrir...

20:32 Professor: Aluno B, me descreve passo a passo o que tu faz e o que o computador mostra

20:32 Professor: Então Aluno A?

20:33 Aluno A: nada, chego até os fundamentos quando seleciono e vou visualizar acontece tudo de novo letras e números fora de ordem

20:34 Professor: certo. Aluno A, me descreve como tu está acessando este material.

20:35 Aluno A: o processo não é o mesmo que fiz hoje a tarde não consigo corrigir

20:35 Aluno B: Bom, continuo na mesma. Quando clico na opção animação aparece ação cancelada e depois tela em branco só com as opções na barra: cesup, ceaditenis e recursos em azul depois: Animação sobre os Fundamentos Técnicos, em preto

20:36 Professor: Problemas de informática, sempre acontecem 😊

20:36 Professor: Aluno A, como tu fez hoje a tarde?

20:37 Professor: Aluno B, clica na faixa onde está escrito "ação cancelada"

20:41 Aluno A: segui o manual , porém na hora de instalar o programa também não consegui todavia eu e o professor de informática do colégio salvou e na hora de visualizar ia pelo word se não me engano mas demorei uma hora para conseguir e agora não estou nem perto

20:41 Aluno B: não dá porque essa tela muda rapidamente para a tela em branco

20:42 Aluno A: continua nas letrinhas fora de ordem -item visualizar

20:42 Professor: certo pessoal, estou tentando colocar este material em um outro local e ver se funciona...

20:44 Aluno B: achei uma barra em cima que diz: para sua segurança o internet explorer bloqueou o download de arquivos dessa site para o seu computador: clique aqui para obter opções

20:44 Aluno A: se quiser discutir o material tudo bem, fiz anotações referentes as dúvidas do que eu consegui ver

20:44 Professor: bom, fazemos assim: vou gravar este material em CD e passo a vocês no sábado, pode ser?

20:44 Aluno A: tudo bem

20:44 Aluno B: deve ser um bloqueador do windows

20:45 Professor: possivelmente seja. Mas estes bloqueadores são bem chatos de serem "desbloqueados" 😊

20:45 Professor: Bom pessoal, o material de História vocês conseguiram acessar?

20:45 Aluno B: estou conseguindo

20:46 Aluno A: sim

20:46 Professor: primeiramente, tiveram alguma dúvida sobre ele?

20:47 Aluno A: consegui o livro bem interessante

20:48 Aluno B: acho que consegui, é necessário desativar esse bloqueador do windows

20:48 Professor: muito bom, Aluno B!

20:48 Aluno A: o livro do Brustolin

20:49 Aluno B: Gostei do material de história

20:49 Professor: Comente mais, Aluno A!

20:52 Aluno A: a parte dos ingleses x alemão, quem trouxe o tênis para o Brasil vi no museu da cidade quais esportes que praticavam na época e o tênis esta a partir de 1880 mas não tenho certeza pois meu alemão está enferrujado

20:53 Aluno A: não tenho certeza se jogavam com a mão ou uma espécie de raquete

20:54 Professor: existem duas correntes sobre a vinda do tênis ao Brasil (como está escrito no texto). Uma delas diz que os alemães trouxeram o tênis para o Rio Grande do Sul, por volta de 1880 mesmo

20:54 Aluno A: há também, a linha de tempo estava muito boa

20:55 Professor: ela diz que os imigrantes mais abastados trouxeram um kit de tênis para passarem o tempo

20:55 Aluno B: Li sobre uma referência desse jogo com a mão no país Basco, os Bascos "herdaram" dos romanos e depois ficou conhecido como pelota Basca.

20:56 Aluno B: há também um desenho sobre a evolução das quadras

20:56 Aluno A: a sobre os vídeos dos fundamentos qual a faixa etária para os exercícios mostrados

20:56 Professor: Parece ser uma referência interessante, Aluno B. Coloque ela no fórum.

20:57 Professor: Calma, Aluno A.... primeiro, vamos finalizar esta parte de história.

20:57 Aluno B: interessante é que segundo esse trabalho a altura da rede e dos postes diminuiu, inclusive no centro

20:57 Aluno B: já coloquei no fórum, antes de entrar no chat

20:58 Professor: Perfeito. Sobre o que a Aluno B falou, pode-se ver esta evolução em diversos esportes parecidos (que possivelmente tiveram uma origem similar)

20:59 Professor: Como o badminton, a própria Pelota Basca (que deriva diretamente do Jeu de Paume francês)

21:00 Professor: Jeu de Paume que, segundo vários autores, é o predecessor "oficial" dos esportes de raquete

21:02 Aluno A: tudo bem, voltando os primeiros alemães no Brasil, foi no Espírito Santo no início do século XIX lá pode haver mais informações referentes a origem do tênis ou seu antecessor aqui, bem é uma parte bem interessante

21:02 Aluno B: Neste trabalho diz que a pelota Basca se originou de um jogo chamado "harpastum" que era romano e foi adaptado pelos Bascos com o nome de "paume" por ser a bola batida com a mão contra uma parede ou muro.

21:04 Professor: Só para finalizar. Este jogo, Harpastum, é o equivalente romano ao "Spairistike" grego, que é um dos primeiros jogos com bola que se tem referência. O Harpastum, dizem alguns pesquisadores, lembrava o Paume. Existem indícios até de redes utilizadas durante os jogos.

21:04: Aluno B abandonou este chat

21:06 Professor: Aluno A, esta informação sobre Espírito Santo me interessou. Fale mais sobre isso

21:06 Aluno A: Professor, também há uma relação muito grande entre o punhobol e o tênis nesses clubes de origem alemã.

21:07 Aluno A: como a Sogipa e a Ginástica em N. Hamburgo

21:08: Aluno B entrou no chat

21:09 Professor: sim, ambos foram trazidos pelos imigrantes, que formaram os primeiros clubes na nossa região. Queres falar mais sobre esta relação?

21:09 Aluno B: oi, acabei saindo sem querer tentando instalar o programa, agora sim tenho certeza que é o bloqueador do windows

21:09 Professor: Sem problemas. Aluno B, o Aluno A está falando sobre a relação entre o tênis no Brasil e a colonização alemão.

21:10 Aluno B: talvez pudéssemos achar alguma coisa nos clubes fundados por alemães, como a SOGIPA

21:11 Professor: ou mesmo a Leopoldina Juvenil, que incorporou um dos primeiros clubes a ter o tênis como esporte oficial: o Wahalla

21:13 Aluno B: interessante, pode ser que lá haja alguma referência

21:13 Aluno A: os primeiros alemães a virem para o Brasil foram para o Espírito Santo no início de 1800, eles estavam fugindo de Napoleão e muitos dos homens serviram ao imperador , os mais altos os demais foram para o Espírito Santo; e a relação nesses clubes é bem peculiar, pois os atletas que se casam do tênis ou vôlei de competição acabam voltando para o punhobol, pois é um esporte amador aqui e há na Europa mercado para os brasileiros de ambos os sexos , o melhor jogador do mundo é de POA e nos dois últimos mundiais o Brasil inovou o sistema tático do mesmo

21:14 Aluno A: desculpe a digitação

21:15 Aluno A: um dos meus colegas da graduação era da seleção nacional

21:16 Professor: não conhecia esta relação. Muito interessante! Quem sabe coloca esta tua contribuição do fórum sobre história? Assim poderemos comentar mais profundamente

21:16 Aluno A: tudo bem

21:17 Professor: Pessoal, alguma consideração a mais sobre a história?

21:17 Aluno A: da minha parte é isso

21:17 Aluno B: Boa idéia, assim eu ganho um tempinho para pesquisar mais. Pessoas...como diz o nosso teacher..vou ter que sair para jantar pois estou faminta...trabalhei desde muito cedo e só comi porcaria o dia inteiro e o frio está "pegando".

21:18 Professor: certo, desculpa por já estar passando do horário estipulado.

21:18 Aluno A: até sábado pessoal

21:18 Aluno B: tudo certo para sábado?

21:18 Professor: façamos o seguinte:

21:19 Aluno B: vou tentar mais tarde instalar o programa

21:19 Professor: eu criarei um fórum sobre os aspectos técnicos. Assim que vocês puderem acessar o material, comente-no neste fórum

21:19 Aluno A: eu também

21:20 Aluno B: tudo bem

21:20 Professor: sobre sábado, como a previsão é de chuva, irei procurar uma quadra coberta

21:20 Professor: assim que tiver o endereço correto, envio para vocês, OK?

21:20 Professor: Aluno A, preciso do teu telefone!

21:20 Aluno B: então espero e-mail para confirmar o local

21:20 Aluno B: Boa noite!

21:21 Aluno A: eu também vou esperar até sábado boa noite

21:21 Professor: certo Aluno B. E não se esqueçam de acessar a página do curso para postar as atividades!

21:21 Aluno B: prometo fazer o tema

21:21 Professor: Aluno A, preciso do teu telefone!

21:21 Aluno A: te dou ele amanhã pois estou com um novo e não decorei
Professor

21:22 Professor: Certo, Aluno B 😊

21:22 Professor: certo, Aluno A

21:22 Aluno B: mais alguma instrução/recomendação?

21:22 Professor: muito obrigado pela participação de vocês

21:22 Aluno B: então até

21:23 Professor: até mais!

21:23 Aluno B: pode deixar, vou estar "forte" sábado, ah adorei ver o jogo do CD, assustadora a cara de brava da Serena, eu é que não encarava um jogo....

21:23 Professor: qualquer um

21:23 Aluno B: fui

21:24 Professor: hehe é pequena a criança

21:24: Aluno B abandonou este chat

21:28 Professor: abraços e até amanhã!

21:28 Aluno A: tchau!

21:29: Aluno A abandonou este chat

APÊNDICE E – Chat “Adaptação de Espaços e Materiais”

19:59: Professor entrou no chat

20:04: Aluno A entrou no chat

20:04 Professor: Opa, tudo bem?

20:04 Aluno A: oi Professor

20:05 Professor: tudo tranqüilo?

20:05 Aluno A: tudo certo e com vc?

20:05: Aluno B entrou no chat

20:06 Aluno B: Olá, Boa Noite

20:06 Professor: tudo bem também. Boa noite, Aluno B!

20:06 Aluno A: oi Aluno B!

20:07 Professor: Então, gostaram da aula de sábado?

20:07 Aluno A: sim

20:08 Aluno B: Gostei muito!! aprendi exercícios novos e foi muito interessante a maneira como eles foram apresentados, a progressão que leva ao movimento esperado

20:09 Aluno A: peço que me desculpem, mas eu estou completamente cansado hoje, pois estamos em uma semana de competições na escola e eu acabei de chegar.

20:09 Professor: que bom! A idéia deles foi justamente mostrar atividades que vocês pudessem aplicar com seus alunos.

20:10 Aluno A: mas vou ficar por consideração a vcs

20:10 Aluno B: e então, tudo certo para nossa aula prática de sábado?
Onde será?

20:10 Professor: Aluno A, não te preocupes. É só uma hora de conversa.

20:11 Professor: Aluno B, ainda não defini o lugar (novamente) por causa do tempo. Ligo para vocês assim que tiver uma confirmação.

20:11 Aluno A: tá certo!

20:11 Aluno B: ok

20:12 Professor: Bom pessoal, o assunto da nossa conversa de hoje é a aplicação do tênis nas vossas escolas...

20:12 Aluno A: pois é eu estava lendo sobre isso!

20:13 Professor: a idéia é que troquemos algumas opiniões sobre como isso pode ser feito...

20:14 Professor: que material que estavas lendo, Aluno A? O do curso ou um outro texto?

20:14 Aluno B: Bom, eu começaria por tentar despertar o interesse dos alunos e a partir daí iniciaria com jogos e brincadeiras para melhorar ou ampliar o repertório motor, como está muito bem descrito no texto que lemos

20:14 Aluno A: o do curso!

20:16 Professor: Vocês tem alguma consideração contra o que está no texto? Algo que vocês discordaram quando leram?

20:17 Aluno A: nós temos uma quadra externa na escola que se encaixaria perfeitamente para a aplicação da proposta do curso...

20:17 Aluno B: acho que "ganhar" os alunos ou ter a adesão da turma ao projeto de iniciação ao tênis é a parte mais difícil, porque nas escolas é diferente. Num curso ou projeto fora da escola os alunos vão porque estão interessados, mas na escola o interesse quase sempre está em jogar futebol ou Vôlei

20:18 Aluno B: Outra dificuldade que percebo é que eles não têm paciência de ficar muito tempo na iniciação ou preparação, querem logo é disputar, jogar de verdade como eles dizem

20:19 Aluno A: além disso vários alunos nas séries iniciais que certamente iriam se interessar pelo tênis.

20:20 Aluno A: vejo exatamente o contrário do Aluno B na minha escola!

20:21 Professor: bom, para esse ponto (de cativar os alunos), uma das sugestões que eu vi dar resultado foi fazer uma espécie de festival. Um dia com várias atividades, que mostraria para as crianças o que é o tênis.

20:21 Aluno B: Nas escolas públicas, os alunos não tem educação física nas séries iniciais do ensino fundamental, com raras exceções. Desta maneira, quando estão nas séries finais temos que fazer todo o trabalho da base motora

20:22 Aluno B: É uma ótima idéia essa do festival

20:22 Professor: Bom, uma das primeiras coisas que temos que definir é a faixa etária com a qual se trabalha...

20:23: Aluno C entrou no chat

20:23 Professor: Olá Aluno C, estamos discutindo sobre a viabilidade da inclusão do tênis em escolas.

20:24 Aluno C: Boa noite, desculpe a demora tinha competição na escola

20:24 Aluno B: Nas escolas que trabalho, na 5ª série a faixa etária oscila entre 10 e 16 anos, temos muitos repetentes e também alunos que voltaram a estudar. Mas sempre temos o maior grupo entre 10 e 13

20:24 Professor: estas atividades mais "simples", como as primeiras que eu mostrei para vocês no sábado, são mais voltadas a um trabalho de preparação da base motora

20:25 Professor: não que elas não sejam trabalhadas com os mais velhos (tanto que trabalhei elas com vocês!), mas o tempo que vai ser trabalhado muda radicalmente.

20:26 Professor: Ou seja, como coloquei no texto, será um trabalho mais parecido com o Pré-tênis, para as mais novas...

20:27 Professor: Aluno A, tu estavas falando que na tua escola seria diferente. Comente mais sobre isso.

20:32 Aluno A: Bom, nós tivemos um tempo atrás um projeto de EF nas séries iniciais, em que as aulas eram ministradas pelos prof. de EF. Atualmente este projeto foi trancado pela CRE, mas pretendemos retomar daqui um tempo. Também temos um projeto de escolinha de futsal e handebol e certamente o tênis teria uma aceitação grande por parte até mesmo dos mais velhos.

20:33 Professor: como tu vê esse projeto? Durante as aulas ou como atividade extra-classe?

20:34 Aluno A: Nas aulas de EF não tenho muita certeza que daria certo, mas não custa tentar. Já nas ativ. extra-classe eles iriam por interesse próprio.

20:35 Professor: Aluno C, tu achas que, durante as aulas de EF, o tênis tem condições de ter sucesso?

20:36 Aluno A: Por ser uma novidade, até mesmo os mais velhos iriam se interessar, eu creio!!!

20:39 Professor: Aluno A, guarda este ponto (da novidade), que já chego nele!

20:39 Aluno C: Sim, contudo o problema para mim seria o grande número de alunos nas aulas, todavia nos projetos daria certo

20:40 Aluno B: Sempre dá para negociar, 1 ou 2 períodos por semana de novidade e 1 de podem escolher o esporte

20:40 Professor: Bom, vocês abordaram dois dos pontos que eu vejo como os mais importantes para o sucesso das aulas de Tênis nas escolas: o interesse das crianças e o grande número de alunos...

20:42 Professor: sobre o interesse, por ser uma novidade, como o Aluno A falou, o tênis pode causar realmente um interesse nas crianças, afinal, é algo que a maioria não tem oportunidade de praticar...

20:43 Professor: mas e quanto ao número de alunos? Vocês vêem saídas para isto? Quais?

20:43 Aluno B: já tive a dificuldade do número de alunos com poucas raquetes, o que fiz foi dividir em grupos, enquanto um grupo ficava no tênis os outros ficavam no vôlei e futebol

20:43 Aluno B: ahhh, claro...não é toda escola que tem tanto espaço

20:47 Aluno B: Além da ou das quadras, dá para utilizar o pátio se houver espaço, e isso também depende da etapa ou da evolução da aula

20:48 Professor: realmente, o espaço é um dos principais empecilhos. Mas os materiais podem ser adaptados (uma sugestão está colocada no curso, mas existem diversas outras)...

20:48 Aluno A: felizmente na minha escola temos espaço para a aplicação do tênis ou melhor mini-tênis, desta forma alguns poderiam estar nestas atividades enquanto outros teriam que estar praticando outra modalidade.

20:51 Professor: mas será que não existe a possibilidade de todos terem aula ao mesmo tempo (sem “mortes” ao final da aula)?

20:53 Aluno B: acho que sim, depende do que, se for algum jogo ou atividade que seja realizada em pequenos grupos, como algumas das que fizemos no sábado, acho que dá. Já andei fazendo algumas experiências até em sala de aula em dia de chuva.

20:53 Aluno C: Eu dividiria a aula em circuitos, assim conseguiria atender melhor eles, só que eu tenho o problema do espaço

20:53 Aluno B: boa idéia Aluno C!

20:54 Professor: gostei, Aluno C.

20:54 Aluno C: No aquecimento da equipe de handebol usei as atividades de sábado, mas não era na aula e sim no projeto

20:56 Professor: o trabalho com circuitos é um dos mais indicados nas aulas de mini-tênis, porque permite que as crianças pratiquem a tarefa por mais tempo, além de facilitar o controle.

20:56 Aluno C: Foi um sucesso me animei bastante, vou fazer no ginásio, tenho pouco pátio p/ o número de docentes

20:57 Aluno A: acho que para os pequenos seria tranqüilo, mas para os maiores as atividades teriam que ser em circuitos, como foi dito, e mais exigentes para que haja motivação!

20:58 Professor: Concordo contigo, Aluno A!

21:00 Professor: Acredito que a idade é o maior ponto a ser levado em consideração. Para os mais velhos, uma das principais saídas que vejo é o trabalho em circuitos, pois assim o nível da tarefa pode ser maior, adaptado às necessidades do aluno.

21:04 Aluno B: Sim, porque nas escolas a educação física, quase sempre, inicia a partir da 5ª série e como já escrevi antes a faixa etária é muito variada e portanto cabe um trabalho diferenciado

21:05 Aluno B: desculpem os erros, já estou trocando letras

21:05 Professor: Sem problemas.

21:06 Aluno B: estou adorando nosso chat, acho que contribui bastante para o nosso trabalho.

21:07 Professor: Bom pessoas, gostei da nossa conversa. Abordou temas que eu considero extremamente pertinentes à inclusão do tênis em escolas. Para resumir, conversamos sobre a viabilidade da inclusão, alguns problemas que podem aparecer (como o grande número de alunos, a forma de se trabalhar, para cada faixa etária)...

21:08 Professor: com certeza o tema não acaba aqui. Por isso, gostaria que esta conversa continuasse no fórum sobre este tema (pressupostos teóricos)...

21:08 Aluno B: como nosso horário já chegou ao fim e todos tivemos muito trabalho durante o dia, sugiro que continuemos no sábado.

21:08 Aluno B: e no fórum, claro!

21:09 Aluno B: Boa noite e até sábado!

21:09 Aluno C: Tudo bem, estou muito cansado mas prometo participar no fórum

21:09 Professor: Sobre os fóruns, gostaria realmente que todos participassem, pois esta é a principal ferramenta do nosso curso. É ali que realmente podemos trocar idéias. Espero a colaboração de vocês.

21:09 Professor: Sobre a aula de sábado, entro em contato via telefone para marcar o local, OK?

21:09 Aluno B: ok

21:10 Professor: Muito obrigado pela participação de todos!!!! 😊

21:10 Aluno A: valeu galera!!!!Fui!!

21:10 Professor: Caso não tenham mais nada a perguntar, até sábado!

21:10 Aluno B: até!!

21:10 Professor: certo Aluno C

21:10 Professor: Até mais!